



LYSANDRA FELIZARDO PEREIRA DA PAZ  
ORIENTADOR: PASCAL MACHADO

# UM LAR PARA A CULTURA POPULAR

A NOVA SEDE DA NAÇÃO DO MARACATU AURORA AFRICANA



RECIFE  
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**LYSANDRA FELIZARDO PEREIRA DA PAZ**

**UM LAR PARA CULTURA POPULAR:**  
A NOVA SEDE DA NAÇÃO DO MARACATU AURORA AFRICANA

TCC apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

**Orientador(a):** Prof. Pascal Machado

Recife, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Paz, Lysandra Felizardo Pereira da.

Um lar para cultura popular: a nova sede da Nação do Maracatu Aurora Africana / Lysandra Felizardo Pereira da Paz. - Recife, 2023.

95 : il.

Orientador(a): Pascal Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Projeto de Arquitetura. 2. Maracatu Nação. 3. Patrimônio Imaterial. 4. Patrimônio Ferroviário. I. Machado, Pascal. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

LYSANDRA FELIZARDO PEREIRA DA PAZ

**UM LAR PARA A CULTURA POPULAR:  
a nova sede da Nação do Maracatu Aurora Africana**

Ao 3º (terceiro) dia do mês de outubro do ano de 2023, realizou-se a sessão pública online de apresentação e arguição do Trabalho de Curso intitulado “Um lar para a cultura popular: a nova sede da Nação do Maracatu Aurora Africana”, de autoria da aluna LYSANDRA FELIZARDO PEREIRA DA PAZ. O Comitê de Avaliação, indicado pelo Comitê do Trabalho de Curso, foi composto pelos presentes membros: Prof. Pascal Machado, presidente e orientador(a) do trabalho, Prof<sup>ª</sup>. Dra Izabella Galera e Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tamáris da Costa Brasileiro Meneses, Arquitetos(as) e Urbanistas do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco e o Arquiteto e Urbanista Me. Bruno Celso de Araújo Ferraz, como componente externo à Instituição. Após a apresentação e arguição, em sessão secreta, o Comitê atribuiu as seguintes notas ao(a) candidato (a): \_\_\_\_ (\_\_\_\_), \_\_\_\_ (\_\_\_\_) e \_\_\_\_ (\_\_\_\_), ficando o(a) aluno(a) com a média final \_\_\_\_ (\_\_\_\_), sendo considerado(a) Aprovada. Para constar foi lavrada a presente ata, assinada pelo(a) aluno(a), pelos membros do Comitê de Avaliação e representante do Comitê de TC – Trabalho de Curso.

Aprovado em: 03/10/2022.

BANCA EXAMINADORA

Banca realizada por videoconferência

---

Prof<sup>º</sup> Me. Pascal Machado (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

Banca realizada por videoconferência

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Isabella Galera (Examinadora interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

Banca realizada por videoconferência

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Tamáris da Costa Brasileiro Meneses  
(Examinadora interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

Banca realizada por videoconferência

---

Me. Bruno Celso de Araújo Ferraz  
Universidade Federal de Pernambuco

# DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todo maracatuzeiro e maracatuzeira  
que ao longo da história não deixou parar o tambor até que  
esse som um dia finalmente chegou até mim.*

# AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma me proveram educação. Aos meus pais pela educação doméstica, pelos primeiros passos aprendidos na caminhada de ser quem sou. No campo da educação formal agradeço à Universidade de Pernambuco por me ensinar a aprender em minha tão importante e afetiva primeira graduação no Bacharelado em Ciências Biológicas. Agradeço a todos que caminharam comigo ali.

Da Universidade Federal de Pernambuco, onde caminho agora, agradeço a todos os mestres, em especial à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Rita Sá Carneiro e ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Joelmir Marques pelos passos dados no Laboratório da Paisagem. Agradecimento ainda mais especial dedico ao Professor M.e Pascal Machado, que orienta esse trabalho, pelo seu olhar afetuoso e cheio de esperança sobre um tema sob o qual seu olhar estrangeiro não lançou nenhum preconceito e sim muito fascínio e curiosidade pra buscar comigo um caminho possível.

Da UFPE não posso me despedir sem agradecer também aos que caminharam ao meu lado como discentes. À Ana Katheline, Lucas Xavier e Thais Santos eu dedico além da gratidão o amor acima de tudo. Aprendemos, lutamos e crescemos juntos nessa jornada. Para além do Departamento de Arquitetura e Urbanismo também encontrei morada: à Pedro Bezerra, amigo e técnico do departamento de Artes Visuais, agradeço pela escuta, o incentivo e a fé inabalável de que eu sou capaz, mesmo quando eu mesma duvido.

No campo da educação cultural agradeço sobretudo a todos os mestres e mestras maracatuzeiros que vieram antes de mim. A todos com quem aprendi e a todos a quem ensinei meu muito obrigada.

Agradeço ao Grupo Pernambucar-te e a todos que fazem ele possível. A todos que ali me ensinaram e aos que foram meus alunos. Cada riso, cada cerveja e cada batida no tambor contribuíram para a construção da minha identidade como maracatuzeira e conseqüentemente com esse trabalho.

Agradeço à Fábio Sotero, presidente da minha Nação do Maracatu Aurora Africana pelo apoio multifacetado, na indicação de referências, empréstimo de livros, entrevista e contação de histórias. Ao mestre Sandrinho, contramestre Vela Preta, vice-presidente Eliane Araújo, queridos batuqueiros Ágatha, Rafael, Preta, Flávio, Gervásio, à Dama-do-Paço Joelma Evaristo, Porta-Bandeira Clóvis do Monte e tantos outros que estão ao meu

lado em cada nova ida da Nação às ruas para mostrar do que somos feitos. Agradeço a toda a Nação do Maracatu Aurora Africana e ofereço esse trabalho como prova de meu amor.

Agradeço ainda à Rafael Silva Aguiar, meu incentivador e parceiro maracatuzeiro que está ao meu lado no Pernambucar-te, na Nação Aurora Africana e na vida, sendo a 10 anos meu amor de carnaval.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo o desenvolvimento do estudo preliminar de um espaço sede para a Nação do Maracatu Aurora Africana, a partir da refuncionalização do patrimônio ferroviário. O trabalho está dividido em 5 capítulos. No 1º Capítulo apresenta-se sob uma perspectiva histórico/cultural o Maracatu Nação, patrimônio imaterial nacional e uma das mais antigas manifestações da cultura popular em Pernambuco. No 2º capítulo apresenta-se a Nação do Maracatu Aurora Africana, contextualizando sua trajetória no panorama histórico apresentado no capítulo 1 e também a relação com o território em que se estabelece: o Município de Jaboatão dos Guararapes. O 3º capítulo discute as relações comunitárias entre grupos de cultura e seus territórios, com ênfase na questão da sede dos grupos e a situação de insegurança e precariedade com que se leva a cabo o fazer cultural. Um estudo de caso exemplifica a luta pela conquista da sede própria. O 4º capítulo apresenta o território de implantação do projeto. Buscando compreender Jaboatão dos Guararapes para além da história oficial, aponta as ruínas do complexo ferroviário como importante elemento da memória coletiva e o uso cultural como alternativa ao abandono. O 5º capítulo apresenta o recorte de trabalho, as diretrizes, o programa, as referências projetuais e por fim o estudo preliminar de arquitetura.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1. Grupo de jovens de classe média se apresentam no evento de lançamento do edital para captação de recursos de apoio à cultura pela Lei Aldir Blanc. Desfocado em primeiro plano o prefeito do Recife, João Campos. Fonte: ..... 15
- Figura 2. Gravura de Jean-Baptiste Debret “Diferentes Nações Negras”. (Fonte: <<https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/17038/differentes-nations-negres>>) ..... 18
- Figura 3. Quadro "A redenção de Cam", símbolo da política racista e eugenista de branqueamento da população brasileira, disseminada no período pós-abolição. .... 20
- Figura 4. Gravura "Maracatu" de Abelardo da Hora - 1965..... 23
- Figura 5. Gravura "Rainha do Maracatu", de Abelardo da Hora - 1963 .... 24
- Figura 6. Gravura "Danças populares de Carnaval", de Abelardo da Hora, retratando a figura da Dama-de-Paço do Maracatu – 1965..... 24
- Figura 7. Pintura "Maracatu" de Marianne Peretti - 1965. .... 25
- Figura 8. Colagem de fotos de apresentações do Balé de Cultura Popular Form&Art. Fonte: acervo pessoal de Fábio Sotero. .... 37
- Figura 9. Artigo publicado na Revista do 3º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau, apresentando o Balé Form&Art. Fonte: acervo pessoal de Fábio Sotero..... 37
- Figura 10. Sede localizada no Bairro da Vila Rica. Em frente ao imóvel um palco improvisado em madeira. (Fonte: acervo pessoal do integrante Garvásio Filho) ..... 40
- Figura 11. Localização dos equipamentos de transporte público e espaços de importância para a Nação do Maracatu Aurora Africana. .... 41

Figura 12. Situação encontrada no Barracão quando da ocupação pelos integrantes da Nação do Maracatu Aurora Africana. (Fonte: Acervo Pessoal do Presidente Fábio Sotero) .....	43
Figura 13. Localização do Barracão na Comunidade Padre Roma, Bairro Centro. ....	46
Figura 14. Planta-baixa do Barracão. ....	46
Figura 15. O barracão - Uso dos espaços. ....	47
Figura 16. Trecho da reportagem “O Leão Coroado e a Resistência Negra”, publicada no jornal NEGRITOS em fevereiro de 1987. (Fonte: < <a href="http://negritos.com.br">http://negritos.com.br</a> >) .....	48
Figura 17. Trecho da nota "Axé da lua recebe ordem de despejo", publicada no Informativo DJUMBAY na edição de Dez/Jan de 1994. (Fonte: < <a href="http://negritos.com.br">http://negritos.com.br</a> >) .....	49
Figura 18. Peça de divulgação da campanha "O começo do novo lar do Encanto do Pina" veiculada pelo grupo via redes sociais. Fonte: < <a href="https://www.instagram.com/p/Bxz_c56JI_R/">https://www.instagram.com/p/Bxz_c56JI_R/</a> > .....	50
Figura 19. Município de Jaboatão dos Guararapes. Caracterização, divisão administrativa e bairros da Regional 01 - Centro. ....	59
Figura 20. Vista aérea das Oficinas da rede ferroviária em Jaboatão Centro. No topo da imagem o complexo de oficinas e garagens de vagões. No canto inferior esquerdo a Praça Dantas Barreto com seu coreto. Em frente à Praça está a Estação Jaboatão. ....	61
Figura 21. localização das estruturas do Complexo Ferroviário em Jaboatão dos Guararapes, na região centro. ....	63
Figura 22. Ruínas da Estação vistas de dentro do Terminal Integrado de Transporte de Jaboatão Centro. (Fonte: acervo da autora, 2023) .....	64
Figura 23. Em primeiro plano o pontilhão do METROREC. Adiante as ruínas do Pontilhão de estrutura metálica da linha de trem. Ambos passam sobre o rio Duas Unas. à direita o Clube dos Trabalhadores Ferroviários. Foto tirada de cima da passarela sobre os pontilhões .....	64

Figura 24. Vista da estação em ruínas. Ao fundo torre pertencente à infraestrutura do terminal de ônibus. (Fonte: Iphan, 2009) .....	65
Figura 25. Vista da Estação, plataforma e, à direita, Estação CBTU/METROREC. (Fonte: Autora, 2023) .....	66
Figura 26. Fachada da Estação com alvenaria exposta. (Fonte: Autora, 2023) .....	67
Figura 27. À direita a Estação Terminal Jaboatão, do sistema CBTU-METROREC. À direita as Ruínas da Estação de trem. Ao centro os trilhos soterrados e a vegetação obstruindo a vista em direção à ruína do pontilhão. ....	69
Figura 28. Foto Retirada de cima da passarela de pedestres que conecta a comunidade da cascata. O centro as ruínas do pontilhão de trem. A Esquerda o Clube ferroviário, à direita a linha de Metrô. Destaque para vegetação obstruindo a vista para estação e uso inadequado do espaço para criação de animais. (Fonte: Autora) .....	70
Figura 29. Foto realizada a partir da PE-007 mostra o Clube Ferroviário, a ruína do pontilhão de trem, a passarela de pedestres e o Rio Duas Unas. (Fonte: Autora).....	70
Figura 30. Perímetro de intervenção, situação atual e principais estruturas do entorno. ....	71
Figura 31. Item 1273-1 do Arquivo da RFFSA, datado de 27/03/1974. Prancha de projeto apresenta planta baixa, corte e fachadas da Estação Ferroviária de Jaboatão. (Fonte: Foto da autora do material disponível para consulta presencial no acervo do IPHAN-PE).....	72
Figura 32. Item 214-2 do Arquivo da RFFSA, datado de 02/05/1957. Planta de situação da Esplanada de Jaboatão. (Fonte: Foto da autora do material disponível para consulta presencial no acervo do IPHAN-PE).....	72
Figura 33. Mapeamento das diretrizes de projeto. ....	74

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
<b>1. O MARACATU NAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 Vários Maracatus .....	13
1.2 Mas, o que é mesmo maracatu nação?.....	16
1.3 As Nações contemporâneas .....	27
<b>2. A NAÇÃO DO MARACATU AURORA AFRICANA .....</b>	<b>36</b>
<b>3. ESTUDOS DE CASO: O PROBLEMA DO LAR NA CULTURA POPULAR .....</b>	<b>48</b>
3.1 O Novo Lar da Nação do Maracatu Cambinda Estrela..	51
<b>4. JABOATÃO VELHO: DAS RETRETAS AOS MARACATUS.....</b>	<b>58</b>
4.1 As ferrovias: história oficial <i>versus</i> história dos trabalhadores .....	58
<b>5. O CENTRO CULTURAL NAÇÃO DO MARACATU AURORA AFRICANA .....</b>	<b>69</b>
5.1 O local .....	69
5.2 As diretrizes .....	73
5.3 O programa de necessidades .....	75
5.4 Principais referências projetuais .....	77
5.5 O Projeto.....	79
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>89</b>
<b>7. ANEXO 01 .....</b>	<b>91</b>
<b>8. APÊNDICE 01.....</b>	<b>93</b>

# INTRODUÇÃO

O Maracatu Nação é uma das mais antigas manifestações da cultura popular em Pernambuco, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN no ano de 2014, inscrita no livro de Formas de Expressão. Com grande conexão com as comunidades onde se estabelecem, os grupos oferecem à sociedade não apenas o divertimento de sua música e suas danças, mas também uma possibilidade de conexão com a história e a identidade negra do Brasil. Para além disso, as Nações do Maracatu tem desenvolvido importantes serviços atuando em áreas como educação, saúde e segurança alimentar das comunidades carentes onde historicamente se estabelecem. Mas essa cultura carece de espaços arquitetônicos adequados, salubres e seguros que possam abrigar suas necessidades. A maioria dos grupos se estabelecem em imóveis com problemas infraestruturais, de tamanho muito reduzido, com situação jurídica frágil e situações precárias de salubridade. É o caso da Nação do Maracatu Aurora Africana, grupo cultural do qual eu mesma faço parte como batuqueira desde 2011 e que está sediado na cidade de Jaboatão dos Guararapes, na região conhecida como Jaboatão Velho ou Jaboatão Centro.

Este trabalho objetiva o desenvolvimento de um estudo preliminar de arquitetura para uma sede para a Nação do Maracatu Aurora Africana. Para tanto foram percorridas diversas etapas, distribuídas em 5 capítulos.

No primeiro capítulo é traçado um percurso a partir de um referencial teórico historiográfico, buscando na primeira sessão fazer uma delimitação do objeto de estudo e afastando confusões a respeito de outras manifestações culturais comumente confundidas com o maracatu. Na segunda sessão busca-se definir o que é o maracatu Nação buscando suas origens na luta, durante o período escravista, por sobrevivência não apenas do corpo físico, mas da identidade cultural das pessoas negras vítimas do tráfico negreiro. Neste momento do trabalho busca-se compreender a convulsão social que deu origem a essa manifestação cultural e qual o percurso percorrido pelos brincantes dessa cultura para trazê-la com sucesso até o século XXI, sendo a mais longeva manifestação da cultura popular pernambucana. Na terceira sessão é apresentado o maracatu contemporâneo, frisando que há diferenças de um grupo pra outro e sobretudo diferenças em relação ao que o maracatu foi no passado, já que

se trata de uma manifestação da cultura imaterial de tradição oral em constante processo de recriação.

No segundo capítulo é apresentada a Nação do Maracatu Aurora Africana, com foco no seu percurso por diversos imóveis na região de Jaboatão Velho, os percalços, as conquistas e as contribuições para a comunidade. Em seguida foi realizado um estudo do imóvel em que o grupo se encontra hoje e uma avaliação a respeito da possibilidade de permanência no espaço ou a necessidade de uma mudança. Para construção deste capítulo foi feita uma entrevista com Fábio Sotero, presidente da Nação do Maracatu Aurora Africana.

No terceiro capítulo a história da luta por uma sede própria da Nação do Maracatu Aurora Africana é colocada em um contexto geral. São apresentados casos de grupos que lutam ativamente pela obtenção, permanência ou por reformas em seus espaços, afim de melhorar as condições em que suas atividades são desenvolvidas. O que denomino aqui como “O problema do lar na cultura popular” é exemplificado com o estudo de caso da Nação do Maracatu Cambinda Estrela e a luta pela reforma da sua Sede, afim de compreender como se deu o processo e quais as novas demandas de um grupo que, neste quesito, está um passo à frente daquele que é objeto desse trabalho.

O quarto capítulo é uma tentativa de compreender o território onde se estabeleceu a Nação do Maracatu Aurora Africana, qual a influência da história dos trabalhadores ferroviários para construção do município e como esta memória ferroviária juntamente com o patrimônio industrial ferroviário decorrente deste processo vem sendo apagada e abandonada. Esta análise do território possibilitou identificar a ruína da estação ferroviária como uma oportunidade de reviver a memória ferroviária a partir da incorporação das novas dinâmicas culturais do município no século XXI.

Enquanto o capítulo 1 é essencial para compreender a relevância do Maracatu Nação como patrimônio imaterial, os capítulos 2 e 3 ajudam a aproximar-se do caso concreto e iniciam a constituição do programa necessidades. O capítulo 4 auxilia na compreensão do território e na escolha do local do projeto. No capítulo 5, por sua vez, é descrito o projeto em si, com a apresentação das preexistências, do programa de necessidades e as plantas de arquitetura, urbanismo e paisagismo.

## CAPÍTULO 01

# O MARACATU NAÇÃO

### 1.1 Vários Maracatus

A melhor forma de começar a definir o que o Maracatu Nação “é” talvez passe por explicar o que ele “não é”. As manifestações da cultura imaterial de tradição oral são vistas muitas vezes como um borrão confuso em que sons, cores e personagens se misturam na visão do cidadão desavisado. No caso das tradições de herança africana, tal confusão não nasce ao acaso e é fruto do descaso com a história negra no Brasil. Nas palavras do pesquisador Ivaldo Marciano Lima (2005) *“para a historiografia o que era importante estava presente nos atos e fazeres da intelectualidade branca das camadas sociais mais abastadas”*. Assim, mantém-se ainda nos dias atuais a população alienada da cultura popular ainda que muitas vezes afirme orgulhar-se dela.

Aqui falamos do Maracatu Nação, também conhecido como Maracatu de Baque Virado. Mais de uma manifestação cultural carrega o nome maracatu, mesmo que tenham pouco a ver umas com as outras. A origem do Maracatu, que será discutida mais adiante, está intimamente ligada à cerimônias festivas realizadas pelos negros escravizados. Tais festejos e danças foram comuns e difundidos em territórios com grande número de escravizados, não apenas no Brasil mas também na América Espanhola, na Europa e na África (MELLO E SILVA, 2014). Os nomes são tão diversos quanto os festejos em si: Reisados, Maracatus, Coroações do Rei do Congo, Congadas, ou simplesmente Congos, dentre outros (ANDRADE, 1982). O Maracatu Nação faz parte desse hall de bens culturais com origem comum e, em Pernambuco, maracatus são 2: o que tratamos aqui, Maracatu Nação, e um outro, o Maracatu de Orquestra ou de Baque Solto.

O Maracatu de Orquestra é um brinquedo popular com composição cultural híbrida com influências da cultura negra e indígena. Tem sua representação mais emblemática na figura do caboclo de lança, personagem que veste figurino multicolorido e vistoso com lantejoulas bordadas e uma cabeleira de fitas, anteriormente de tecido e hoje de material cintilante. Embaixo de sua roupa, chamada gola, carrega um conjunto de sinos, que chacoalham ao ritmo de sua dança. Nas mãos o caboclo leva uma lança adornada com fitas que demonstra o apelo bélico do personagem. Os caboclos dançam ao som do batuque que é regido pelo mestre de apito, que

comanda a orquestra e declama as toadas e poesias. A orquestra é composta por instrumentos de percussão (gonguê, mineiro, caixa-de-guerra, cuíca e surdo) e de sopro (trombone, trompete, clarinete e saxofone) que entoam um batuque frenético e estridente. O domínio territorial deste brinquedo popular é bem definido, trata-se de uma brincadeira da Zona da Mata pernambucana. São mais de 100 grupos espalhados por 25 cidades localizadas principalmente nesta região, cujas características culturais remontam à implantação da economia açucareira (AMORIM, 2018). A territorialidade, a dança, a música e os personagens marcam a diferença desde brinquedo com aquele que chamamos de Maracatu Nação. Daí que Maracatu Nação não é maracatu de orquestra.

Um outro festejo que leva o nome de maracatu tem origem na cidade de Fortaleza, chamado Maracatu Cearense. Nascido em Fortaleza no contexto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, tem sua configuração dramática semelhante ao maracatu-nação, com a presença de Rei, Rainha, damas de paço e calungas. Mas sua sonoridade é radicalmente diferente, baseada principalmente num ritmo de andamento lento semelhante ao lundu e chamado Maracatu Solene. Outra diferença marcante é a prática do negrume, onde os brincantes pintam seu rosto de preto para desfilar (MILITÃO, 2012).

Para além desta confusão no caldeirão da cultura afrobrasileira, o maracatu enfrenta no momento um grande desafio: o embranquecimento em face dos chamados grupos percussivos e grupos parafolclóricos. O livro ***“Mas, o que é mesmo maracatu-nação?”*** (LIMA, 2013) dedica um de seus capítulos ao tema na tentativa de estabelecer limites entre o bem cultural Maracatu-Nação e estes grupos. Ao contrário dos Maracatus-Nação, cuja ocorrência restringe-se ao território da região metropolitana do Recife, os grupos percussivos de maracatu estão presentes em vários lugares do Brasil e do mundo. O impulsionamento e multiplicação destes grupos está ligado à valorização da cultura popular pernambucana na década de 80 com o advento do movimento mangubeat, que despertou interesse de jovens da classe média para manifestações da cultura anteriormente mal vistas e consideradas *“coisa de negros xangozeiros e favelados”*(LIMA, 2013). Outro fator cultural relevante foi o despertar do modernismo pernambucano, que buscou explorar temas da cultura popular especialmente nas artes. Tais grupos percussivos ou parafolclóricos são formados majoritariamente por jovens brancos das camadas médias urbanas que se reúnem nas áreas centrais da cidade (em especial no Bairro do Recife e no Sítio Histórico de Olinda) aos finais de semana para reproduzirem a musicalidade do

maracatu como uma atividade do campo do entretenimento e que frequentemente envolvem a cobrança de mensalidades.

Alguns maracatuzeiros de Nações de Maracatu tradicionais possuem rejeição a esses grupos por considerarem que são uma ameaça à tradição do maracatu. Essa atmosfera de tensão e crise, não é exatamente uma surpresa dado o fato de que processos de construção de identidade não são neutros. Tal embate e tom denunciativo foi considerado durante o processo de patrimonialização dos Maracatus e é abordado no parecer elaborado no processo de patrimonialização:

*“Após esse período [carnavalesco] poucos espaços são destinados aos Maracatus Nação, que muitas vezes também não possuem outras formas de renda. Enquanto isso, os grupos percussivos costumam realizar apresentações contratadas pela iniciativa privada e possuem mais facilidades para obter recursos públicos.” (IPHAN, 2014)*



Figura 1. Grupo de jovens de classe média se apresentam no evento de lançamento do edital para captação de recursos de apoio à cultura pela Lei Aldir Blanc. Desfocado em primeiro plano o prefeito do Recife, João Campos. Fonte:

Como se vê, além do embate a respeito da manutenção das tradições, o mercado cultural é um ponto de conflito, uma vez que os grupos percussivos, além de possuírem integrantes das classes médias, com maior escolaridade e mais acesso ao mercado cultural, estão presentes nos bairros centrais da cidade, tornando-se referência para a população em geral e

também para os turistas a respeito do que vem a ser o maracatu, amparando-se na invisibilização dos grupos tradicionais, cujo espaço nos holofotes da cultura está restrito ao ciclo carnavalesco.

## 1.2 Mas, o que é mesmo maracatu nação?

A África, continente muitas vezes lido com uma falsa unidade sociocultural, é bastante diversa, contando com 54 países independentes e incontáveis línguas, religiões e etnias. De origens diversas eram os africanos trazidos ao Brasil aos montes no ambiente desumano do navio negreiro em um número que varia entre 8 e 11 milhões de pessoas traficadas durante todo período do tráfico. Os africanos que conseguiam chegar vivos ao Brasil (a mortalidade na travessia alcançava os 20%) davam corpo a todo um sistema econômico sendo as mãos e os pés do senhor do engenho (SCHWARCZ; STARLING, 2018). Com cultura, idioma e sistemas de crenças variados, um caldeirão cultural surgia da luta pela sobrevivência, com uma criação de vínculos desde a viagem até o novo mundo.

Esses vínculos, ao contrário do que se possa pensar, deram origem a uma *“ampla e bem organizada rede de relações sustentada por laços étnicos, religiosos, profissionais, financeiros e de parentesco”* entre os escravizados (SOARES, 2004). Essa rede se ancorava em dois aspectos importantes da vida dos negros na colônia: a **conversão ao catolicismo** e a **incorporação da categoria de nação**.

A respeito da conversão ao catolicismo, esta era uma espécie de chave da aceitação social, facilitada por certas semelhanças entre as religiões africanas e a católica, como:

*“[...]o hábito de rezar em conjunto, o culto aos santos (que podiam ser identificados a espíritos e deuses secundários de religiões africanas), a condução dos ritos por um sacerdote e as procissões com danças. [...] até mesmo a crença em demônios e bruxaria podia ser facilmente entendida pelos africanos.” (MELLO E SILVA, 2014)*

Considerando esse processo de assimilação da religião do colonizador podemos compreender o culto à Nossa Senhora do Rosário pelo estabelecimento de uma relação direta do instrumento pelo qual os fiéis católicos professam sua fé, o rosário, com o colar de contas Opelé-ifá, um instrumento do sistema divinatório Oráculo Africano ou Ifá (MELLO E SILVA, 2014). Sob o culto a Nossa Senhora do Rosário, inúmeras Irmandades de Homens Negros foram fundadas, na coroa e nas colônias,

havendo registro de Irmandades de ***Nossa Senhora do Rosário dos Pretos*** desde 1494 em Portugal.

A formação das Irmandades Católicas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos proporcionou aos negros (escravizados ou forros) um espaço de convivência e sociabilidade que não seria possível em outras esferas sociais. Uma série de atos cerceados ou malvistas pelas autoridades eram permitidos no âmbito das Irmandades sob o pretexto de culto católico. Assim, constituiu-se, segundo Soares (2004), uma série de redes de poder, financeiras, de trabalho e de devoção, que custeavam alforrias, viabilizava pequenos negócios, prestava ajuda no enfrentamento a doenças e também realizava festejos.

O segundo aspecto relevante a ser abordado é a incorporação da categoria de Nação. A migração forçada da população capturada na África e levada às Américas forçou o desenvolvimento de categorias étnicas mais inclusivas, fazendo emergir esferas de solidariedade que não reproduziam de forma exata os padrões culturais anteriores mas recriavam as noções de africanidade, agora nas Américas (MELLO E SILVA, 2014; SOARES, 2004).

A palavra Nação, ainda hoje usada para distinguir tradições da cultura popular e da religiosidade (as chamadas Nações de Candomblé), já teve significados diversos. Na complexa e desumana lógica do tráfico de escravos, Nações eram atribuídas aos negros como um marcador de sua procedência no âmbito do tráfico, identificando o porto ou local do mercado em que eram comercializados em solo Africano, depois de uma longa e penosa jornada desde o seu real local de origem (MELLO E SILVA, 2014). Ainda segundo Mello e Silva (2014):

*“[...]o termo nação era empregado para designar grupos originários de uma mesma região, com costumes semelhantes, diferentes daqueles da sociedade na qual estavam inseridos. dessa forma, no Brasil, não apenas indígenas e africanos eram considerados conforme suas nações, carijó ou congo, por exemplo, mas cristãos novos também eram conhecidos como “gente de nação”, ou “a nação de cristãos novos”*

Mas, na tentativa de *“reverter ao seu favor as regras do jogo da escravidão e da sociedade colonial”*, o termo foi ressignificado ainda no período escravista servindo como *“ponto referência tanto para o reforço de antigas fronteiras étnicas e territoriais, como para o estabelecimento de novas configurações identitárias, sejam elas étnicas ou não”* (SOARES, 2004).

Segundo Soares (2004) dizer que pertencia à Nação Angolin, Nação Mina-Mahi, ou ainda Nação Mina-Coura, eram formas de encaixar-se em “categorias identitárias que operam fazendo uso das configurações étnicas” não sendo elas, ainda assim, grupos étnicos coesos, graças ao aspecto desagregador do tráfico. A assimilação dessas categorias fazia parte do processo constituir uma nova identidade e de se reagrupar baseando-se em novas formas de organização étnica e religiosa.

Tais nações negras se manifestavam estética e simbolicamente por meio de expressões como vestimentas, tatuagens e penteados, como registrado em ricas ilustrações de Debret e que Mello Moraes Filho descreve em sua crônica “A Coroação de um Rei Negro em 1748”:

*“Apenas amanhecia o dia de Reis, o Campo de S. Domingos, nas proximidades da capela, opulentava-se de um espetáculo variado e estranho, em que moçambiques, cabundás, banguelas, rebolos, congos, caçanges, minas, a pluralidade finalmente dos representantes de nações d’África, escravos no Brasil, exibiam-se autênticos, cada qual com seu característico diferencial, seu tipo próprio, sua estética privativa.”(MORAES FILHO, 2002)*

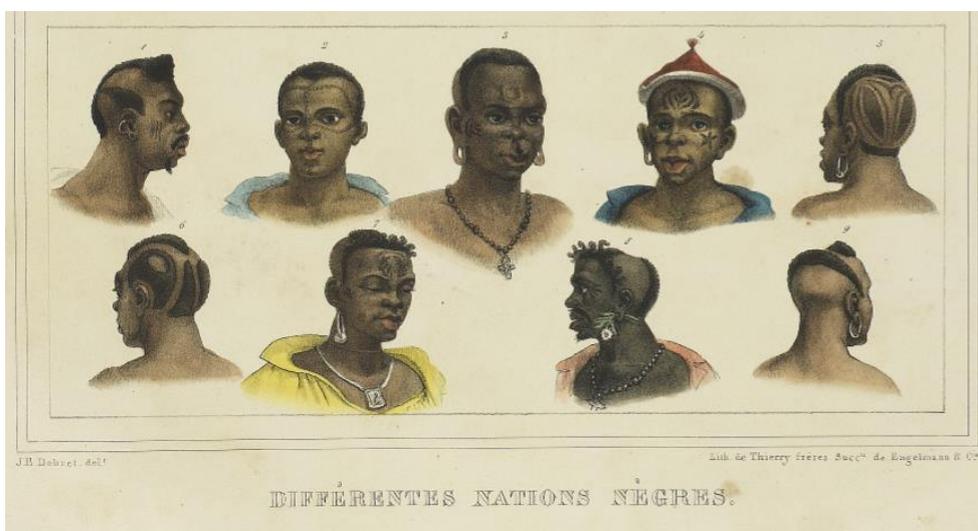


Figura 2. Gravura de Jean-Baptiste Debret “Diferentes Nações Negras”. (Fonte: <<https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/17038/differentes-nations-negres>>)

Do relacionamento dessas duas variáveis, conversão ao catolicismo e criação de novas redes de sociabilidade, surge o embrião de diversos bens culturais de nosso tempo, entre eles o Maracatu-Nação. Estas associações étnicas, organizadas nas irmandades católicas que reuniam negros de diversas origens, frequentemente elegiam reis negros e os festejavam com cerimônias públicas. Segundo MELLO e SILVA (2014):

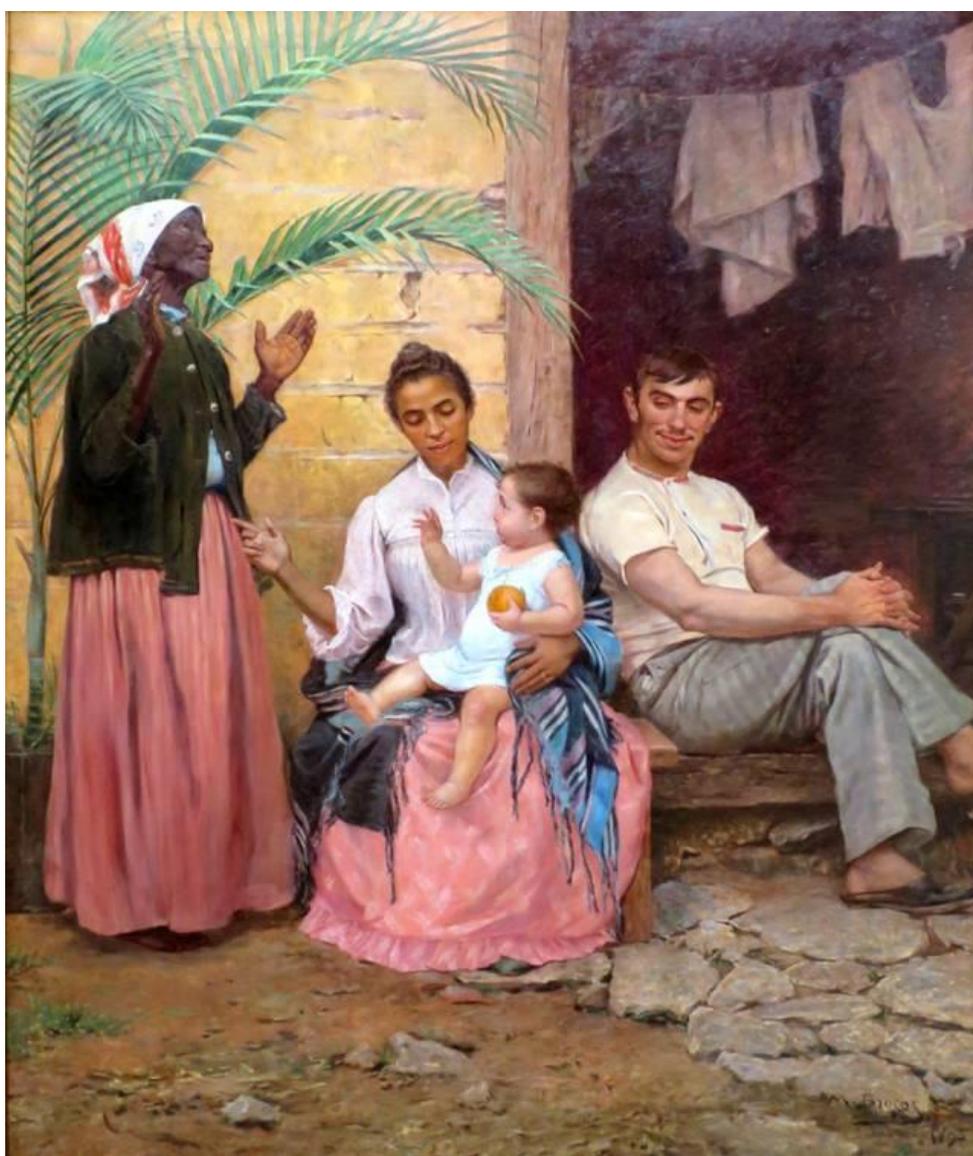
*[...] Presente em Portugal, na Espanha, na América Espanhola, nas ilhas do Caribe e na América do Norte, foi na América Portuguesa que a eleição de reis negros e sua comemoração festiva esteve mais difundida, existindo comprovadamente desde o início do século XVII, ganhando força no XVIII, mudando de feições no XIX e ocorrendo ainda hoje em várias localidades brasileiras.*

Vale destacar que as Irmandades Religiosas que agrupavam os negros na colônia de acordo com sua Nação prestavam devoção não apenas à nossa senhora do Rosário como também a outras santidades Católicas. Suas redes de poder também não estavam estabelecidas apenas entre os negros, fazendo parte da dinâmica de controle social dos senhores de escravos sobre a vasta população de escravizados (MELLO E SILVA, 2014; SOARES, 2004).

Nascido na região que hoje conhecemos como o estado de Pernambuco o Maracatu Nação não é a única, mas é a mais longeva e bem sucedida manifestação desta tradição cunhada no contexto escravista. Este bem cultural é apontado como a mais antiga tradição da cultura popular dentre as que ainda persistem no estado. No entanto dimensionar essa antiguidade é difícil e a busca por um momento de origem pode revelar *“uma concepção de história linear e homogeneizante”* (LIMA, 2005). A Nação do Maracatu mais antiga em atividade nos dias atuais é a Nação do Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu, que como o próprio nome sugere, está sediada na cidade de Igarassu, Região Metropolitana do Recife. O registro histórico mais antigo de sua existência data de 1824. Outros lendários maracatus que já não mais desfilam pelas ruas são ainda mais antigos, como é o caso da Nação do Maracatu Elefante, fundada em 1800. Tais agremiações atravessaram o tempo e gerações de seus integrantes viram esse bem cultural atravessar mudanças sociais como a Proclamação da Independência, abolição da escravidão e Proclamação da República.

O século XIX foi marcado por grandes transformações sociais que buscavam a “modernização da sociedade” em múltiplos campos de conhecimento. Tal convulsão social se estendeu pelo século XX, com a promoção, por exemplo, de transformações urbanas como a que acarretou na reforma do Bairro do Recife, buscando maior salubridade e modelos de urbanismo ao modo Parisiense. Para além do urbanismo, a busca pela modernização social se espalhou para outros campos do conhecimento, como a medicina. Em seu livro *“O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930”* Schwarcz (1993) discorre

sobre como as teorias ao mesmo tempo liberais e racistas amplamente referendadas por pensadores, cientistas e institutos científicos validaram neste período a ideia de que a formação miscigenada do povo brasileiro era uma condenação ao fracasso, subsidiando políticas de eugenismo e branqueamento da população. O famoso quadro “A Redenção de Cam”, do pintor Modesto Brocos, é considerada a representação visual dessa teoria social amplamente disseminada no período pós-abolição e retrata o desejo de branqueamento das elites políticas que buscavam promover na cor da pele o mesmo exemplo Parisiense almejado com as demolições de tecidos urbanos também considerados símbolos desse passado colonial que se queria esquecer.



*Figura 3. Quadro "A redenção de Cam", símbolo da política racista e eugenista de branqueamento da população brasileira, disseminada no período pós-abolição.*

Tais reflexões são importantes para esclarecer as adversidades que a cultura afrodescendente no Brasil teve que enfrentar para chegar aos dias atuais. Segundo Melo e Souza (2014):

*as festas, em particular, características de um catolicismo barroco no qual as manifestações públicas e grandiosas da fé eram um dado fundamental, apesar de continuarem acontecendo, como atestam os relatos dos viajantes, foram sendo cerceadas pelo estado e pela igreja, à medida que o século avançava e ganhava espaço a imposição de certos padrões de civilidade, que buscavam aproximar o jovem país do mundo europeu, irradiador das luzes preconizadas no final do século anterior. (p. 333)*

No entanto, ainda segundo a autora, a repressão a essas e outras dinâmicas sociais e culturais da população negra comuns na colônia tiveram lugar ainda durante o período escravista, quando da vinda da família real ao Brasil em 1820:

*com a presença da Corte no Rio de Janeiro os negros foram proibidos de fazer suas festas ruidosas, nas quais lembravam a terra natal, assim como coroar reis e rainhas, Martha Abreu cita uma notícia histórica segundo a qual, “em 1820, talvez como uma forma de se prevenir, a própria irmandade do Rosário e São Benedito decretava o fim dos cargos de rei e rainha em suas comemorações”.<sup>73</sup> Portanto, a repressão já existente tornou-se mais intensa, atingindo mesmo as manifestações antes aceitas, como aquelas que integravam os festejos realizados por irmandades de negros. (p. 334)*

A ideia de que tais manifestações da cultura afro-brasileira eram fruto das relações escravistas e que não teriam lugar num país “moderno e civilizado” perdurou por décadas após a abolição. Ignorando a capacidade de ressignificação deste bem cultural pelas comunidades negras, folcloristas como Guerra-Peixe, no Recife da década de 1950, afirmava que a decadência em que se encontravam os grupos de maracatu se devia ao fato de “*não existem mais africanos, e os seus descendentes procuram de preferência imitar a sociedade da gente branca*” (LIMA, 2005). Tais ideias a respeito do futuro desaparecimento da cultura do maracatu foram compartilhadas por antropólogos e folcloristas no período, como Katarina Real e Pereira da Costa. Katarina Real afirma em seu livro “*O Folclore no Carnaval do Recife*” que o declínio das Nações de Maracatu se devia ao desmoronamento de 2 pedras fundamentais: “1- o orgulho numa herança cultural mais ou menos ‘africana’; 2- a desintegração do ‘matriarcado’ afro-

*brasileiro*”. Tais conjecturas ignoravam o processo de ressignificação das coroações de Reis Congo de forma geral teve início ainda no período escravista, criando novos significados para os laços de “Nações” como aponta Melo e Souza (2014):

*Com a crescente indistinção entre escravos e negros livres, e entre ambos e os grupos mais pobres da sociedade, as festas de rei congo passaram a incorporar cada vez mais mestiços e brancos, deixando de ser apenas espaço de afirmação de uma identidade fundada na África natal mitificada, para servir de espaço de expressão de comunidades unidas mais pela sua condição social do que pela particularidade étnica.*

Entretanto, ao contrário do que tal reflexão e encontro de referenciais teóricos possam induzir, tais declarações dos autores citados não se davam por puro preconceito ou por qualquer tipo de adoção direta às ideias eugenistas. São antes disso a constatação de um fato: era um contexto considerado pela historiografia como o período de decadência dos Maracatus. Os citados folcloristas, que demonstravam encantamento pela cultura encontrada quando de suas estadias no Recife, buscavam explicações para esse penoso processo de desaparecimento em curso. Além da recorrente explicação de que a cultura negra não teria lugar numa sociedade que se queria embranquecida, outras hipóteses são levantadas, como a questão financeira difícil e a disputa de atenção com a chegada de novos ritmos como o frevo.

A decadência teve seu ápice por volta da década de 60, quando as Nações eram tão poucas quanto três ou quatro. Porém um contraponto às ideias correntes que ameaçavam as manifestações socioculturais do povo negro é a avassaladora influência do movimento moderno. Para além da semana de 1922 em São Paulo, Pernambuco protagonizou um movimento pulsante que apontava o regionalismo como o caminho para a construção da modernidade. Neste movimento os artistas digeriram a cultura popular para produzir uma arte que construísse uma identidade regional. Nesse processo, manifestações como o frevo e o maracatu tornaram-se protagonistas de obras como o poema “Maracatu” escrito pelo artista e poeta Ascenso Ferreira e publicado em 1927, que traz imagens, cadência e semântica dos maracatus e das comunidades afro-brasileiras (FERREIRA, 2015):

*Zabumbas de bombos  
estouros de bombas*

*batoques de ingonos,  
cantigas de banzo,  
rangir de ganzás...*

*— Loanda, Loanda, aonde estás?  
Loanda, Loanda, aonde estás?*

*As luzes crescentes  
de espelhos luzentes,  
colares e pentes,  
queixares e dentes  
de maracajás...*

*— Loanda, Loanda, aonde estás?  
Loanda, Loanda, aonde estás?*

*A balsa no rio  
cai no corrupio,  
faz passo macio,  
mas toma desvio  
que nunca sonhou...*

*— Loanda, Loanda, aonde estou?  
Loanda, Loanda, aonde estou?*

Nas artes visuais os maracatus foram representados fartamente na década de 1960 na obra de Abelardo da Hora e ocasionalmente por outros como Marianne Peretti.

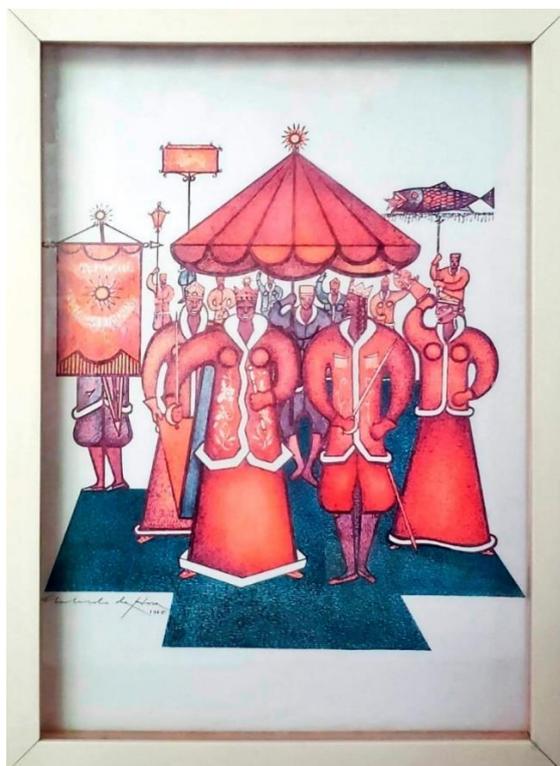


Figura 4. Gravura "Maracatu" de Abelardo da Hora - 1965.

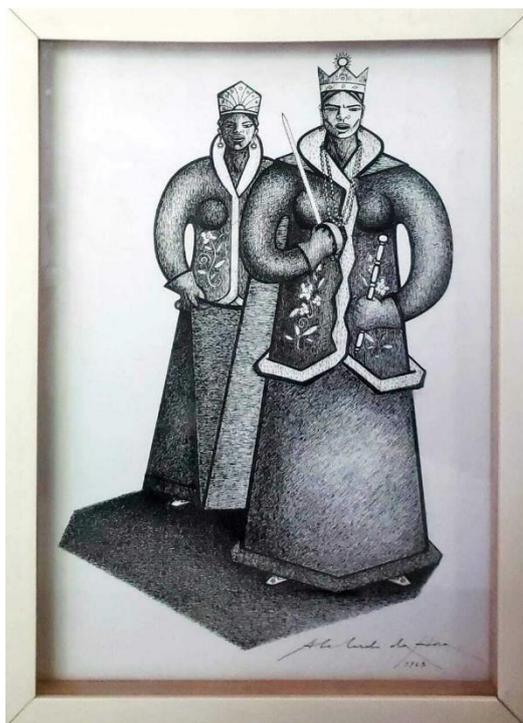


Figura 5. Gravura "Rainha do Maracatu", de Abelardo da Hora - 1963



Figura 6. Gravura "Danças populares de Carnaval", de Abelardo da Hora, retratando a figura da Dama-de-Paço do Maracatu - 1965



Figura 7. Pintura "Maracatu" de Marianne Peretti - 1965.

Essa busca por uma identidade tendo como mote a cultura popular e os costumes regionais foi o início da construção de um movimento cultural que abriu caminho para uma época de ascensão dos maracatus que viria na década de 1980 e que o historiador Ivaldo Lima (2013) nomeia como o “momento favorável”. O despertar do interesse pela formação de uma identidade pernambucana encontrou na cultura popular uma forte candidata a marcadora desta identidade. Tal movimento ecoou com o surgimento do movimento MangueBeat que na década de 1980 e 1990 exaltaram uma “pernambucanidade” ao mesmo tempo que teciam críticas a respeito da situação social e estigmatização das periferias do Recife. Paralelamente surgem grupos culturais dedicados a reprodução da estética e musicalidade da cultura popular, como o Grupo Nação Pernambuco e o Balé Popular do Recife, responsáveis pelo movimento de espetacularização que leva aos palcos os movimentos antes marginalizados (FRANÇA FILHO, 2016). Segundo Lima (2005) esses grupos contribuíram para *“a instalação de um momento em que não há vergonha em ser de um maracatu-nação ou dançar um ritmo ou música que até então era algo exclusivo dos ‘negros favelados e xangozeiros’.*”

Dois pontos devem ser ressaltados a este respeito. Primeiramente, que é nesse momento que surgem os grupos ditos “estilizados” ou “grupos

percussivos” descritos na primeira sessão deste capítulo. Apesar de fazer parte desse momento de valorização da cultura popular, o surgimento desses grupos mostra a necessidade de problematização do que se entende por “pernambucanidade”. Ao elevar a cultura do maracatu a um ícone da identidade pernambucana, esvazia-se seu caráter de herança negra, legitimando iniciativas de apropriação cultural por grupos brancos de classe média que se entendem detentores e que acabam por disputar o mercado cultural com as Nações de Maracatu em um desequilíbrio de forças com ares predatórios. Tal conflito fica evidente quando se observa que essa vivência pretendida pelos citados jovens de classe média interessados em viver sua identidade cultural busca fazê-lo entre os seus, criando novos grupos ao invés de buscar integrar-se aos “negros favelados” citados por Lima (2005). Em segundo lugar, é importante ressaltar que estes movimentos culturais protagonizados pelas elites artísticas e classe média recifenses estão longe de serem iniciativas salvadoras isoladas. Os maracatuzeiros estiveram ativamente engajados em preservar a cultura do maracatu, repassar ensinamentos, reativar Nações que haviam parado suas atividades e levar o conhecimento necessário para fundação de novas nações em novas comunidades. Iniciativas conhecidas e contadas dentre os mais velhos, mas pouco documentadas pela historiografia oficial dão conta do importante papel de figuras icônicas para a cultura do Maracatu Nação como Dona Santa, Dona Madalena, Mestre Roberto, Mestre Luiz de França, Dona Elda Viana, Ubiraci Ferreira, Dona Olga, Dona Ivanize e muitos outros.

Nos tempos atuais este passado onde contava-se nos dedos de uma mão o número de Nações de Maracatu tentando sobreviver à modernidade parece cada vez mais distante. Os maracatus, cada vez mais organizados, contam com a Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco – AMANPE, que reúne 26 Nações associadas no ano de 2023. Os desfiles realizados no âmbito do concurso de agremiações do carnaval do Recife contam com centenas de integrantes por Nação, vestindo belas fantasias adornadas, muitas vezes com ares contemporâneos e inovadores característicos de uma cultura pulsante em constante criação e recriação que foi, em 2014, reconhecida pelo IPHAN como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

### 1.3 As Nações contemporâneas

*Rompe o préstito um estandarte ladeado por arqueiros, seguindo-se em alas dois cordões de mulheres lindamente ataviadas, com seus turbantes ornados de fitas de cores variegadas, espelinhos e outros enfeites, figurando no meio desses cordões, vários personagens, entre os quais os que conduzem os fetiches religiosos — um galo de madeira, um jacaré empalhado e uma boneca de vestes brancas com manto azul; — e logo após, formados em linha, figuram os dignitários da corte, fechando o préstito o rei e a rainha. (COSTA, 1908 apud LIMA, 2007. p.105)*

O pesquisador Ivaldo Lima (2007) em seu artigo intitulado “*Práticas e representações em choque: o lugar social dos maracatus na cidade do Recife, nos anos de 1890 e 1930*” elabora a respeito do vazio de fontes anteriores à década de 1930 a respeito dos Maracatus Nação. O interesse dos folcloristas citados nas páginas anteriores só veio após os anos 1940 e há, portanto, uma dificuldade em compreender o que era e como se dava o maracatu, qual a sua origem e ainda, como se dava a relação com as religiões afrodescendentes e afro-ameríndias no seio de uma manifestação produto da lógica de sobrevivência ao escravismo. A citação que abre essa sessão é do historiador e folclorista Pereira da Costa que em 1908 fez o que é apontado como Lima (2007) como a “melhor descrição” de um maracatu que existiu no Recife (o Maracatu Cambinda Velha). Para a construção do estudo de caso apresentado no capítulo 3 deste trabalho foi realizada uma entrevista com a maracatuzeira e presidente da Nação do Maracatu Cambinda Estrela. Nesta, a entrevistada faz uma observação curiosa, de que quando o maracatu sai em cortejo pelas ruas do bairro há uma movimentação de moradores e transeuntes para acompanhar e desfilar junto ao grupo. Nestes momentos do período carnavalesco é comum que jovens e crianças caracterizados como “papangus”, tradição das periferias da região metropolitana, se junte ao desfile para se divertir e pregar as peças próprias desse personagem zombeteiro. Para Wanessa, um folclorista desavisado que acompanhasse tal cena poderia fazer desse recorte um fato geral e os papangus poderiam ser descritos erroneamente nos livros de folclore como personagens da corte real dos maracatus. A problemática do olhar do observador externo apontada por ela é reconhecida por Lima (2007) ao discutir a famosa descrição de Pereira da Costa.

É importante apontar tais contradições para perceber que a descrição que se segue a respeito do fazer maracatu hoje é um recorte da atualidade que não corresponde necessariamente aos séculos de história

dessa manifestação cultural. Além do recorte temporal, a tentativa de descrição concisa dos maracatus contemporâneos feita aqui também está baseada nos saberes da Nação do Maracatu Aurora Africana e podem diferir em um ou outro aspecto em relação às demais Nações de Maracatu existentes. Também importa dizer as contradições aqui apontadas não implicam em uma descaracterização da cultura do maracatu quando levadas em consideração as dinâmicas de construção, reconstrução, criação e recriação que são próprias dos bens imateriais de tradição oral. Os maracatus sempre foram fruto de seu tempo. Um exemplo disso é a interessante toada do Maracatu Sol Nascente registrada por Mário de Andrade em visita ao Recife (ANDRADE, 1982. p.164). Nela, o maracatu transfere os anseios de liberdade e reencontro com seu território de origem para o século 1930 e incorporar o dirigível como parte do imaginário:

*Vamo imbora pra Loanda  
Que Loanda é nossa terra,  
Defendê nossa bandeira.  
Nossos reis que instá em guerra!*

*Pra fazê nossa viagem  
Num pèrcisa vapô bom,  
Basta somente o balão.  
O balão Santus Dumon!*

As próximas linhas se prestarão a um resumo breve destas características do Maracatu Nação Aurora Africana hoje, tendo como guia o Parecer nº83/2014 da diretoria de Patrimônio imaterial do IPHAN, construído coletivamente com a participação direta dos maracatuzeiros e da Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco – AMANPE na ocasião do pedido de patrimonialização. Soma-se ao documento a vivência de 10 anos da autora como brincante e a contribuição de Fábio Sotero, presidente da AMANPE e da Nação Aurora Africana.

#### **a. A música**

Em seu parecer favorável ao reconhecimento do Maracatu como patrimônio imaterial do Brasil (IPHAN, 2014), a **musicalidade** é descrita como o “*elemento aglutinador dessa expressão cultural*”, ressaltando que “*sem o conjunto musical que embala e dá movimento ao cortejo não existe maracatu nação*”. Tal conjunto musical é composto pelos batuqueiros e por um mestre de apito, que rege os batuqueiros e canta as **toadas**. Os batuqueiros, na Nação Aurora Africana tocam **tambores, caixas, gonguês, agbês e ganzás**. É comum haver uma pessoa que faça às vezes de “**coro**”

ao microfone, uma vez que o som dos tambores pode tornar o coro dos batuqueiros inaudível, necessitando de alguém que cante ao microfone a resposta aos chamados do mestre.

As toadas no maracatu são os cantos entoados por todos e as letras podem ter temas variados que abordam questões como: os valores da comunidade em que o grupo está inserido; a religiosidade; aspectos históricos; a resistência e luta negra no Brasil; a herança africana; líderes locais importantes, do grupo ou da comunidade; Valores artísticos do grupo, como a garra dos batuqueiros, a excelência musical do batuque, a emoção que causa em que os vê tocar, o talento dos dançarinos da corte, a imponência de seu rei e rainha.

Dentre os instrumentos tocados destaca-se o tambor. É um marco identitário do batuque dos maracatus. Instrumento de som grave, é fabricado de forma artesanal pelos próprios brincantes utilizando tronco de macaibeira (*Acroconomia intumescens Drude*), aros de madeira de jenipapo, couro de bode e grossas cordas de vime. Outro instrumento fabricado de forma artesanal é o agbê. Típico dos cultos de candomblé, é considerado uma introdução recente no maracatu. É feito com um fruto seco popularmente conhecido cabaça (*Lagenaria siceraria*) envolto em uma trama de miçangas habilmente trançada de forma manual. Os saberes envolvidos nesse processo são importantes valores da cultura do maracatu.

#### **b. O Cortejo**

A dança no maracatu é descrita pelo parecer do IPHAN como “*um movimento corporal livre e espontâneo, com movimentos mais expressivos nos braços e mais contidos nos pés, com a sola inteira no chão*”. O documento prossegue afirmando que “*ao longo do processo podem ocorrer giros*” e que “*não apresenta passos ou coreografias ensaiadas*”. São muitos os personagens que compõe a corte real do maracatu. No Quadro 1 estão exemplificados os mais característicos personagens do cortejo real do Maracatu com uma breve descrição de sua expressão artístico cultural.

*Quadro 1. Principais personagens do maracatu e breve descrição de sua expressão artístico/cultural.*

<b>PERSONAGEM</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<i>Porta-Estandarte</i>	Usa uma rouba de inspiração barroca e europeia, com touca ao estilo do rei Luiz XIV e carrega o Estandarte, um dos principais símbolos da Nação.

<i>Porta-bandeira</i>	Veste uma roupa ricamente adornada, com saia de armação ao estilo das alas de baianas das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro-RJ. Carrega a bandeira da Nação. Dança efetuando giros para manter a bandeira sempre no ar.
<i>Calunga</i>	A calunga é uma boneca feita em madeira, cera e cabelo humano, com aspecto realístico e que representa uma expressão da religiosidade das nações de maracatu. É a representação de um “egum”, entendido com um espírito de um ser humano “desencarnado” e que quando em vida teve relevância para o grupo ou para a história das comunidades negras e de candomblé de forma geral. É a presença de um antepassado falecido, que contribui espiritualmente com a proteção e sucesso do grupo, especialmente no período carnavalesco.
<i>Dama-do-Paço</i>	Uma das figuras mais representativas da corte do maracatu, ao lado do casal de Rei e Rainha. Veste uma roupa ricamente adornada, com saia de armação ao estilo das alas de baianas das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro-RJ. Carrega a Calunga que deve vestir uma roupa idêntica à da dama. Dançam de maneira mais vistosa efetuando giros e exibindo ao máximo a calunga, ao mesmo tempo que as carrega de maneira respeitosa
<i>Caboclo- Arreamar</i>	Uma figura que representa o indígena que abre os caminhos no novo mundo para passagem da corte africana. É a mais importante evidência da relação entre maracatu e a religião Jurema Sagrada. Veste roupas adornadas de penas, dança com passos típicos de manifestações ameríndias, exibindo o instrumento conhecido pelo nome de preaca e utilizado em grupos de caboclinho (um arco e flecha que não a dispara, mas emite um som ao fazer menção à dispará-la)
<i>Baianas de chitão (Catitas)</i>	Representam as escravas da casa grande, que adentram em todos os lugares. Foram um cordão que, em fila, desfilam dançando e percorrendo todo o cortejo de um lado para o outro. Vestem roupas simples e sem armação, de tecidos como a Chita.
<i>Baianas Ricas</i>	Uma ala de baianas vestidas de branco que dançam no compasso do batuque do maracatu.
<i>Escravos de Ferramentas</i>	Vestem roupas simples, comumente de algodão cru e carregam consigo ferramentas de trabalho. As mulheres tipicamente dançam carregando peneiras de palha, bacias de alumínio e coisas relacionadas a afazeres domésticos. Homens dançam enquanto simulam usar ferramentas de agricultura.

<i>Guerreiros Lanceiros</i>	Uma ala de guerreiros com trajes tribais de inspiração africana carregando lança e escudo e fazendo passos de dança tribal.
<i>Corte Real</i>	Casais vestidos de forma suntuosa que acompanham a rainha. São Duques e Duquesas, Príncipes e Princesas e casais da corte de forma geral.
<i>Rei e Rainha</i>	A figura mais representativa do maracatu, ao lado das damas-do-paço. São os últimos na fila formada pelo desfile da corte e todos os demais personagens abrem caminho para sua passagem. Veste a roupa mais luxuosa e adornada, feita com tecidos mais nobres. Usa uma coroa aos moldes das coroas inglesas. Ao longo do desfile o Rei e Rainha seguem performando sua posição de realeza, com movimentos contidos e deslocando-se de um lado para o outro de forma mais solene tendo em suas mãos um cetro e uma espada cada um. Desfilam protegidos por uma enorme “sombriinha” chamada Pálio.
<i>Vassalo</i>	Veste-se com roupa compatível com a da corte e carrega o Pálio que protege a realeza do maracatu.
<i>Demais personagens</i>	Outros personagens comuns a serem encontrados na corte de um maracatu são Soldados Romanos. É comum a presença de personagens adicionados ao cortejo com objetivo de trazer prestígio à integrantes da comunidade, como Musas e Madrinhas. Outras representações relevantes <i>são as alas de Orixás</i> .

### **c. A religiosidade**

A questão da religiosidade no maracatu é um fator histórica e socialmente complexo. A coroação das rainhas dos maracatus, uma das cerimônias mais importantes pra esse bem cultural, era tradicionalmente realizada em um culto celebrado por um padre católico no âmbito das igrejas de nossa senhora do rosário dos homens pretos. Ainda é viva a última rainha coroada nesses moldes na Igreja do Rosário dos Homens Pretos do Recife: a Ialorixá Elda Viana, Rainha da Nação do Maracatu Porto Rico. No documentário ***“The Actress, The Bishop and the Carnival Queen”*** (1991) filmado pela BBC de Londres, ficam expressas as contradições em relação a realização da cerimônia de coroação de uma Ialorixá em seio católico, que naquele momento já era proibida pela igreja católica. Em conversa entre a Ialorixá e o padre católico que a coroou anos antes, o mesmo afirma que

*“acho que não tem nenhum cunho religioso, não se considera o maracatu uma religião. Não é. É um folclore. É*

*uma maneira de o povo se divertir, o povo se manifestar. E nesse ponto é muito autêntico, é muito brasileiro, embora seja de uma origem lá [...]... africana né? Mas é bem nosso e o povo aqui assimilou bem. E essa vinculação com a igreja eu acho muito bonito. Porque se vê que uniu-se o nosso espírito e ao nosso sangue e aqui pra nós, de todas as músicas de carnaval a que mais me toca de perto é o maracatu”. (“The Actress The Bishop and the Carnival Queen”, 1991. 00:13:50)*

Durante a fala do padre no filme, Mãe Elda Viana concorda e confirma algumas vezes a afirmação do capelão de que o maracatu é “apenas folclore”, na esperança de angariar seu apoio para realização da cerimônia de coroação das princesas do seu maracatu. Na cena seguinte do filme, no entanto, a Ialorixá surge sozinha em seu terreiro de candomblé para afirmar que

*“esse padre mesmo, ele gosta do balanço, do baque, ele gosta da nação, mas ele não pode se expor. Então eu já compreendo ele e sei que ele não poderia falar aquilo porque tem mais de uma pessoa escutando... então eu falei ‘é padre, não tem nada a ver com nação de candomblé.. então pode coroar?’ e ele disse ‘posso, porque ao meu ver também não tem nada com nação, é que maracatu mexe com a gente’. Ele ainda falou isso, que é importante. É por isso que está aí na fita eu falando assim que não tem nada a ver, que é pra tirar o padre de uma jogada feia né? Na frente de todo mundo. Mas que é verdade é. Tem a ver com nação [de candomblé] e o padre também sabe disso” (“The Actress The Bishop and the Carnival Queen”, 1991. 00:15:25)*

Tal relação conflituosa resultou, já no ano de 2022, num desencontro na tentativa de coroação do Rei e Rainha do Maracatu Nação Encanto da Alegria. A coroação foi realizada na rua, em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Recife, diante da recusa da Arquidiocese de Olinda e Recife de participar da cerimônia.

O fato é que as diversas religiões de matriz afro e afro-ameríndia são hoje a expressão predominante da religiosidade dentro das nações de maracatu. Mas apesar de muitos maracatuzeiros verem essa relação com intrínseca, a historiografia aponta para uma relação historicamente construída, já que as chamadas “coroações do rei congo” tinham caráter marcadamente católico (LIMA, 2005). Assim como os maracatus, os cultos religiosos de origem africana no Brasil foram reprimidos em todo período escravista, com mais ou menos intensidade a depender do período histórico. Após a abolição da escravidão no Brasil sofreram a mesma perseguição higienista que os colocava num lugar de passado a ser esquecido, símbolo

do atraso e incompatível com o Brasil moderno que se queria construir. Para Lima (2005), o processo de aproximação que acarretou uma relação tão simbiótica entre religiões afro e afro-ameríndias na contemporaneidade é marcado pela tentativa de sobrevivência de ambas as manifestações diante de contextos políticos adversos:

*Não sabemos ao certo o período em que essa relação tornou-se mais evidente, mas há fortes indícios de que os anos trinta contribuíram sobremaneira para que tal ligação se estreitasse ainda mais, devido ao fato de que nesse período houve o recrudescimento da perseguição às religiões afro e aos Catimbós em particular.*

Recortes de jornais e arquivos públicos fornecem registros de como as permissões dadas aos maracatus para realizar seus ensaios com vistas a desfilar no carnaval do Recife eram usadas como disfarce para a sobrevivência de cultos religiosos nos momentos de maior perseguição a esses e afrouxamento da perseguição aos maracatus, encarados como “apenas folclore”.

Hoje as relações com a religiosidade se dão por meio *de “símbolos, personagens da corte, todas, modos de execução dos baques, dentre outras práticas”* (IPHAN, 2014). As calungas são ícones desse fundamento religioso. Nas palavras de Dona Marivalda, rainha da Nação do Maracatu Estrela Brilhante do Recife, em entrevista para o documentário “***Dona Joventina***” (2009):

*“Pra outras pessoas que vê é somente ‘é uma boneca, isso não tem valor não’, mas tem. Pra mim que sei onde é que tá o valor dela. A minha boneca fala, pelos ologuns, que são os búzios. É viva a Dona Joventina. E dona Erundina também. Viva que nem eu e você” (“Dona Joventina”, 2009. 00:10:14 )*

Essas bonecas são marcos identitários da Nação e recebem obrigações religiosas em rituais de consagração no intuito de obter proteção para as Nações. Nesses rituais também são comumente consagrados instrumentos e artefatos, como coroas, estandartes e pálio (IPHAN, 2014).

Mas as ligações dos maracatus com a religiosidade podem ser ainda mais intensas. Durante a pesquisa realizada para formulação da candidatura do maracatu a patrimônio brasileiro, das 27 sedes visitadas no ano de 2014, 10 funcionavam também como terreiro do chamado Xangô pernambucano ou de Jurema (IPHAN, 2014). Os grupos comumente têm como liderança religiosa seu Rei ou sua Rainha. Como dito anteriormente a

religiosidade também está expressa na parte musical do maracatu e as nuances da expressão religiosa que anteriormente, em períodos de maior repressão eram deixadas subentendidas hoje são expressas e funcionam como elemento de construção da identidade, uma vez que muitos grupos apresentam orixás específicos como guias de suas Nações, o que impacta em outros elementos como as cores de sua bandeira e sua forma de tocar.

#### **d. Marcas de identidade**

O engajamento dos grupos no Concurso de Agremiações do Carnaval do Recife vem ao longo dos últimos anos moldando a forma como os grupos se organizam e se apresentam. O concurso é fonte de rivalidades e busca pela diferenciação entre os grupos. Tal processo é controverso e ascende a discussão sobre “tradição” na medida em que, na opinião de alguns maracatuzeiros, acelera o processo natural de “criação e recriação” do bem imaterial e o converte em uma ameaça de descaracterização. No entanto, o concurso é também um elemento motivador que movimenta a juventude em torno do maracatu como um elemento identitário e ajuda a manter a tradição viva e renovada entre as novas gerações.

As marcas dessa identidade são muitas, a começar pelo próprio **território**. As relações comunitárias são peças chave na delimitação do que vem a ser um maracatu nação, em relação à diferenciação dos “grupos percussivos”. Diversas toadas em diversas Nações têm como seu tema central a valorização e o orgulho de pertencer à determinado bairro ou comunidade.

Outro elemento de forte identificação são as **cores** da bandeira de cada Nação, expressas em seu brasão, nas roupas, na cor com que são pintados os tambores, nas miçangas dos agbês e diversos outros elementos. As cores estão associadas aos orixás guia da Nação ou ao elemento símbolo que lhe dá nome.

Os **elementos símbolo** são diversos e são a principal representação nas Nações, normalmente ligadas ao nome das mesmas. São comumente animais ou elementos da natureza. Para citar alguns exemplos: Uma raiz na Nação Raízes de Pai Adão; uma estrela nas Nações Estrela Brilhante do Recife, Estrelha Brilhante de Igarassu, Estrela de Olinda e Estrela Dalva; um leão para as Nações Leão Coroado e Leão da Campina; e um Sol para as Nações Aurora Africana, Sol Nascente e Sol Brilhante.

O **estandarte** é um elemento comum em diversas manifestações do carnaval do Recife. É o mais importante identificador de uma Nação de

Macaratu quando esta sai às ruas. É um elemento erguido acima do nível dos brincantes e que pode ser visto de longe, identificando os maracatus.

O **brasão** é o símbolo máximo que guia a identidade visual dos grupos, trás reunido em si o nome, o elemento símbolo e as cores dos grupos e está expresso nos uniformes dos batuqueiros, no estandarte, na bandeira e em outros elementos.

## CAPÍTULO 02

# A NAÇÃO DO MARACATU AURORA AFRICANA

A Nação do Maracatu Aurora Africana é uma Nação de Maracatu nascida no dia 8 de agosto de 2001 e portanto, fruto de uma nova safra de Nações criadas num momento de valorização e ascensão cultural descritas no capítulo anterior. A história da Nação Aurora Africana é também a história de como os movimentos de releitura e apropriação da cultura popular foram recebidos pelos jovens de periferia, despertando seu interesse.

Segundo o presidente e fundador, Fábio Sotero, o trabalho desenvolvido pelo Balé Popular do Recife e pelo grupo Nação Pernambuco foram fruto de encantamento para ele e outros jovens da periferia de Jaboatão dos Guararapes, na região conhecida como **“Jaboatão Velho”** ou **“Jaboatão Centro”**. Os jovens em questão eram estudantes da *Escola Estadual Rodolfo Aureliano*, localizada em frente à Praça Do Rosário, no Bairro Centro. Mas o Maracatu não foi a primeira opção de movimentação cultural. Segundo Fábio, por intermédio do grêmio estudantil, os alunos foram convidados pela escola para construção de um grupo para participar de um festival estudantil que movimentava as escolas do município no final da década de 1990. Os alunos convidados montaram um grupo de danças populares para participar do festival no ano de 1997 e depois disso “tomaram gosto” pela coisa, dando continuidade às atividades sob o nome de **Balé de Cultura Popular Form&Art**. Outros jovens que não eram estudantes da escola se juntaram ao grupo, que cresceu e passou a se apresentar na agremiação carnavalesca chamada A Hora do Frevo, que desfilava pelas ruas de Jaboatão Centro com orquestra financiada pela Associação Carnavalesca do município e tendo como convidado especial o icônico passista de frevo Nascimento do Passo. O Form&Art desfilou por 2 anos puxando a agremiação A Hora do Frevo, quando se viu excluída pela Associação Carnavalesca, que nas palavras de Fábio Sotero “tomou de volta” a agremiação. A esse ponto é importante ressaltar que, apesar de o bloco “A Hora do Frevo” ter se tornado um grande palco para o Form&Art, o frevo não era o único ritmo a que os jovens se dedicavam, tendo o grupo feito apresentações com coreografias e figurinos de ritmos como maculelê, caboclinhos e claro, maracatu nação.



Figura 8. Colagem de fotos de apresentações do Balé de Cultura Popular Form&Art. Fonte: acervo pessoal de Fábio Sotero.

O Balé Form&Art chegou a se apresentar no Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau, em sua 3ª edição no ano de 2000. Na revista que documentou o festival o artigo dedicado ao grupo enfatiza o aspecto “estilizado” de suas coreografias, o que segundo Fábio é uma herança da fonte de onde beberam os jovens bailarinos: O Bale Popular do Recife e o grupo Nação Pernambuco.

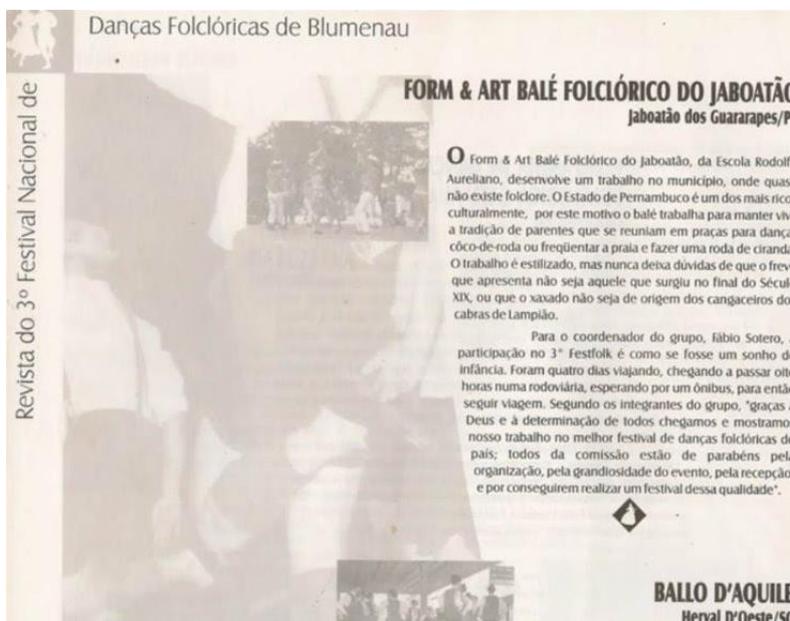


Figura 9. Artigo publicado na Revista do 3º Festival Nacional de Danças Folclóricas de Blumenau, apresentando o Balé Form&Art. Fonte: acervo pessoal de Fábio Sotero.

O baque representado pela perda da Agremiação A Hora do Frevo fez o grupo buscar um protagonismo cultural que não dependesse de terceiros

e que fosse uma coisa inovadora em termos culturais no município. Uma pesquisa realizada no município mostrou que Jaboatão dos Guararapes não tinha notícia de ter abrigado em seu território uma Nação de Maracatu e que ao cria-la o grupo estaria inovando no circuito cultural. Assim, foi fundada no dia 8 de agosto de 2001 a **Nação do Maracatu Aurora Africana**. É importante observar como a história contemporânea deste grupo em específico difere dos aspectos históricos e identitários tradicionais ligados ao fazer Maracatu. A Nação Aurora Africana, como veremos adiante, busca o respeito ao que considera tradições maracatuzeiras em sua prática, mas tem na história de sua fundação um ânimo de jovens em idade escolar no início dos anos 2000 de fazer e viver a cultura popular que vinha ganhando força nas décadas anteriores como elemento definidor da identidade pernambucana e motivo de orgulho entre a juventude.

Aproveitando das boas relações construídas na Escola Estadual Rodolfo Aureliano, a Nação deu seus primeiros passos no ambiente escolar, mas não sem conflitos. Ao mesmo tempo que o som dos ensaios era visto como um incômodo mesmo quando realizados em horários alternativos às aulas, era bem visto o fato de que a comunidade escolar se engajava para participar da nova agremiação, inclusive de forma mais robusta do que o engajamento com o Form&Art. O Grupo cresceu e se desenvolveu realizando suas atividades na escola, mesmo após o término do ciclo escolar pelos fundadores, até o ano de 2005.

Na tarde do dia 02 de junho de 2005, como consequência de horas de fortes chuvas, o Rio Jaboatão transbordou, inundando a região de Jaboatão Centro e deixando 24 mortos e 4 mil famílias desabrigadas em 16 municípios do estado (JORGE, 2005). A escola Rodolfo Aureliano foi seriamente atingida, o que ocasionou na perda de boa parte do acervo da Nação Aurora Africana construído nos anos anteriores, especialmente as fantasias. Até esse período o Balé Form&Art e a Nação Aurora Africana coexistiram. Após esse momento a Nação ganhou protagonismo nos esforços dos integrantes e o Balé foi aos poucos parando suas atividades.

Com o desastre da enchente do rio Jaboatão e com a mudança de gestão na escola a permanência do grupo ficou inviabilizada e a Nação, que a essa altura já dispunha de parques recursos próprios fruto de cachê das apresentações realizadas, mudou-se para um galpão no Bairro da Vila Rica, próximo ao Barracão da Ialorixá Gilva, Rainha do maracatu responsável pela dimensão religiosa do grupo naquele momento. O grupo mudou-se por volta de 2008 para uma outra casa onde ficou mais alguns meses enquanto negociava um outro espaço.

Neste período foram convidados a desenvolver uma atividade de ressocialização de jovens em conflito com a lei, internos da Fundação de Atendimento Socioeducativo – Funase. Foram realizadas oficinas de percussão com a inserção dos jovens infratores nas dinâmicas da Nação. O sucesso do projeto incentivou a inscrição da Nação no edital do Ministério da Cultura, sendo contemplada para desenvolvimento das atividades em parceria com a Funase no ano de 2009. O programa visava reconhecer e incentivar os chamados **Pontos de Cultura** (MINISTÉRIO DO TURISMO, [s.d.]), entendidos como:

*grupos, coletivos e entidades de natureza ou finalidade cultural que desenvolvem e articulam atividades culturais em suas comunidades, reconhecidos, certificados ou fomentados pelo Ministério da Cidadania por meio dos instrumentos da Política Nacional de Cultura Viva.*

Como exigência do edital, a Nação deveria disponibilizar para a comunidade material multimídia. Desta forma foram adquiridos computadores e outros equipamentos, que foram armazenados em uma outra residência alugada para esse fim.

Neste ínterim, uma casa localizada ao lado do terreiro da Ialorixá e Rainha Gilva e de propriedade da mãe de uma das integrantes da Nação ficou disponível para venda e foi adquirida pelo grupo e transformada em Sede oficial, passando a reunir em um único local seu acervo e suas atividades de produção de fantasias e adereços, ensaios e material multimídia. A aquisição se deu em parceria com a Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes e em decorrência do incentivo arrecadado com o edital do Ponto de Cultura. Tratava-se de um imóvel residencial com cômodos de tamanho reduzido, contando com um terraço estreito onde eram guardados os instrumentos, um banheiro social, sala de estar e cozinha onde se realizavam atividades de produção de fantasias e adereços e dois quartos onde se armazenava o acervo de fantasias. Uma área externa nos fundos funcionava como oficina para confecção e manutenção de instrumentos, enquanto a frente da casa recebeu um palco improvisado para realização dos ensaios.



Figura 10. Sede localizada no Bairro da Vila Rica. Em frente ao imóvel um palco improvisado em madeira. (Fonte: acervo pessoal do integrante Garvásio Filho)

Segundo Fábio Sotero, a aquisição de um imóvel deu ao grupo a possibilidade de contribuir de forma mais assertiva e criar vínculos com a comunidade. O grupo passou a disponibilizar atividades culturais como capoeira e música e também atividades formativas, importantes para a população do entorno, como curso de formação de eletricitista e maquiadora. Em parceria com o projeto Núcleo de Ação Cultural – NAC, o grupo conseguiu agregar alunos da Escola Estadual Vila Rica e crianças e adolescentes que residiam no entorno da sede, atraindo também seus pais e responsáveis, que passaram a integrar a Nação como desfilantes. Além disso, a aquisição do imóvel deu mais conforto para o desenvolvimento das atividades da Nação que ainda era pequena naquele momento em relação ao tamanho de seu acervo e em comparação com o porte atual. Foi um período rico, de desenvolvimento da agremiação, mas ter o espaço para o desenvolvimento de suas atividades não foi a única razão para o sucesso do grupo. Segundo Fábio, este era um período em que o ambiente era mais propício para realização de atividades culturais devido à abertura para novas ideias e pensamento cultural amplo dos gestores que atuavam no município, em especial o secretário de cultura e a gestora da Funase, sendo esta última uma entusiasta da cultura como forma de ressocialização. A parceria com a Funase, por exemplo, durou até a saída da gestora do cargo, não sendo renovada por falta de interesse da gestão seguinte, por volta do ano de 2012.

Praça Dantas Barreto  
(Praça do coreto)

Casa da  
Cultura

Pç. N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do  
Rosário

Estação Jaboatão  
METROREC

Terminal  
Integrado Jaboatão  
(transporte rodoviário)

O Barracão  
(Sede do grupo)

Percurso 1 (do trans-  
porte público até o  
Barracão):  
850m 

Percurso 2 (do Barra-  
cão ao local dos  
ensaios):  
560m 



(Adaptado Google Earth, 2021 )

Casa da  
Cultura

Pç. N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do  
Rosário



(Fonte: Google Street View, 2017 )

Ao fundo, a Estação METROREC e  
T.I Jaboatão, principais pontos de  
transporte da região.



Pç. Dantas Barreto

(Fonte: Acervo da autora, 2023 )

Como resultado da insegurança jurídica nas relações de posse e propriedade de imóveis, comuns nas periferias brasileiras, a Nação Africana perdeu o imóvel que havia adquirido em uma disputa judicial com uma reclamante da propriedade no ano de 2015. O imóvel que foi cenário de um período produtivo de crescimento e aprendizados foi deixado para trás e todo o acervo (que havia crescido substancialmente nos anos anteriores) foi levado para um imóvel alugado no bairro das Malvinas. O novo imóvel, que ficava a poucos metros da sede da Funase, com a qual o grupo tinha feito parcerias frutíferas em anos anteriores, era reduzido em tamanho e precário. O imóvel contava com uma sala estreita, uma cozinha pequena, banheiro e apenas 1 quarto. Além de não comportar o armazenamento do acervo não dispunha de espaço para a “produção”, nome dado pelos integrantes ao trabalho de confecção e reforma de instrumentos, fantasias e adereços para o carnaval. O grupo superou as adversidades para “colocar o maracatu na rua” no ano de 2016 e mudou-se em seguida para uma nova casa alugada, ainda menor que a anterior. A residência foi utilizada apenas para armazenamento do acervo de fantasias e adereços sendo os ensaios e o trabalho de produção realizados no espaço da **Casa da Cultura** de Jabotão dos Guararapes a partir de uma negociação dentro das dinâmicas políticas locais.

A parceria com o equipamento municipal foi controversa. Se por um lado amenizava as dificuldades de espaço e condições de trabalho do grupo, por outro não dispunha da segurança necessária para o acervo, tendo a Nação perdido diversos equipamentos que foram furtados do local, como uma mesa de som e materiais usados na produção. Com a fragilidade da relação com o espaço a Nação começou a buscar por novas oportunidades.

Com a emergência de movimentos de ocupação da cidade e de instituições, a exemplo do Movimento Ocupe Estelita e as ocupações das escolas e universidades por estudantes em protesto em 2016 no contexto do governo Temer, os integrantes começaram a ver no movimento de ocupações uma oportunidade de encontrar um novo espaço e chamar atenção para a situação de precariedade em que se encontram os movimentos de cultura popular no município. Iniciando o monitoramento de diversos imóveis de propriedade do município que se encontravam abandonados, a diretoria da Nação foi informada em 2018 da existência de um imóvel localizado no Bairro Padre Roma e com o qual alguns integrantes tinham alguma familiaridade. Tratava-se do imóvel conhecido na comunidade como **“O Barracão”**. Pertencente à secretaria de educação, o imóvel já foi uma escola primária onde estudou o Presidente da Nação, Fábio Sotero, além de um

espaço de formação onde eram desenvolvidas aulas de costura e culinária, por exemplo, tendo sido sua última função conhecida a de anexo de uma escola municipal para armazenamento de material didático.

O imóvel se encontrava em situação de abandono, com muita sujeira, problemas na cobertura, dejetos de animais e materiais didáticos completamente abandonados. Na vizinhança somavam-se as queixas de uso do espaço para consumo de drogas. Diante deste cenário a iniciativa do grupo de ocupação do espaço foi bem vista e houve então a ação de quebra dos cadeados, limpeza, pequenos reparos e realização da mudança do acervo para o novo local.



*Figura 12. Situação encontrada no Barracão quando da ocupação pelos integrantes da Nação do Maracatu Aurora Africana. (Fonte: Acervo Pessoal do Presidente Fábio Sotero)*

O Barracão é hoje a sede improvisada da Nação do Maracatu Aurora Africana, oferece um espaço maior do que todas as antigas sedes da agremiação, mas acumula uma série de problemáticas.

A primeira dificuldade é a **insegurança jurídica**, uma vez que apesar da Prefeitura de Jaboaão dos Guararapes ser a proprietária do imóvel e ter conhecimento da ocupação do espaço pela agremiação, até o momento da publicação deste trabalho não houve iniciativa de regularização da situação do imóvel em favor do grupo, apesar de existirem instrumentos jurídicos possíveis e exemplos bem-sucedidos em outros municípios.

Em segundo lugar, somam-se os **problemas infraestruturais** do imóvel. A cobertura está instalada com uma inclinação inapropriada, o que ocasiona o escorregamento frequente das telhas, comprometendo a segurança do acervo. As janelas e portas estão quebradas, o que permite a entrada de animais no local, o que além de prejudicar a segurança do acervo

também é um problema sanitário que coloca em risco a saúde dos integrantes. A instalação elétrica é precária e tem fios expostos por toda a parte. As aberturas do imóvel, que eram originalmente mais generosas, foram reduzidas com alvenaria ou substituídas por cobogós de formato ineficiente para a ventilação e iluminação do espaço, agravando os problemas de umidade causada pelas infiltrações e vazamentos do telhado. A primeira problemática apontada agrava a situação infraestrutural porque coloca a agremiação num dilema de realizar ou não melhorias com os poucos recursos disponíveis e ser responsabilizado por eventuais alterações no imóvel sem autorização do proprietário (o município) ou mesmo perder o investimento realizado ao ser ocasionalmente despejado do local.

A terceira problemática é a da **ausência de espaços livres públicos** na comunidade Padre Roma. A região onde está localizado o Barracão é majoritariamente residencial e densamente ocupada, estando a praça pública mais próxima (A Praça Nossa Sra. Do Rosário) localizada a cerca de 500 metros. Os desníveis característicos do relevo da região tornam tal caminhada difícil considerando o peso dos instrumentos e equipamentos de som. Como o imóvel está localizado numa esquina de ruas de médio fluxo, inclusive de ônibus, as tentativas de ensaios no logradouro público foram frustradas, sendo os ensaios para o carnaval 2020 realizados no espaço de aproximadamente 26m<sup>2</sup> de área disponível no recuo frontal do imóvel.

As tentativas de desenvolver as atividades de ensaio no local desencadearam a quarta problemática: **conflitos com a comunidade do entorno**. Desencontros na comunicação com a comunidade fizeram com o que o potente som dos tambores virasse um incômodo, inclusive porque há igrejas evangélicas localizadas num raio de 50m do imóvel, sendo uma delas no lote vizinho. A insegurança a respeito da permanência no Barracão dissuadiu o grupo da ideia de realizar ensaios no local, com receio de que reclamações da vizinhança nos órgãos competentes dessem origem a uma ordem de despejo por parte da prefeitura. Vale ressaltar que conflitos comunitários desta natureza são comuns e relatados por quase a totalidade das Nações de Maracatu, tendo muitas delas apontado a intolerância religiosa como parte do processo de acuartelamento e tentativa expulsão dos grupos de suas comunidades. Como parte da tentativa de sanar estes conflitos, a Nação Aurora Africana, firmou parceria com uma escola particular localizada em frente à Praça de Nossa Senhora do Rosário e apenas alguns lotes de distância da Escola Municipal Rodolfo Aureliano, onde tudo começou e defronte à Casa da Cultura, que já foi morada provisória da Nação. A gestora da escola Freinet é uma entusiasta da cultura

e empresa salas para armazenamento de materiais de diversas agremiações, além do espaço físico para desenvolvimento de atividades como rodas de capoeira em horários alternativos às aulas.

A quinta problemática é a demanda por **mais espaço físico**. As demandas atuais do espaço são para armazenamento do acervo (roupas, sapatos, adereços, etc), de matéria prima (tecidos, aviamentos, passamanarias, pedrarias, EVA, etc) ferramentas de produção de roupas e fantasias (cola, tesoura, máquinas de costura, manequins, etc), insumos e ferramentas de manutenção e confecção de instrumentos (cabaças, troncos de macaibeira, couro de bode, madeira de jenipapeiro, ferramentas de marcenaria, etc). Também por espaço de produção (mesas de trabalho), locais de descanso, de produção das refeições, oficina de marcenaria, lavanderia, locais de assentamento religioso para o orixá Exu, assentamento religioso para as Calungas da Nação, local de exposição de itens identitários, como estandarte e bandeira.

Em decorrência de todas as problemáticas listadas acima a agremiação tem dificuldades de estabelecer os laços comunitários que foram possíveis em sua Sede no Bairro Vila Rica e também vê inviabilizada a concentração de suas atividades em sua sede, estando elas distribuídas precariamente da seguinte forma:

**1 - O Barracão (Comunidade Padre Roma):** armazenamento do acervo e trabalho de produção. Como o espaço é reduzido alguns integrantes levam material para produção em suas residências. Nas semanas que antecedem o carnaval os integrantes que se revezam trabalhando no Barracão fazem as refeições e dormem no local, ainda que não haja espaço destinado a esses fins. Também no Barracão encontra-se o espaço religioso de guarda das Calungas. Na área externa desenvolve-se atividades de manutenção e confecção de instrumentos;

**2 - Escola Freinet (Bairro Centro):** Armazenamento dos instrumentos;

**3 - Praça Nossa Sra. do Rosário (Bairro Centro):** Ensaios e oficinas de percussão.

De acordo com Fábio Sotero, presidente da agremiação, uma mudança para uma nova sede seria vantajosa para a Nação Aurora Africana por todas as questões listadas acima. Um novo espaço deve ter melhores condições de infraestrutura que garanta a segurança dos integrantes, mais espaço para abrigar adequadamente as atividades desenvolvidas hoje e também novas atividades idealizadas pelo grupo, além de dispor de amplo

local para realização de ensaios e eventos, com uma distância conveniente de áreas residenciais para evitar conflitos de vizinhança.

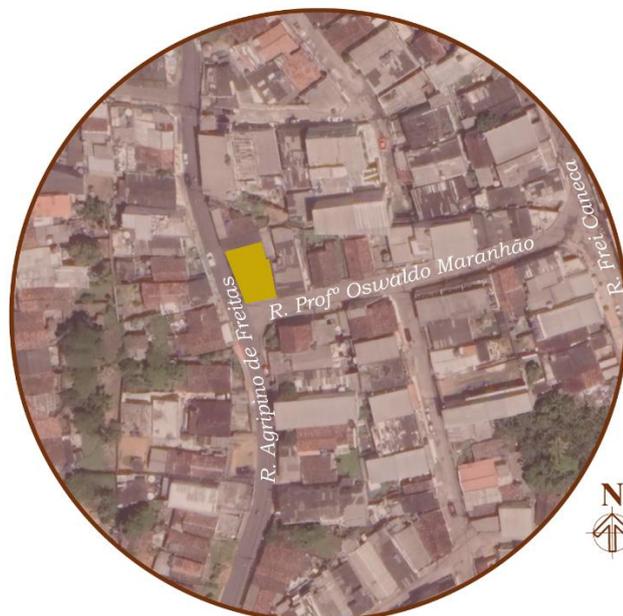


Figura 13. Localização do Barracão na Comunidade Padre Roma, Bairro Centro.

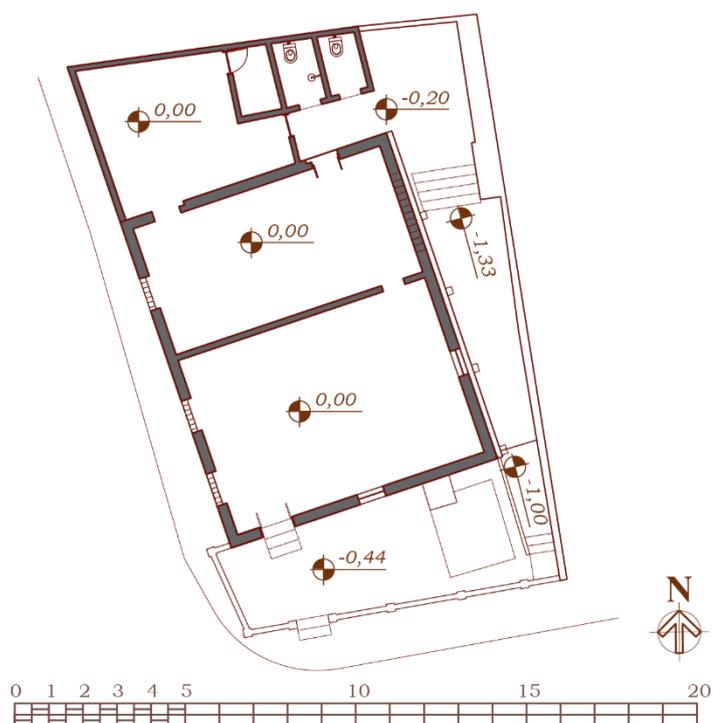


Figura 14. Planta-baixa do Barracão.



Fachada da R. Oswaldo Maranhão\*



Fachada da R. Profº Agripino de Freitas\*



Área externa frontal\*



Área externa lateral\*



Cozinha\*



Vista panorâmica do Segundo Salão\*



Vista panorâmica do Primeiro Salão\*

**Assentamento religioso**

(2,31m<sup>2</sup>)

Local de guarda e oferendas religiosas às Calungas e culto aos orixás

**Cozinha**

(19,5m<sup>2</sup>)

Cozinha | Descanso | Armazenamento de material remanescente da Prefeitura municipal | Manutenção de instrumentos

**Segundo Salão**

(30m<sup>2</sup>)

Acervo | Produção | Costura

**Primeiro Salão**

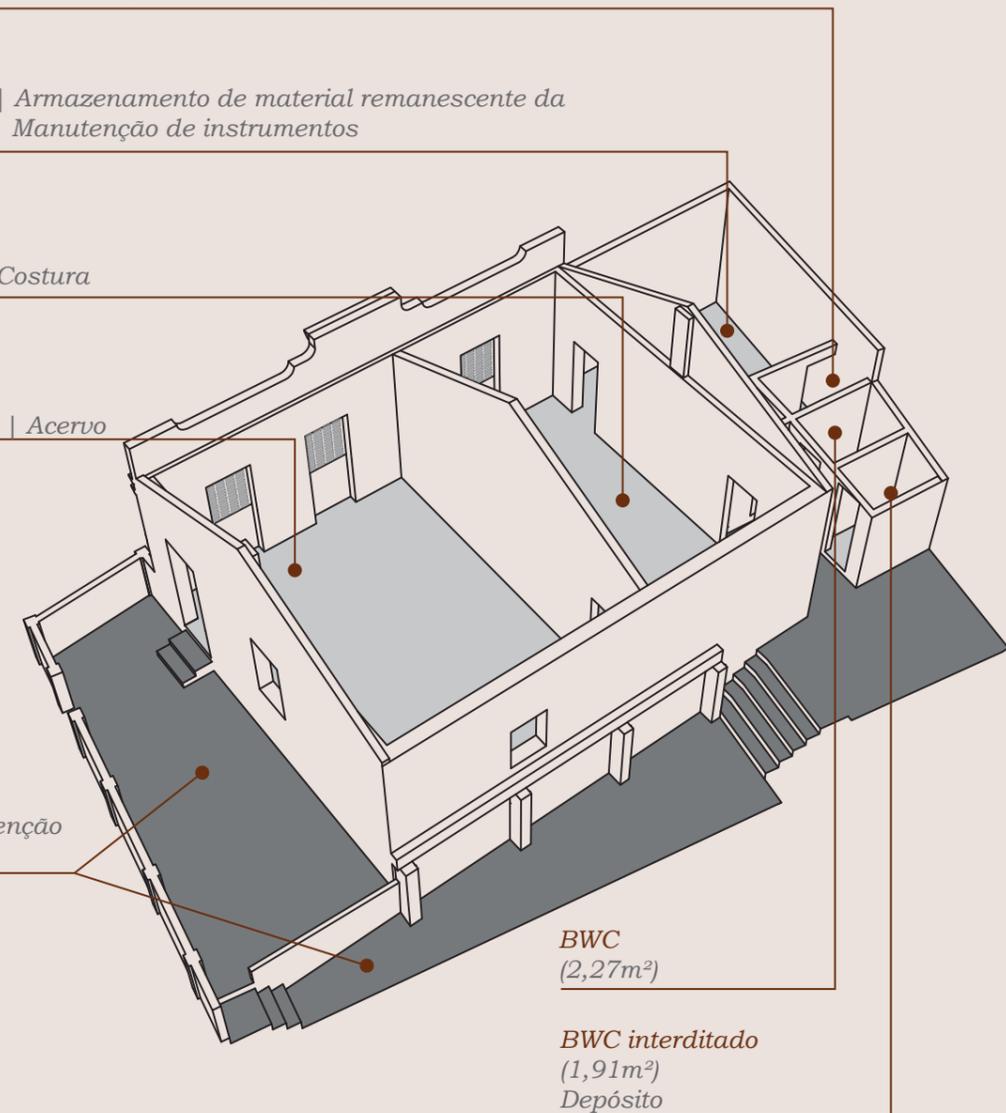
(41,5m<sup>2</sup>)

Reuniões | Produção | Acervo

**Áreas Externas**

(60,09m<sup>2</sup>)

Convivência | Manutenção dos instrumentos



BWC  
(2,27m<sup>2</sup>)

BWC interditado  
(1,91m<sup>2</sup>)  
Depósito

\*Fonte das imagens: Acervo da autora, 2023

## ESTUDOS DE CASO: O PROBLEMA DO LAR NA CULTURA POPULAR

O processo de patrimonialização de bens imateriais brasileiros, realizado pelo Iphan, categoriza e inscreve tais bens em 4 livros de registro distintos: Saberes, Formas de expressão, Celebrações e Lugares. Segundo Mendonça (2020), excetuando-se os bens entendidos como Lugares, os demais bens imateriais podem ser entendidos como formas de **performance**. Ainda segundo a autora o que caracteriza um bem cultural imaterial (patrimonializado ou não) enquanto performance é *“ser um comportamento experienciado, no qual as bases são processos de escolha, aprendizagem, repetição e prática”*.

A manifestação de cultura popular Maracatu Nação, objeto deste trabalho, é performance por excelência, envolvendo em suas dinâmicas práticas artísticas de dança, canto, percussão, teatro e rituais. O maracatu constrói e reconstrói, afirma e reafirma identidades negras e comunitárias nas periferias da Região Metropolitana do Recife. Entretanto, é possível abrir os horizontes e considerar outros signos da cultura popular em Pernambuco como Afoxés, Blocos de Frevo, Bois, La ursos, Grupos de Cavalo Marinho, etc, para observar a forma como os locais onde dão-se esses encontros e essas performances formadoras de identidade coletiva são muitas vezes referências socioculturais das comunidades. As sedes dos grupos operam como lugar de reunião, aprendizado, ajuda mútua, compartilhamento de saberes formais e informais e também formação de redes de solidariedade em comunidades de baixa-renda.



Figura 16. Trecho da reportagem “O Leão Coroado e a Resistência Negra”, publicada no jornal NEGRITOS em fevereiro de 1987. (Fonte: <<http://negritos.com.br>>)

A importância desses espaços físicos e a busca pela aquisição de uma sede própria inserida em seu território é tema recorrente entre grupos de cultura e mesmo antes do advento da internet e das redes sociais os grupos já buscavam dar publicidade ao tema, tratado em forma de pedido de ajuda ou mesmo denúncia. O jornal **NEGRITUDE**, periódico publicado na década de 80 pelo MNU/PE – Movimento Negro Unificado/Pernambuco, em sua edição publicada em fevereiro de 1987, documenta “*A LUTA POR UMA SEDE*” do Maracatu Nação Leão Coroado [Figura 16] .

A **Nação do Maracatu Leão Coroado** foi fundada em 1863, como estampa seu estandarte exibido na reportagem. Neste mais de um século e meio de existência deixou sua marca no território por onde passou e ainda hoje dá nome à rua Leão Coroado, situada no bairro da Boa Vista e assim nomeada em homenagem à agremiação que foi sua mais ilustre moradora.

A imprensa negra em Pernambuco ainda fez outras denúncias em relação à precariedade dos grupos de cultura e a falta de imóvel próprio para consolidar no território o processo de referência cultural. O informativo **DJUMBAY**, publicado pelo MNU/PE na década de 1990 traz em sua edição de Dezembro/Janeiro de 1994 o drama do grupo **Axé da Lua**, envolvido em conflitos de posse de imóvel público e submetido à uma ordem de despejo [Figura 17].



Figura 17. Trecho da nota "Axé da lua recebe ordem de despejo", publicada no Informativo DJUMBAY na edição de Dez/Jan de 1994. (Fonte: <<http://negritos.com.br>>)

A luta dos grupos por melhores condições para realização de suas atividades culturais é constante e ainda atual. É preciso relembrar a origem destas manifestações da cultura popular e observar a relação desta origem com as condições atuais que os grupos encontram para continuar existindo. Bens culturais imateriais como o Maracatu Nação fazem morada onde estão seus mais tradicionais fazedores: as periferias da região metropolitana do Recife. Sendo assim compartilham com eles das precariedades do espaço urbano e da falta de tudo em seu espaço privado. É o caso da **Nação do Maracatu Encanto do Pina**, localizada no bairro do Pina, no Recife, mais especificamente na área conhecida como comunidade do Bode. A Nação do Maracatu Encanto do Pina lançou em 2019 campanha de financiamento coletivo para reforma de sua sede que era descrita pelo próprio grupo como reduzida e precária, abrigando em uma edificação térrea locada em lote estreito múltiplas atividades como ensaios, oficinas, atividades religiosas do Candomblé. Além disso, o grupo se valia de um imóvel tipo palafita para abrigar seu acervo [Figura 18].

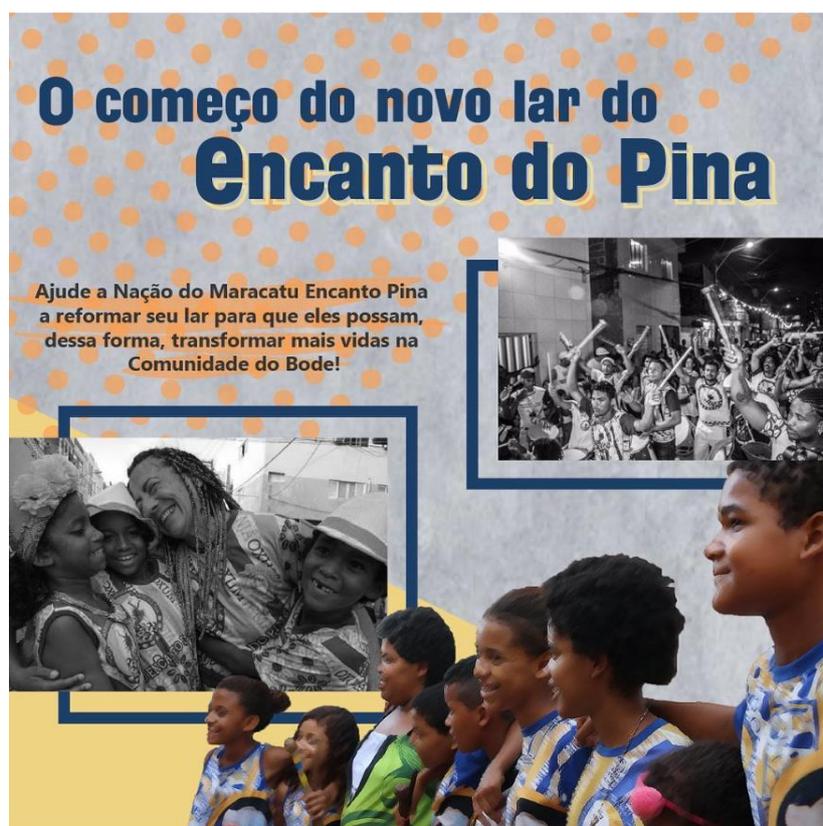


Figura 18. Peça de divulgação da campanha "O começo do novo lar do Encanto do Pina" veiculada pelo grupo via redes sociais. Fonte: <[https://www.instagram.com/p/Bxz\\_c56JI\\_R/](https://www.instagram.com/p/Bxz_c56JI_R/)>

Para melhor compreensão das relações que se estabelecem entre os grupos de cultura, suas sedes, as comunidades e os sonhos para o futuro foi realizado um estudo de caso a partir da metodologia de pesquisa participante. O estudo trata da **Maracatu Nação Cambinda Estrela**, cuja sede está localizada na comunidade de Chão de Estrelas no Bairro Campina do Barreto, Recife-PE. Foi realizada uma visita na sede da Nação e conversa com a Presidente da agremiação Wanessa Santos, onde foram abordadas questões como a origem do desejo coletivo pela aquisição da sede e as expectativas para o futuro após a concretização deste sonho. O objetivo de tal prospecção de informações é compreender estas dinâmicas e pensar o estudo preliminar fruto deste trabalho de curso baseando-se nas demandas do presente e estimando a partir de experiências correlatas quais as demandas do futuro.

### 3.1 O Novo Lar da Nação do Maracatu Cambinda Estrela

O Maracatu Cambinda Estrela surgiu no Recife em 07 de setembro de 1935 no bairro de Casa Amarela e curiosamente era a princípio um **Maracatu de Baque Solto**, cujas peculiaridades e diferenças em relação ao Maracatu Nação descrevemos brevemente no primeiro capítulo. O grupo se apresentou como um Maracatu de Baque Solto até aproximadamente a década de 1960, quando fez a transição para tornar-se um Maracatu de Baque Virado, um caso incomum, mas não único na história dos maracatus. Após anos de efervescência cultural e apogeu, o grupo entrou em declínio no período de desvalorização e abandono da cultura negra, nos anos 1980. Por volta do ano de 1997 o grupo ressurgiu no período de ascensão dos maracatus, agora na comunidade de Chão de Estrelas, no bairro Campina do Barreto, no Recife, na fronteira com a cidade de Olinda. Tal ressurgimento se deu com a congregação de diversos atores da comunidade em prol da agremiação, incluindo estudantes, Yalorixás, Babalorixás e moradores da comunidade de Chão de Estrelas, sob a liderança de Ivaldo Marciano de França Lima como mestre de batuque e presidente do maracatu.

Wanessa Santos, atual presidente da agremiação, conta que as atividades do grupo se espalhavam pela comunidade de Chão de Estrelas usando a casa dos brincantes como apoio. Na residência dela própria ocorriam os ensaios e eram guardados os instrumentos, enquanto que terreiros de candomblé da comunidade, liderados por figuras como Pai Marivaldo e Mãe Telinha de Oxum, abrigavam o acervo de fantasias e

adereços. Para Wanessa, o desejo de reunir tudo em um espaço único não surgiu das necessidades do braço cultural do grupo mas da percepção das carências diversas à que a comunidade estava submetida. Com um grande número de integrantes iletrados e em situação de insegurança alimentar, numa comunidade não urbanizada, o Cambinda Estrela encontrou nos anos 1990 sua vocação de instrumento de transformação social. A busca por um espaço se deu na emergência de realização de atividades de alfabetização da comunidade, que foi paulatinamente somando-se à questões como o enfrentamento à violência e promoção de saúde coletiva. Para atingir esse objetivo foi firmada parceria com uma pequena escola privada da comunidade que Wanessa descreve como um imóvel pequeno e precário que reunia como numa concha de retalhos ambientes construídos em alvenaria, taipa e madeira. A partir das atividades desenvolvidas no turno da noite neste espaço cedido pela proprietária surge o desejo de ter um espaço próprio para fortalecer o trabalho de transformação social na comunidade.

O imóvel era utilizado pela proprietária em regime de aluguel e posteriormente com o fechamento da escola a responsabilidade pelo espaço foi repassada integralmente ao Maracatu, que passou a intensificar sua busca por apresentações e fontes de renda para conseguir arcar com os custos. Com o empenho da agremiação foi possível adquirir o imóvel em 2005, concretizando o objetivo da sede própria, mas ainda com muitos desafios em relação ao estado de conservação do imóvel.

Wanessa esclarece que uma sede própria não é uma necessidade incontestável de todos os grupos e que as obrigações que se estabelecem com a aquisição de um imóvel é uma responsabilidade que nem todos os grupos de cultura tem condições de arcar, acarretando em custos financeiros de manutenção do imóvel, taxas e impostos. Soma-se à esse quadro um problema crônico de dificuldade de gestão, educação financeira e assistência social que atinge muitas lideranças culturais. Assim sendo, opina que o lar para a cultura de que trata este trabalho não é uma necessidade absoluta e que *“uma sede por uma sede não justifica muita coisa”* se não houver um projeto sólido como aquele encabeçado pelo Cambinda Estrela quando resolveu promover transformação social a partir da educação como missão da agremiação.

Com a aquisição da sede foram realizadas ao longo do tempo pequenas reformas, com substituição de paredes de madeira e taipa por alvenaria, ampliação do imóvel, reforma do telhado, adição de revestimento cerâmico, dentre outras melhorias. Com o crescimento contínuo do grupo em número de integrantes e tamanho do acervo, acompanhando o processo

recente de valorização da cultura negra, mas também como fruto do trabalho junto à comunidade, o espaço tornava-se cada vez mais insuficiente em termos de espaço e infraestrutura.

Foi em 2019 que, como resultado do trabalho social consistente realizado na comunidade, a agremiação foi selecionada em edital para receber recursos e promover a reforma da sua sede. Segundo Wanessa essa foi a primeira vez que o grupo teve acesso à assistência técnica no campo da construção civil, apresentando como exigência do edital um projeto básico de arquitetura e também recorrendo a contratação de uma firma de engenharia para executar a obra. Apesar de o edital contemplar uma reforma, avaliou-se que devido às condições precárias e estado frágil do imóvel seria mais proveitoso a demolição e reconstrução do mesmo, decisão que trouxe limitações no orçamento disponível. Para além das questões de orçamentos, outra questão colocada na realização da obra foi a necessidade de envolver a comunidade na execução da obra, fazendo girar a economia local e também agregando o “saber fazer” maracatu ao espaço físico que se recriava. Segundo Wanessa

*“...teve uma hora que a gente teve que brigar durante todo o processo, toda a conjuntura do projeto, para dizer para as instituições que estavam mandando a verba pra gente e dizer: a gente precisa colocar nossas pessoas para trabalhar na obra. Porque as pessoas, uma delas estava saindo da prisão, então a gente precisa ressocializar. Outras estavam desempregadas. Então a gente tinha um mestre de obras na comunidade que já fez diversas obras na comunidade. Então assim, mas ele não tem o documento, então a gente correu pra tirar o documento, né, de seu Francisco e seu Francisco fez a obra com os nossos. A obra foi feita com o povo do Cambinda Estrela. Até porque como aqui é uma casa sagrada, né? É um terreiro, então ele precisava ter pessoas que pudessem também estar sabendo o que vai fazer, onde vai colocar o quarto do santo, onde vai colocar o quarto do exu, então isso uma pessoa que vem de fora elas não iam conseguir dinamizar tudo isso com a gente, elas não iam conseguir. Tipo, ó: ‘tô construindo aqui, mas como que eu vou construir a casa de um Exu?’ como que eu vou construir o espaço do quarto do santo né? que tem toda outra logística né? todo outro entendimento, né? Não só de uma construção, mas tem uma parte religiosa, tem uma questão que ela vai bem mais além né? Então a gente chegou pras entidades né e disse ‘olha, a gente precisa colocar o nosso povo pra trabalhar. A gente precisa fazer essa questão, que o dinheiro circule na comunidade, que gere renda. Que as pessoas consigam trabalhar. E foi um ponto muito positivo que a gente conseguiu.”*

Após a reforma a sede do grupo ganhou um primeiro pavimento, ampliando o espaço. Alguns ambientes foram valorizados, à exemplo da cozinha. A culinária é um fundamento essencial nas religiões de matriz africana e o compartilhamento dos alimentos é importante para o Cambinda Estrela como um momento de valorização de conquistas e de superação coletiva do flagelo da fome que atingia a comunidade de forma muito mais dura quando o grupo chegou à Chão de Estrelas na década de 1990. É importante observar que a valorização do ambiente de preparo dos alimentos não é uma escolha óbvia no projeto de um centro de cultura popular, mas é uma decisão acertada possível de ser tomada a partir de um adequado processo de escuta e de observação das formas pelas quais a comunidade entra em comunhão com essa cultura. No caso do Cambinda Estrela, como fica explicitado na fala de Wanessa transcrita acima, a participação da comunidade no processo de projeto e execução contribuiu para garantir o atendimento a esses anseios.

O espaço da sede da Nação do Maracatu Cambinda Estrela é, para além de um espaço para guarda de acervo e produção de fantasias, um lugar de troca e que se encaixa no que descrevermos no início deste capítulo como um lugar de “reunião, aprendizado, ajuda mútua, compartilhamento de saberes formais e informais e também formação de redes de solidariedade”. A reforma iniciada em 2019 concluiu-se apenas em 2020 durante a pandemia de COVID-19. Ainda assim o grupo manteve-se mobilizado para atender às demandas da comunidade por alimentos, baseando-se em um cadastro descrito como “censo” dos integrantes com dados capazes de apontar as famílias com maior vulnerabilidade e portanto prioritárias para recebimento de ajuda vinda da rede de apoio formada pelo grupo junto a organizações como a Central Única das Favelas – CUFA. Mas para além do forte braço social, a sede do grupo é um espaço de perpetuação do saber cultural a partir das trocas e vivências coletivas:

*“...no carnaval, quando foi o carnaval nosso, você viu aqui o movimento na sede, você viu criança bordando, você viu adolescente confeccionando cabeças. Eles saiam da escola e vinham pra cá. Saíam do curso e vinham pra cá. Mas também tinha os mais velhos. Os mais velhos estavam costurando, estavam ensinando, estavam pegando aquela rapaziada jovem e ‘ó, tu vem aprender isso aqui, vem fazer isso aqui’. Então, fazer maracatu é isso. Um maracatu nação tradicional, ele é isso. Ele é essa continuidade, ele não aprende da noite pro dia, não aprende de um ano pro outro. A gente vai morrer aprendendo, igual como eles estão aprendendo agora [em referência às oficinas de percussão*

*que aconteciam no andar térreo e que podem ser ouvidas na gravação da conversa] eles tem que aprender a teoria, eles tem que aprender a práticas, mas eles também tem que aprender na vivência, porque a vivência é que educa, né? esse repasse é passado e também a gente está num processo de educação onde eles vão aprender o que é um coletivo, o que é aquilombar-se, o que é respeitar, o que é entender gênero, o que é entender a comunidade LGBT, o que é entender o ser negro, o que é entender da identidade racial, entender da intolerância religiosa, o racismo religioso, então são temas que eles estão ali durante essa vivência e esse repasse andando juntos.*

Esses compartilhamentos fizeram o Cambinda converter sua sede no Centro Cultural Cambinda Estrela, a partir da percepção de que o espaço de encontro se converteu em incubadora de novas dinâmicas culturais como a criação do Coco dos Pretos, do Maracatu Mirim Cambinda Estrela do Amanhã e do Afoxé Omulu Pá kerú Awo. O compartilhamento do espaço e dos próprios brincantes por grupos de diferentes matizes culturais é uma estratégia comum de fortalecimento mútuo e de movimentação da comunidade em diferentes ciclos festivos ao longo do ano. Comum também é o fato de o Maracatu Nação, por ser uma das manifestações da cultura pernambucana com maior projeção, ser o pilar que sustenta o coletivo e atrai visibilidade para a comunidade e possibilita o nascimento e desenvolvimento de grupos de outros ritmos como coco e afoxé ou mesmo o frevo.

*“a gente tem que estar discutindo, a gente tem que estar formando e é nessa questão que nasce o Centro Cultural Cambinda Estrela. Porque ele nasce nessa questão de que “gente! a gente está agregando muita coisa!”. O maracatu ele não vai suportar, então vamos lá, vamos pro Centro Cultural Cambinda Estrela, vai ser um CENTRO, então ele vai ser do maracatu nação... [...] o Centro Cultural Cambinda Estrela ele é o braço social do Maracatu Nação Cambinda Estrela. Porque o Maracatu Nação Cambinda Estrela é o pilar. É de onde tudo começou.”*

Outra dinâmica do agora Centro Cultural Cambinda Estrela que é comum aos grupos de cultura popular é a relação com o espaço público. Apesar das melhorias feitas no espaço privado, ele não comporta as atividades culturais como ensaios, oficinas e realização de eventos, que são realizados nas ruas que circundam o imóvel. O uso da rua é um fator de encontros e desencontros que suscita casos de intolerância religiosa e racismo que atinge os grupos a partir da instrumentalização por grupos conservadores da chamada “lei do silêncio”. Por outro lado, beneficia a

comunidade na promoção de eventos que fazem girar a economia local, atraindo visitantes de fora da comunidade e possibilitando a obtenção de renda com a montagem de barracas para venda de comidas e bebidas.

*“Aqui a gente está dentro de uma favela. Então assim, as casas são muito em cima, o espaço é muito pequeno, então a gente tem que ocupar tudo, a gente ocupa as praças, a gente ocupa o campo, a gente faz os arrastões e ocupa a rua pra também movimentar a economia, né? a economia criativa, a questão da renda, a questão de gerar essa renda. Teve o primeiro festival de arte e cultura negra aqui do Cambinda Estrela e teve uma pessoa aqui da comunidade, que por sinal também faz parte da nação que foi vender coisas... espetinho, bebida, guaraná, e no final das coisas, a gente conversando, varrendo, organizando as coisas, separando o lixo orgânico do reciclável, porque a gente tem um trabalho também voltado à isso, [...] e essa mãe chegou, ela é uma mãe né, então ela chegou e disse assim “poxa, com o dinheiro que eu arrecadei aqui eu coloco cerâmica na minha casa!”. Sabe aquela coisa de “cair um cisco no seu olho”? Ela colocou cerâmica na casa dela toda com o dinheiro que ela arrecadou. Então o maracatu trouxe isso, o centro cultural trouxe isso.”*

Outro benefício aferido pela comunidade é a confiança na guarda das crianças, fruto do reconhecimento do bom trabalho realizado pelo Centro Cultural. Wanessa conta que as crianças ficam até a noite aprendendo com os mais velhos e desenvolvendo habilidades de confecção e manutenção de fantasias, mas também de planejamento e tomada de iniciativa. É comum ouvir dos pais que *“se está no Cambinda está seguro”* ou *“é o mesmo que estar em casa”*.

*“No centro cultural tem mães que dizem assim “eu sou doida que vocês tenham logo uma creche, porque a mesma dificuldade que eu, Wanessa, passei com meu filho, que quando tive meu filho precisei voltar a trabalhar, a gente não tem creche aqui na comunidade então se não fosse o avô dele e a avó dele, como que eu ia fazer? eu tinha que trabalhar e deixar meu filho com alguém, então assim, tem mães que dizem poxa, precisa ter uma creche do cambinda, precisa ter uma escola, que os meninos saiam da escola e vão logo pra dentro da sede...”*

O reconhecimento desse trabalho impulsiona o Cambinda para o futuro, com planejamento de criação de uma creche, nova ampliação com adição de um terceiro pavimento e projetos como criação de uma rádio comunitária, podcasts, produção audiovisual e a formação técnica dos jovens da comunidade para operacionalizar tantos sonhos.

O exemplo da Nação do Maracatu Cambinda Estrela mostra como o Centro Cultural enquanto demanda real da comunidade pode ser um espaço de construção de identidades e como o maracatu, desde os tempos da escravidão, vem sendo um elemento catalisador de redes de sociabilidade e solidariedade. Soma-se a isso a identificação dos moradores com seu território a partir da valorização dos grupos de cultura, suas cores e seu batuques como bandeira representativa do que de melhor cada periferia tem a oferecer. Também se apreende deste estudo de caso como a cultura popular pode ser um instrumento de superação coletiva de paradigmas a fome, violência e analfabetismo, não apenas para a juventude, mas para todos aqueles que fazem parte deste processo.

## CAPÍTULO 04

# JABOATÃO VELHO: DAS RETRETAS AOS MARACATUS.

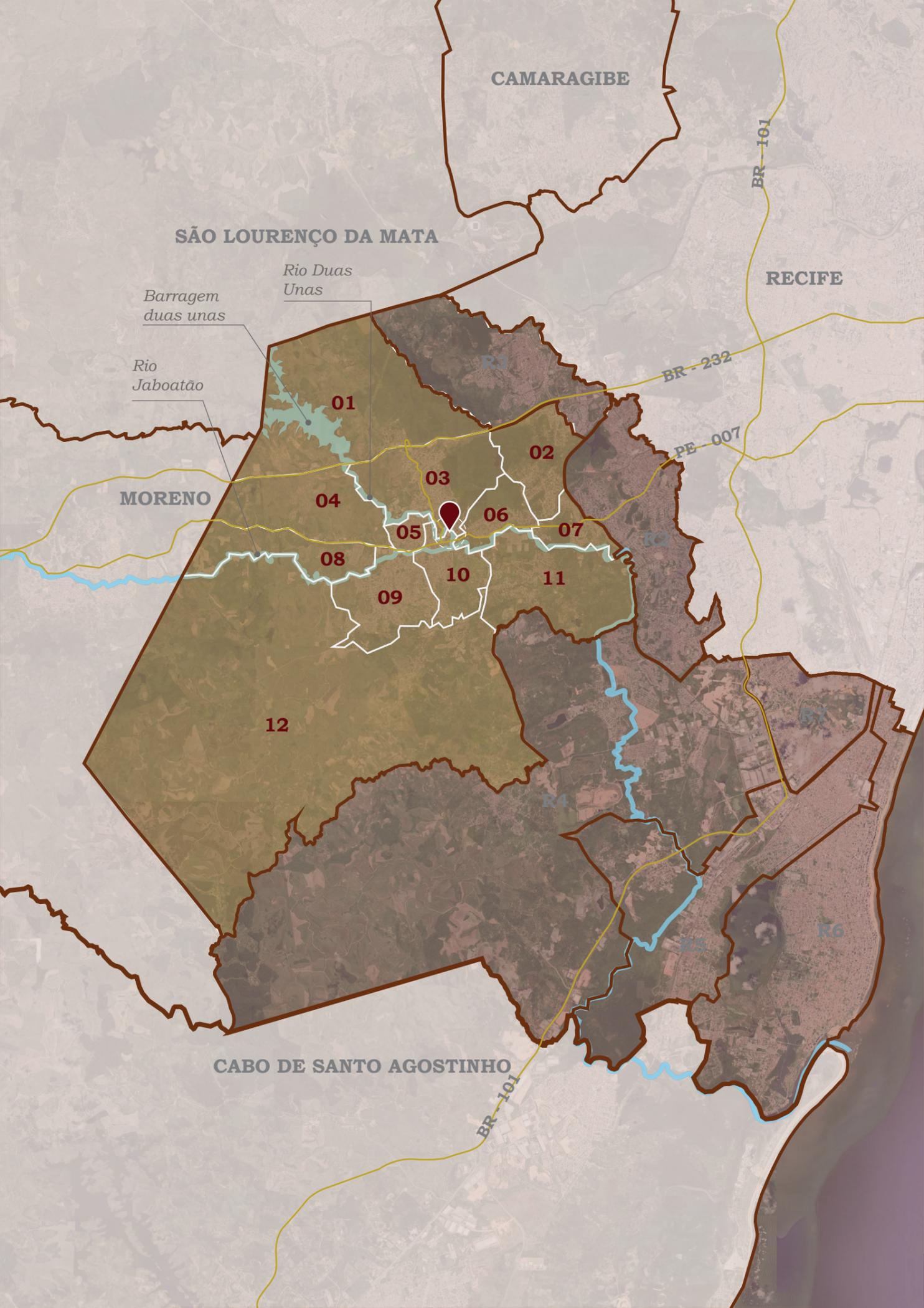
### 4.1 As ferrovias: história oficial *versus* história dos trabalhadores

Jaboatão dos Guararapes é um município da Região Metropolitana do Recife. De acordo com o censo 2022 o município conta com 643.759 habitantes e um território de 258,724km<sup>2</sup>. Faz fronteira com os municípios do Recife, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Moreno e São Lourenço da Mata.

Com data simbólica de fundação em 04 de maio de 1593 o município de Jaboatão nasceu como um povoado no encontro do rio Jaboatão com o Rio Duas unas. O nome tem origem indígena, “*Yapoatan*” (nome dado a uma árvore abundante na região). Em 1989 passou a chamar-se **Jaboatão dos Guararapes** em homenagem ao Monte dos Guararapes, local de batalhas históricas pelo fim do domínio holandês em Pernambuco (IBGE, 2023; PREFEITURA DE JABOATÃO DOS GUARARAPES, [s.d.]). A **Batalha dos Guararapes** é, portanto, a narrativa escolhida como **história oficial** do município, símbolo através do qual se construiu ao longo das últimas décadas a noção pública de uma identidade municipal. A história oficial, segundo Prestes (2010) pode ser entendida como a “*elaboração histórica que convém aos grupos dominantes na sociedade e que se encontra consagrada e difundida principalmente nos livros escolares e na mídia*”. Ainda segundo a autora

*“Numa sociedade atravessada, e movida, por conflitos sociais, ou seja, numa sociedade onde há explorados e exploradores, onde há, portanto, classes antagônicas, a História é sempre uma construção que reflete os interesses dos grupos sociais dominantes, que controlam os meios de comunicação. Em outras palavras, a História é uma construção das classes sociais que detém o poder e os meios de comunicação.”*

Ao debruçar-se sobre o tema da história oficial de Jaboatão dos Guararapes, o historiador Diógenes Calado (2020) reflete como o discurso “Aqui nasceu a pátria” foi construído pelas famílias abastadas e elite intelectual local, sendo paulatinamente cristalizada em diversas publicações que ao longo de décadas alardeiam os feitos “heroicos” da Batalha dos Guararapes como o mito fundador do município.



## MUNICÍPIO DE JABOATÃO DOS GUARARAPES



258,724 km<sup>2</sup> de área total  
 74,52 km<sup>2</sup> de área urbanizada [28,80%]  
 643.759 habitantes [2.488,21/km<sup>2</sup>]  
 225.550 pessoas vivem em aglomerados subnormais.



Localização do complexo ferroviário



Regional 01 - Centro

Bairros:

- 01 - Manassú
- 02 - Floriano
- 03 - Santo Aleixo
- 04 - Vargem Fria
- 05 - Vista Alegre
- 06 - Engenho Velho
- 07 - Socorro
- 08 - Blulhões
- 09 - Vila Rica
- 10 - Centro
- 11 - Santana
- 12 - Muribequinha

- [R01] Regional 02 - Cavaleiro
- [R02] Regional 03 - Curado
- [R03] Regional 04 - Muribeca
- [R04] Regional 05 - Prazeres
- [R05] Regional 06 - Praias
- [R06] Regional 07 - Guararapes

Alternativamente, o autor apresenta a história dos trabalhadores ferroviários e a instalação de um complexo de oficinas da **Great Western of Brazil Railway Company** como o acontecimento que moldou a região do povoado original e que era até aquele momento a área central do município. O ciclo de desenvolvimento gerado pelas dinâmicas da Great Western mobilizaram uma massa operária de prestígio capaz de ditar os rumos da cidade ao ponto de eleger em 1947 o prefeito Manuel Calheiros, que ficou conhecido como o primeiro prefeito comunista do Brasil (CALADO, 2020).

Entretanto a história da instalação do complexo ferroviário em Jaboatão não é um caso isolado e está inserida num contexto nacional de valorização do transporte ferroviário como um símbolo de modernidade (CARDOSO; ALBUQUERQUE, 2020), dentro da mesma lógica que categorizou as manifestações da cultura de origem afro como símbolos de um Brasil colonial e escravista que se buscava esquecer.

Segundo Cardoso e Albuquerque (2020) o investimento no desenvolvimento de uma malha ferroviária no Brasil fez parte de um projeto político de unidade nacional que demandou melhores meios de deslocamento pelo país. O processo se iniciou nas regiões do Rio de Janeiro e Pernambuco, tendo, nesta última, conduzido *“a uma ampliação do tecido urbano e consolidação de laços mais firmes entre o interior e o litoral”*. As ferrovias foram, portanto, vetor de urbanização em várias cidades. Em Pernambuco o processo se inicia em 1855 com o princípio da construção das primeiras linhas, inaugurando já em 1858 os primeiros trechos da linha **Recife and São Francisco Railway**, em 1881 da linha **Recife – Limoeiro** e em 1855 da **Estrada de Ferro Recife - Caruaru**. O processo se deu com investimento do capital Britânico em busca de expansão do capitalismo e mercado consumidor, se consolidando no século XX com a instalação da Great Western of Brazil Railway, que se tornou a principal responsável pelos ramais Pernambucanos.

A estação do município de Jaboatão dos Guararapes está localizada na Linha Recife-Caruaru, posteriormente denominada **Linha Tronco Centro** e foi inaugurada em 1885, sendo a mais antiga estação desta linha dentre as que ainda existem (CARDOSO, 2021). Cardoso e Albuquerque (2020) enfatizam como a instalação de uma ferrovia em um município é um processo indutor de mudanças não apenas sob o ponto de vista do adensamento populacional mas também é um vetor de modificações sociais e culturais. Isso se dá porque a infraestrutura amplia o domínio das grandes cidades, mas não é um processo homogêneo, variando, por exemplo, de acordo com a posição da estação no sistema: cidades terminais,

entroncamento, com concentração de demanda de embarque e desembarque ou ainda as cidades que se tornaram referência no reparo de material rodante. Jaboaão dos Guararapes se estabeleceu como o último caso citado uma vez que, com a chegada da Great Western, foi escolhida como local para instalação de um grande complexo que incluiu oficinas diversas, centro de formação profissional, hotel, casa de chá, garagens, casa de saúde, um grande e imponente prédio de escritórios e, dentre outras edificações, a mais importante do ponto de vista da memória ferroviária: a estação (CARDOSO; ALBUQUERQUE, 2020; IPHAN, 2009).

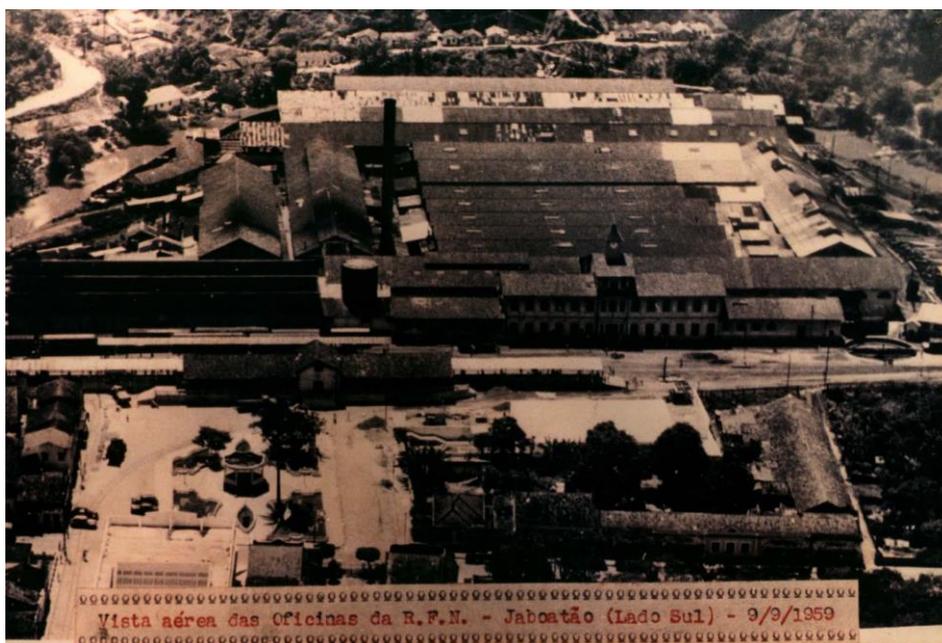


Figura 20. Vista aérea das Oficinas da rede ferroviária em Jaboaão Centro. No topo da imagem o complexo de oficinas e garagens de vagões. No canto inferior esquerdo a Praça Dantas Barreto com seu coreto. Em frente à Praça está a Estação Jaboaão.

Segundo Calado (2020), a grande infraestrutura instalada na esplanada ferroviária em Jaboaão eram, no período de auge do sistema, a *“única expressão de vitalidade econômica da cidade”*. Tal vitalidade é simultaneamente causa e consequência do aumento da população na região no período, abrigando um contingente de famílias que vinham do interior do estado, uma grande massa operária ferroviária que demandou esforços de provisão de habitação que culminaram na construção das Vilas Operárias do Bairro da Cascata. Essa dinâmica é um exemplo das mudanças sociais e culturais promovidas pela instalação das ferrovias e citadas por Cardoso e Albuquerque (2020). Relatos de operários que viveram este momento de apogeu dão conta da existência de uma dinâmica cultural efervescente que iam de quadrilhas juninas, mamulengos, marujadas e clubes carnavalescos a campeonatos de futebol gestados no ambiente fabril e na Vila da Cascata.

Outro exemplo dessa efervescência cultural e do prestígio do “mundo de ferroviários” eram as chamadas **Retretas**, bandas de música que faziam o gosto da população do período e que tinha na Retreta dos Ferroviários uma expoente do movimento, que disputava no circuito municipal a atenção do público e o espaço para apresentações com as demais (CALADO, 2020).

Em meados de 1957, no governo Juscelino Kubitschek, foi criada a Rede Ferroviária Federal S.A – RFFSA com o objetivo de administrar, explorar, conservar, reequipar, ampliar, melhorar e manter em tráfego as estradas de ferro brasileiras. A RFFSA (sigla conhecida pelo acrônimo Refesa) reuniu o patrimônio de diversas redes ferroviárias do país, inclusive da Great Western.

Mas o período de apogeu teve seu fim. O processo de decadência das ferrovias teve início com o estabelecimento de novos objetivos políticos e econômicos e novas noções de modernidade em meados do século XX, quando o Brasil opta pelo investimento no setor rodoviário e consequente desinvestimento nas ferrovias (CARDOSO; ALBUQUERQUE, 2020). O processo se agravou entre as décadas de 1960 e 1980 com a desativação de várias linhas e inevitável desativação do sistema em várias regiões do país, processo que gerou um grande número de bens sem uso, à exemplo da explanada ferroviária Jaboatonense. No caso do município, inclusive, a instalação do sistema de Metrô Urbanos METROREC demandou em 1987 a demolição do imponente prédio de escritórios da Companhia Great Western. Outros imóveis foram refuncionalizados de forma proveitosa à exemplo do centro de formação que hoje dá lugar a uma escola técnica estadual e o galpão de oficinas que abriga uma unidade do SENAI. Outros processos de refuncionalização foram mais agressivos, à exemplo da Casa de Chá que foi completamente reformulada para abrigar uma escola estadual. A estação Jaboatão seguiu sem uso e abandonada até os dias atuais.

## PATRIMÔNIO FERROVIÁRIO

■ estruturas existentes | □ estruturas demolidas

*Vilas Operárias do bairro da Cascata  
(Cascata de Baixo, do Meio e de Cima)*

*Rádio, Gerador da  
Rádio, Caixa d'água  
e casa do vigia*

*Conjunto de  
Oficina, escritório e  
galpões onde hoje  
funciona uma  
unidade da escola  
técnica SENAI*

*Ruínas do  
Pontilhão do  
trem em  
estrutura  
metálica*

*Ruínas da Estação e  
plataformas*

*Clube dos trabalhadores Ferroviários  
(Não faz parte do patrimônio da RFFSA  
mas é ainda um equipamento cultural  
relevante)*

*Centro de Formação  
Profissional, hoje Escola  
Técnica Estadual*

*Casa de Chá. Foi completamente  
descaracterizada e abriga uma  
Escola Estadual\**

*Casa de Saúde,  
bastante  
descaracterizada, há  
registro de uso  
residencial\**

*Pensão dos ingleses. Há  
registro de uso  
residencial\**

*\*Dados retirados do  
inventário de conheci-  
mento do IPHAN (2009)*





Figura 22. Ruínas da Estação vistas de dentro do Terminal Integrado de Transporte de Jaboatão Centro. (Fonte: acervo da autora, 2023)



Figura 23. Em primeiro plano o pontilhão do METROREC. Adiante as ruínas do Pontilhão de estrutura metálica da linha de trem. Ambos passam sobre o rio Duas Unas. à direita o Clube dos Trabalhadores Ferroviários. Foto tirada de cima da passarela sobre os pontilhões

Para Cardoso e Albuquerque (2020), como citado anteriormente, as estações ferroviárias são de grande valor histórico e de memória coletiva, representando o mais importante bem do ponto de vista da memória ferroviária porque foram *“incorporadas pela população como pontos de ancoragem de memória”* e

*“ainda são reconhecidas por sua função original, mesmo nas localidades em que a desativação do serviço ferroviário tenha ocorrido há décadas, de forma que até as gerações mais novas, não tendo vivenciado o funcionamento da técnica de transporte ferroviário, pautam suas representações e percepções nas memórias dos mais antigos.”*

De acordo com o Inventário do Patrimônio Ferroviário em Pernambuco (IPHAN, 2009) a estação Jaboatão é catalogada como uma estação tipo 4 (estação especial), do subtipo 3:

*“Estação de grande porte, programa básico com alojamento, disposição da planta em forma retangular. Possui dois pavimentos no corpo central e cobertura diferenciada no prolongamento da plataforma de embarque. “*



Figura 24. Vista da estação em ruínas. Ao fundo torre pertencente à infraestrutura do terminal de ônibus. (Fonte: Iphan, 2009)

A ficha individual do imóvel trás ainda uma descrição de suas características construtivas:

*“Apresentando planta retangular em dois pavimentos apenas no corpo central, a estação de Jaboatão possui sistema estrutural em alvenaria portante e revestimento em reboco e tinta com barramento texturizado à meia altura. A cobertura possui duas inclinações, estrutura em madeira e recobrimento em telha canal com cumeeira paralela aos trilhos no térreo, porém perpendicular aos trilhos no pavimento superior. Sobre a plataforma de embarque em*

*continuação à fachada longitudinal da estação, existe uma estrutura de cobertura com onze pilares em ferro e outra em concreto armado com pilares em perfil "T" na segunda plataforma localizada do lado oposto da linha. As aberturas apresentam vãos em arcos abatidos, na sua grande maioria sem as esquadrias, que são em madeira com bandeiras em gradil de ferro. Foram encontradas também novas aberturas em vergas retas com vedação em elemento vazado de concreto. O piso é em cimentado na plataforma de embarque e também no interior da estação.*



*Figura 25. Vista da Estação, plataforma e, à direita, Estação CBTU/METROREC.  
(Fonte: Autora, 2023)*



Figura 26. Fachada da Estação com alvenaria exposta. (Fonte: Autora, 2023)

Em sua dissertação de mestrado em História, Cardoso (2021) investigou as relações entre história, preservação e refuncionalização das estações ferroviárias em Pernambuco. O levantamento do autor constatou que os usos culturais e educacionais, variando entre museus, centros culturais, escolas e bibliotecas, representam mais da metade dos casos dentre as estações que foram reabilitadas para uso público. O autor afirma ainda que *“as edificações que receberam novos usos voltados à difusão cultural, à administração pública ou mesmo funções de cunho educativo, possibilitaram melhores resultados no que se pode considerar preservação efetiva.”*

Neste sentido, a Estação Ferroviária de Jaboatão se apresenta como uma oportunidade de estabelecimento de uma nova sede para a Nação do Maracatu Aurora Africana, levanto em consideração diversos aspectos:

1. O estado de ruína em que a estação se encontra nos dias atuais cria um local inóspito, inseguro e insalubre no coração do centro da cidade, ***prejudicando as dinâmicas urbanas***;
2. A falta de uso e a atual situação do imóvel priva a sociedade de estabelecer relações com uma ***memória ferroviária*** tão relevante para o município que possui que se impõe à história oficial e mito de fundação estabelecido;
3. A ***refuncionalização com estabelecimento de uso cultural*** é uma realidade estabelecida no estado, com casos de sucesso em diversos municípios, especialmente ao longo da linha tronco centro;
4. A Nação do Maracatu Aurora Africana enquanto agremiação carnavalesca e bem cultural imaterial é geradora de uma dinâmica social e cultural capaz de estabelecer mecanismo de ***participação social efetiva***, não se configurando apenas como uma vivência contemplativa do patrimônio;
5. A vocação natural das Nações de Maracatu como eixos agregadores de cultura é uma oportunidade de construção de um espaço que seja, para além de uma sede para a agremiação, um local de criação de novas dinâmicas culturais e abrigo para surgimento e desenvolvimento de ***novos grupos***.

## O CENTRO CULTURAL NAÇÃO DO MARACATU AURORA AFRICANA

### 5.1 O local

O recorte de trabalho para desenvolvimento do projeto parte **da ruína da estação ferroviária de Jaboatão Centro**. A Ruína está localizada numa faixa de terreno remanescente após a instalação da estação terminal de metrô do sistema CBTU-METROREC (Companhia Brasileira de Trens Urbanos – Metrô Recife) em 1987 e do Terminal Integrado de Jaboatão. As linhas do sistema ferroviário se estendem ao leste para além da plataforma das ruínas da estação até cruzar a volta do Rio Duas Unas num pontilhão de trem em estrutura metálica com base em alvenaria de pedras, que também se encontra na condição de ruína. Os sistemas de trem de superfície são um conhecido problema urbanístico a medida que cria entraves em seu trajeto que necessitam de sistemas de túneis e passarelas para transposição de pedestres. É o caso da comunidade da Cascata, local onde estão situadas as antigas vilas operárias e que está isolada das referidas centrais de transporte graças às instalações do sistema CBTU/METROREC e também graças ao Rio Duas Unas.



Figura 27. À direita a Estação Terminal Jaboatão, do sistema CBTU-METROREC. À esquerda as Ruínas da Estação de trem. Ao centro os trilhos soterrados e a vegetação obstruindo a vista em direção à ruína do pontilhão.



*Figura 28. Foto Retirada de cima da passarela de pedestres que conecta a comunidade da cascata. O centro as ruínas do pontilhão de trem. A Esquerda o Clube ferroviário, à direita a linha de Metrô. Destaque para vegetação obstruindo a vista para estação e uso inadequado do espaço para criação de animais. (Fonte: Autora)*



*Figura 29. Foto realizada a partir da PE-007 mostra o Clube Ferroviário, a ruína do pontilhão de trem, a passarela de pedestres e o Rio Duas Unas. (Fonte: Autora)*

SITUAÇÃO ATUAL E ESTRUTURAS EXISTENTES

-  Ponto de Vista cênico das fotografias
-  Área de intervenção do projeto



*Estrutura metálica remanescente e plataforma danificada pela passagem da via*

*Ruínas da Estação*

*Escada de conexão do T.I. Jabotão com a estação METROREC*

*Caixa D'água do T.I. Jabotão*

*Ruínas do pontilhão*

*Passarela de pedestres*

*Conjunto de plataformas do METROREC*

*Laje contínua com a plataforma*

*Estacionamento improvisado*

*Outdoors obstruindo a visão da ruína da estação*

*Desnível na praça cria barreiras para o pedestre*

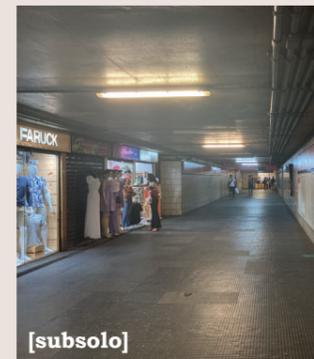
*Entrada da Estação METROREC com passagem subterrânea para acessar plataformas*

*Rio Duas Unas*

*Clube dos Ferroviário*

*Coreto é elemento remanescente da praça Dantas Barreto*

[1] [2] [3] [4] [5]



Para melhor compreensão do projeto foram realizadas visitas ao local para **registro fotográfico** e **levantamento arquitetônico** dos arredores da Praça Dantas Barreto, Estação CBTU/Metrorec e ruínas da Estação Ferroviária. Pela situação de insalubridade e insegurança em que se encontra a estação o levantamento realizado foi superficial, tendo como principal base para realização do projeto fotografias das **plantas originais** realizadas em visita ao acervo do IPHAN-PE. Também foram referências para compreensão do território e do complexo de estruturas do patrimônio ferroviário os documentos do **Inventário do Patrimônio Ferroviário em Pernambuco**, gentilmente cedidas pelo IPHAN-PE (IPHAN, 2009). O reconhecimento da topografia local foi realizado em visita a partir da aferição de medidas e também através do modelo digital do terreno obtido no Portal Pernambuco Tridimensional e trabalhado utilizando o software QGIS para obtenção das curvas de nível do recorte de estudo.

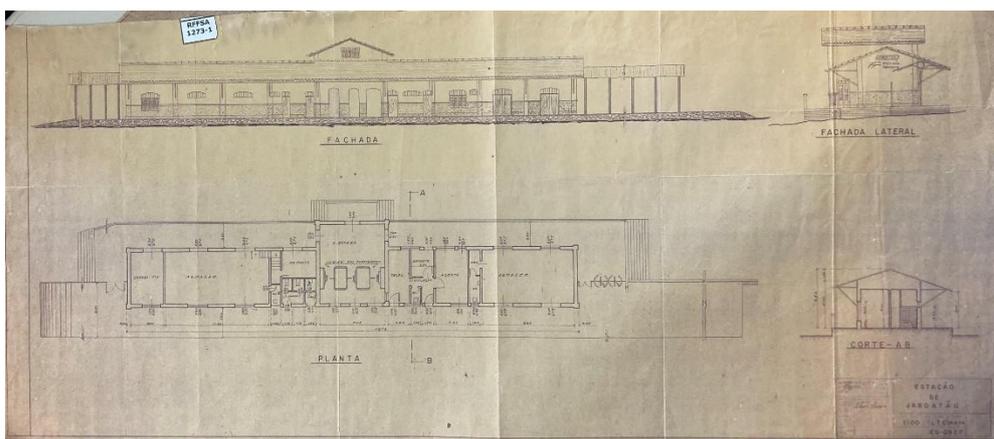


Figura 31. Item 1273-1 do Arquivo da RFFSA, datado de 27/03/1974. Prancha de projeto apresenta planta baixa, corte e fachadas da Estação Ferroviária de Jaboatão. (Fonte: Foto da autora do material disponível para consulta presencial no acervo do IPHAN-PE)

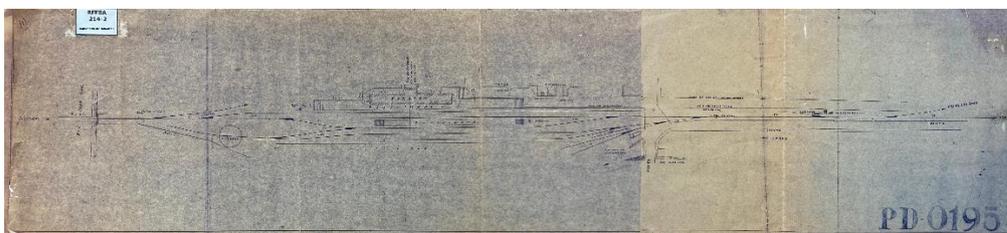


Figura 32. Item 214-2 do Arquivo da RFFSA, datado de 02/05/1957. Planta de situação da Esplanada de Jaboatão. (Fonte: Foto da autora do material disponível para consulta presencial no acervo do IPHAN-PE)

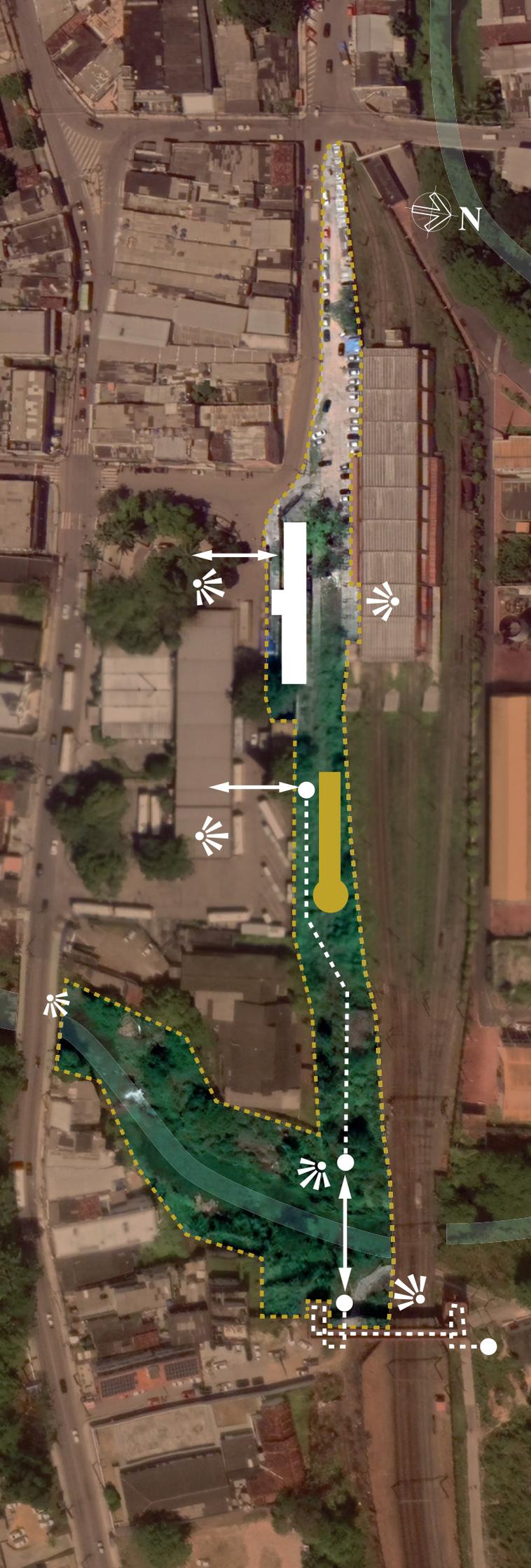
## 5.2 As diretrizes

A principal diretriz urbanística do projeto é a de **conexão** da área de trabalho, atualmente enclausurada, com os seus arredores, notadamente a **Praça Dantas Barreto**, o **Terminal Integrado**, a **Estação Metrorec**, o **Rio Duas Unas** e a **Comunidade da Cascata**. O aspecto linear do espaço disponível abre a oportunidade de valorizar a forma como uma passarela, espaço de apoteose da cultura. Apesar do aspecto estreito da área de trabalho o projeto manteve uma diretriz de afastamento dos muros do CBTU-METROREC para garantia da segurança.

Para o projeto arquitetônico considerou-se uma diretriz de **ampliação** do espaço disponível para abrigar a totalidade do programa. Para tanto, a mera reconstituição da fachada de cobertura da estação não seria suficiente. A proposta conta com a adição de um novo pavimento na estação, o que demanda um nível de intervenção para além do restauro das características originais. Ainda no escopo da diretriz de ampliação, a proposta conta com a adição de um novo volume que, com mais liberdade compositiva, tenha a cultura popular como partido arquitetônico.

Do ponto de vista paisagístico a principal diretriz é a de **valorização da memória** do patrimônio ferroviário a partir da marcação da presença dos trilhos e valorização do seu percurso. Considerando que o local é um ponto de saída e chegada desta região da cidade e que é ainda, ponto de embarque de linhas interurbanas para cidades da Zona da Mata como Vitória de Santo Antão e Moreno, é grande o fluxo diário de passageiros na localidade. Assim, em relação às visadas, buscou-se **privilegiar os pontos de vista de quem sai ou chega na cidade pelo transporte público**, inserindo o projeto como marco de chegada na região de Jaboatão Velho.

Para além destas questões faz-se necessário refletir que a proposta aqui apresentada não se restringe apenas ao uso do público em geral tendo, ao contrário, os **fazedores de cultura** como seu principal público alvo. Dessa forma o **uso noturno** é o de maior importância, uma vez que o contraturno de trabalho é o principal horário dedicado às atividades dos fazedores da cultura popular.



- Perímetro da área de intervenção
- Diretrizes de conexão
- Diretrizes de percurso (rotas de pedestres)
- Nova Edificação
- Restauração e Refuncionalização da Estação
- Pontos de valorização de visadas

### 5.3 O programa de necessidades

Entendendo que as necessidades da Nação do Maracatu Aurora Africana são um problema amplo na cultura popular de origem afro-ameríndia buscou-se um programa de necessidades que atendesse a uma coletividade, tendo o maracatu como elemento guarda-chuva capaz de aninhar estas manifestações da cultura que são muitas vezes mais frágeis do ponto de vista da visibilidade, apelo midiático e engajamento de integrantes.

Para a constituição do programa foi considerada a pluralidade das atividades na cultura popular, dado prioridade de constituição de espaços amplos multiuso que se adequem às diferentes necessidades, evitando o engessamento da vivência no local.

No espaço urbano o programa de necessidades deve contemplar os seguintes pontos:

1. Ponto de travessia do Rio Duas Unas
2. Ponto de contemplação do Rio Duas Unas
3. Nova rota de acesso ao T.I. Jaboatão e Estação CBTU/METROREC
4. Estacionamento com vagas para carros de passeio e para ônibus ou veículos de carga.
5. Espaços pra ensaios e apresentações culturais que contemplem as diversas formas de ocupação do espaço nas principais manifestações culturais de Pernambuco: o palco, a arena e a passarela.

No espaço interno das edificações propostas o programa deve contemplar, para o uso geral:

1. Memorial do patrimônio ferroviário
2. Banheiros e vestiários
3. Administração do centro cultural
4. Sala multiuso para atividades de dança, teatro, música e outras atividades correlatas.
5. Miniteatro arena com espaço para 60 pessoas

Para desenvolvimento das atividades da Nação do Maracatu Aurora Africana:

1. Sala de armazenamento do acervo
2. Sala de produção

- 3.** Sala multiuso de reuniões, descanso, convivência e escritório.
- 4.** Depósito de instrumentos e equipamentos de som de fácil acesso para realização de ensaios
- 5.** Assentamento religioso em local próximo à entrada da edificação.
- 6.** Cozinha
- 7.** Oficina de construção, manutenção e reparo de instrumentos e estruturas para o desfile.

Para uso da comunidade de fazedores de cultura de outros grupos e matizes culturais da cidade:

- 1.** Salas de armazenamento de acervo
- 2.** Estúdio de gravação para o registro das produções musicais dos grupos.
- 3.** Terraço descoberto para realização de ensaios privados.



## ESTAÇÃO DAS ARTES

(ESTAÇÃO FERROVIÁRIA JOÃO FELIPE)

Fortaleza-CE | 2022 | Centro Cultural  
Carvalho Araújo Arquitetos

A estação João Felipe, na área central da cidade de Fortaleza foi inaugurada em 1880 durante o governo de D. Pedro II. Está tombada como patrimônio em nível estadual e inscrita na lista do Patrimônio Cultural Ferroviário do Iphan desde 2008. Foi revitalizada para dar lugar à um enorme complexo cultural com programa educacional, cultural, artístico, gastronômico, museológico e sedes de repartições públicas.

No projeto as preexistências são valorizadas e interagem diretamente com estruturas metálicas e volumes contemporâneos que em alguns trechos parecem flutuar internamente às fachadas de inspiração neoclássica. Os trilhos expostos mantêm viva a memória ferroviária, que se expressa tanto no programa, com a instalação do Museu Ferroviário, como na experiência do usuário que circula por entre os trilhos.





## CIDADELA DA LIBERDADE

(SESC POMPÉIA)

São Paulo - SP | 1986

Centro Cultural | Lina Bo Bardi

Neste clássico da arquitetura brasileira a Arquiteta Lina Bo Bardi construiu uma das mais emblemáticas obra de arquitetura em concreto do mundo. Com o objetivo de revitalizar uma antiga fábrica usada pelos moradores como espaço de lazer, Lina idealiza um projeto que apesar de inserir no local uma pesada fortaleza de concreto dividida em 2 volumes, revitaliza e mantém viva a memória contida nas preexistências arquitetônicas, os galpões da Fábrica, e naturais, os vestígios do Corrego Água Preta. Desconsiderando a possibilidade de aterrar definitivamente o local de passagem do antigo córrego (já sufocado pelas dinâmicas urbanas da capital), Lina cria um deck em madeira que guarda a memória do córrego e serve de espaço de lazer e apresentações culturais.





Restauração do pontilhão para novo uso:  
Travessia de pedestres

Reposicionamento do muro para  
eliminar barreira visual

Inserção de nova edificação

Criação de novo acesso ao T.I. Jabotão

Restauração e refuncionalização da estação  
para abrigar a nova sede da Nação do  
Maracatu Aurora Africana

Estreitamento da via, ampliação do passeio  
de pedestres e nivelamento de trecho da  
Praça Dantas Barreto

Movimentação de terra para exibição de  
trecho aterrado dos trilhos

Criação de estacionamento  
com vagas para Veículos de  
carga e de passeio



Travessia de pedestres

Deck elevado de madeira

Nova edificação - Centro Cultural

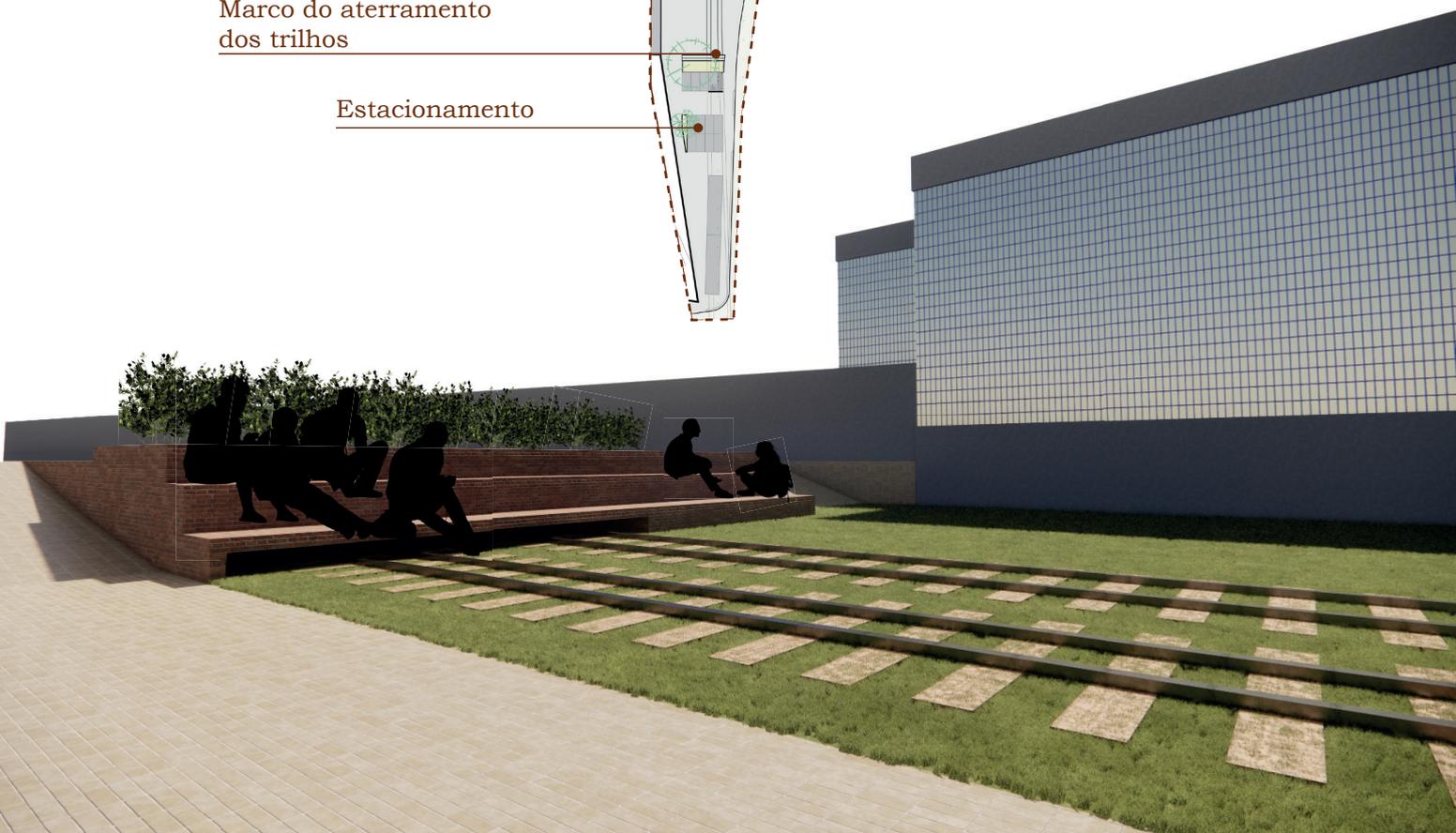
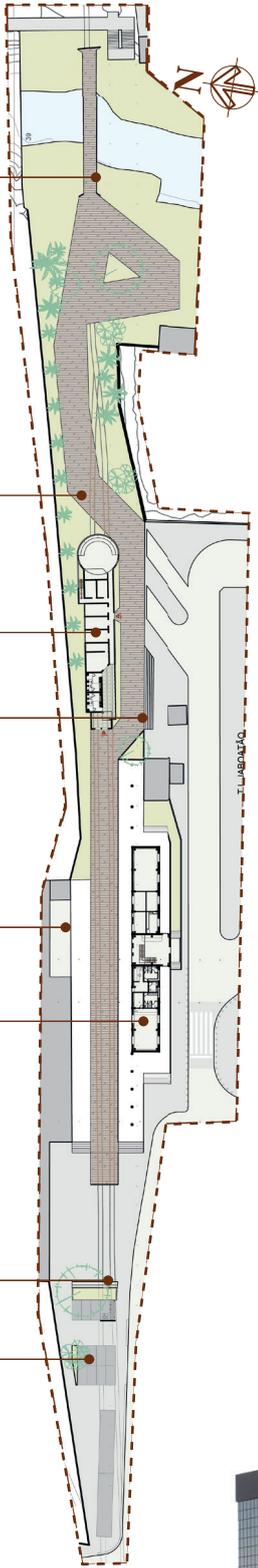
Novo acesso ao  
T.I. Jaboatão

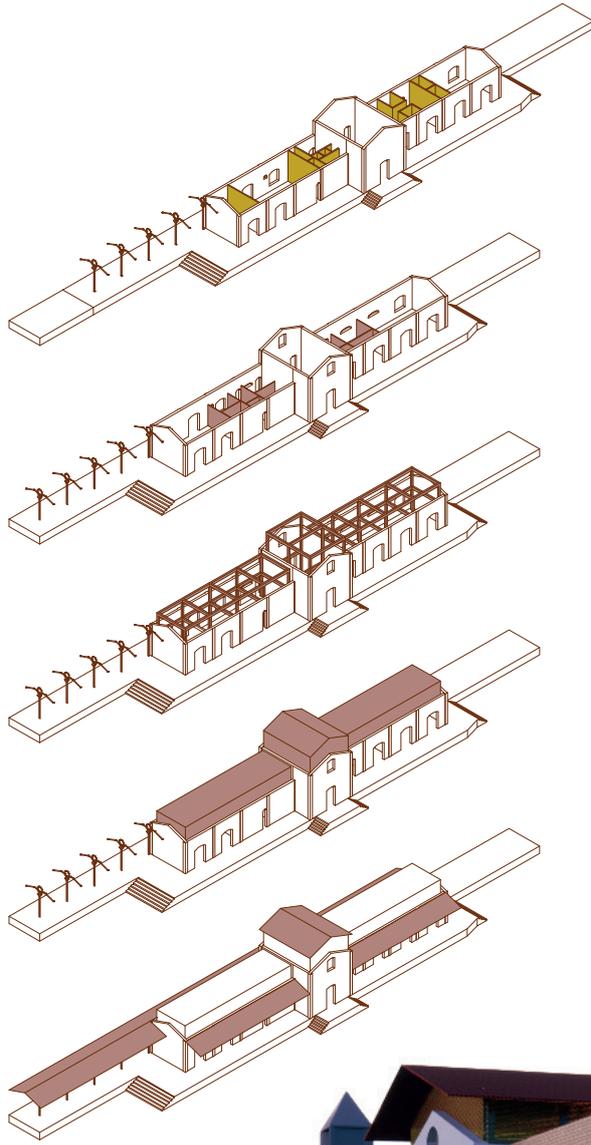
Palco

Sede da Nação do Maracatu  
Aurora Africana

Marco do aterramento  
dos trilhos

Estacionamento





1 - demolição das divisões internas

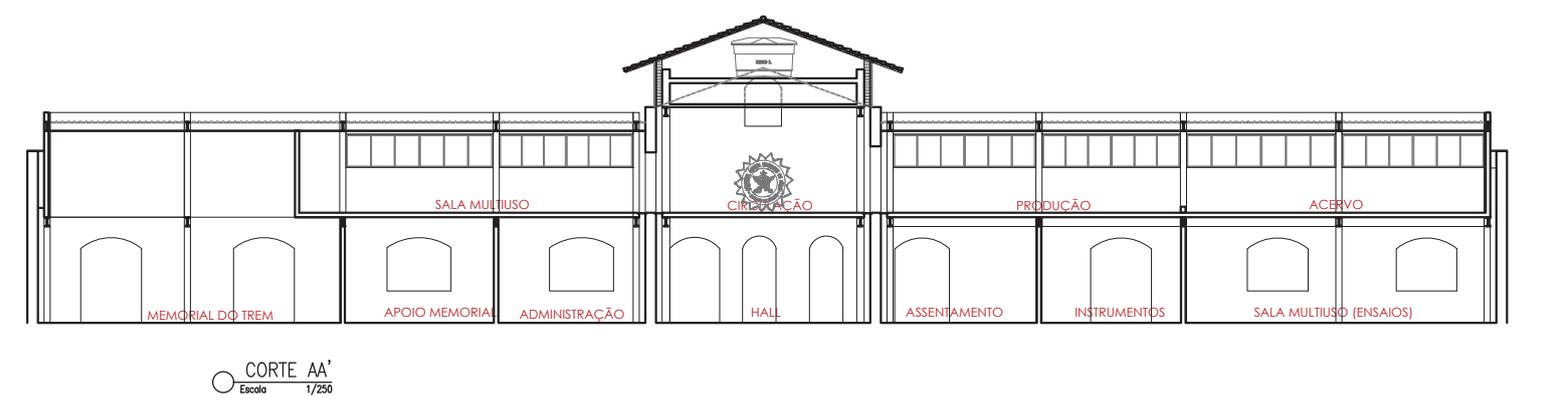
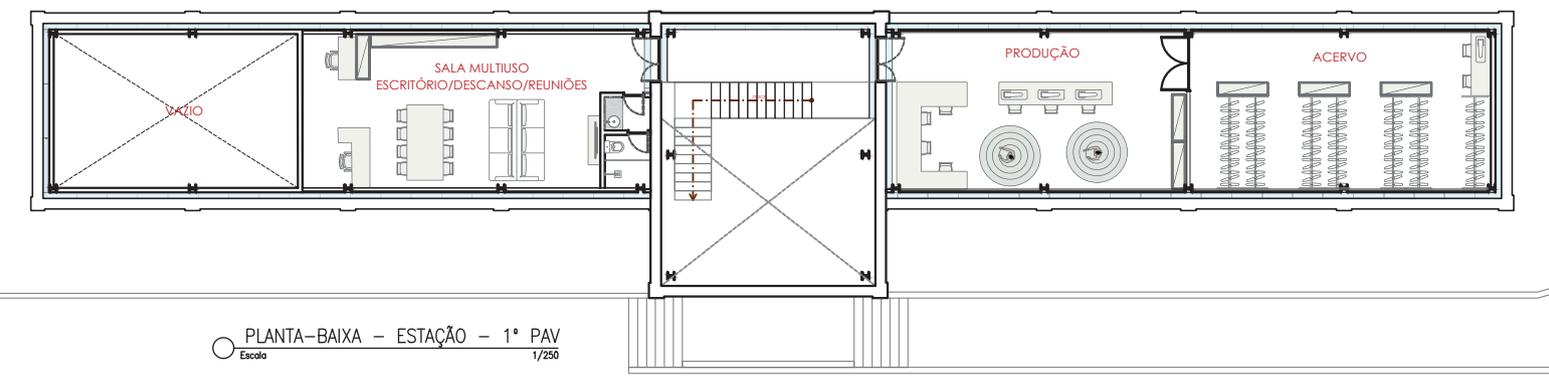
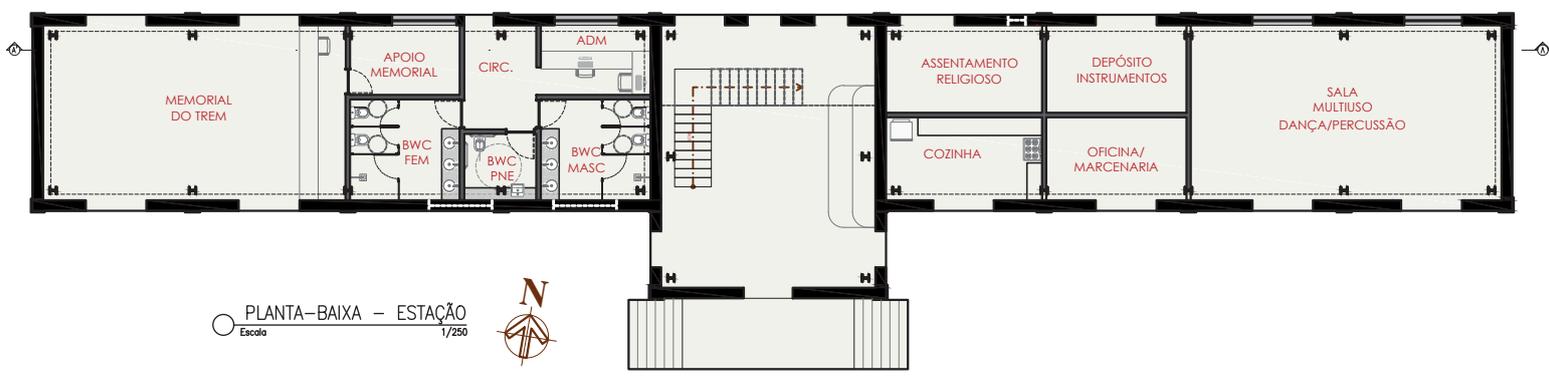
2 - Novas repartições internas

3 - Estrutura metálica interna recuada das fachadas

4 - Novos volumes se destacam internos à fachada criando 1º pavimento

5 - Reconstituição da coberta em telha colonial no volume central e nas plataformas







esquadrias pivotantes

vedação com vidro translúcido e iluminação cênica marcando externamente a separação dos volumes

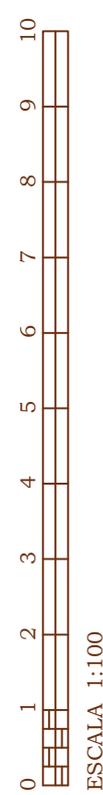
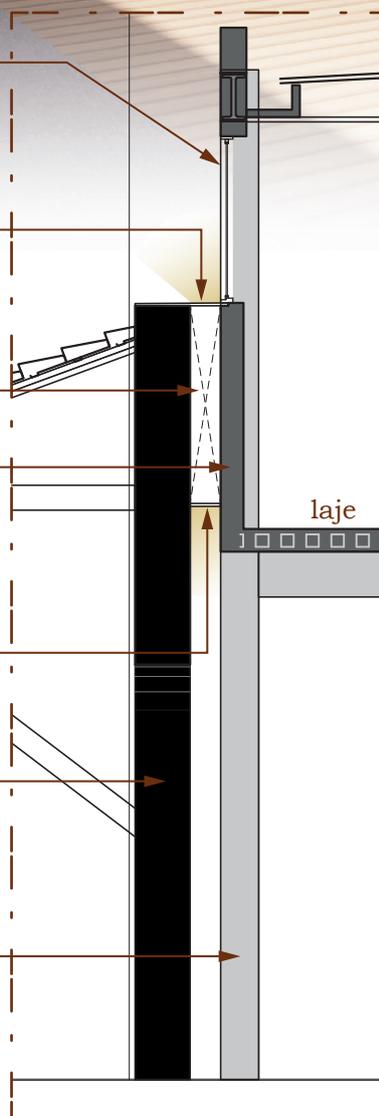
vazio para separação dos volumes e passagem de infraestrutura

alvenaria do primeiro pavimento

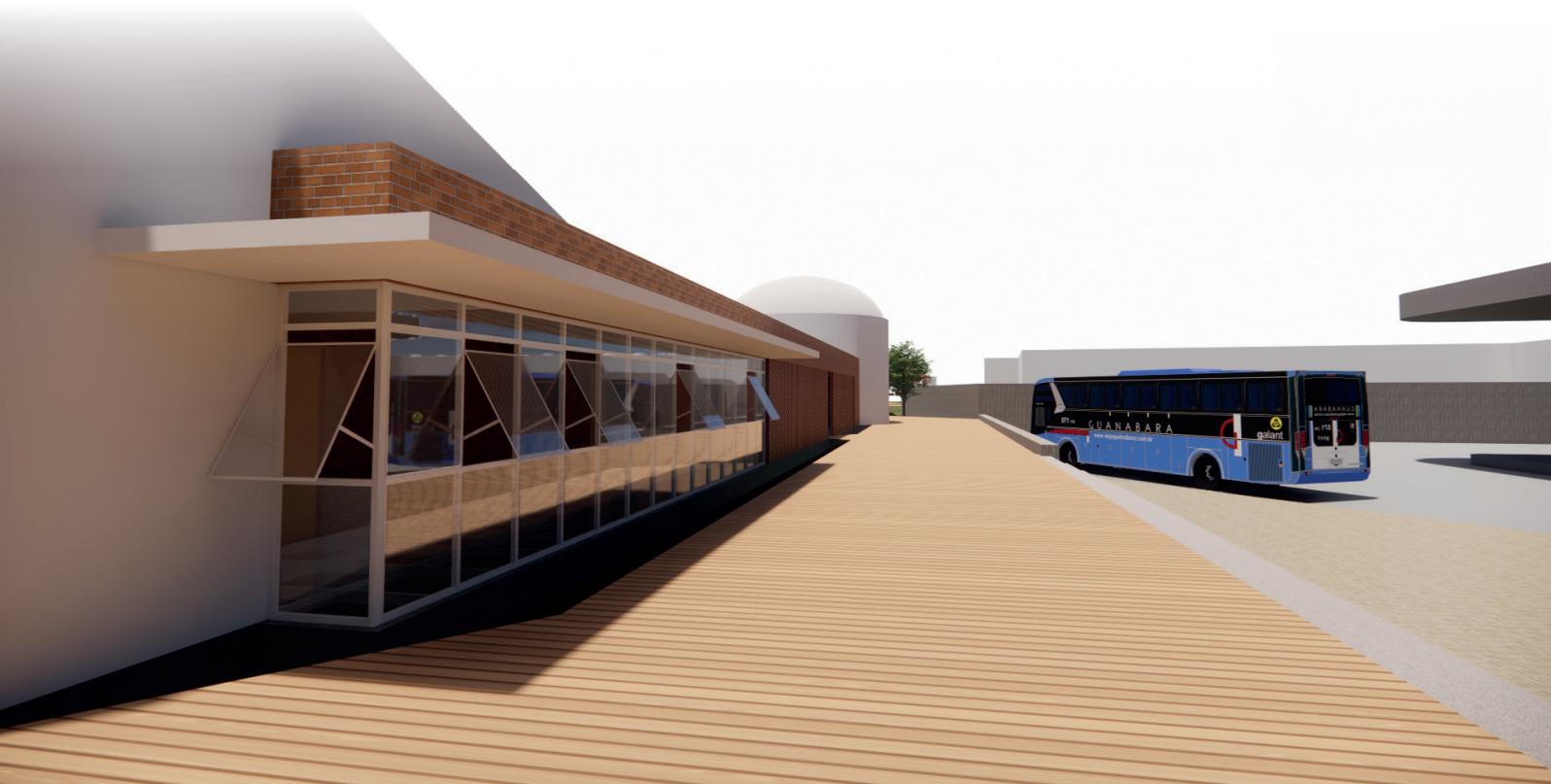
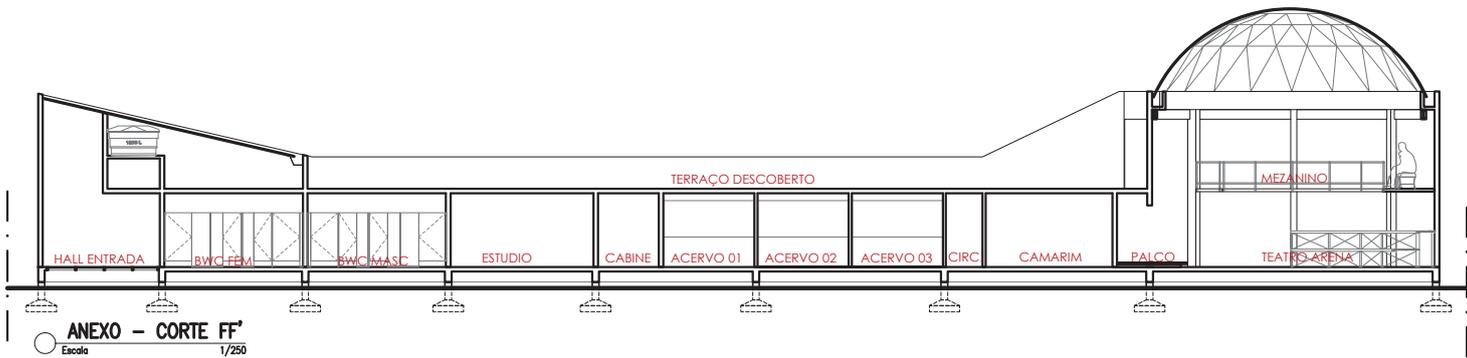
vedação com vidro translúcido e iluminação cênica marcando internamente a separação dos volumes

casca de alvenaria portante do edifício original

estrutura metálica



○ DETALHE DA FACHADA  
escala 1/100

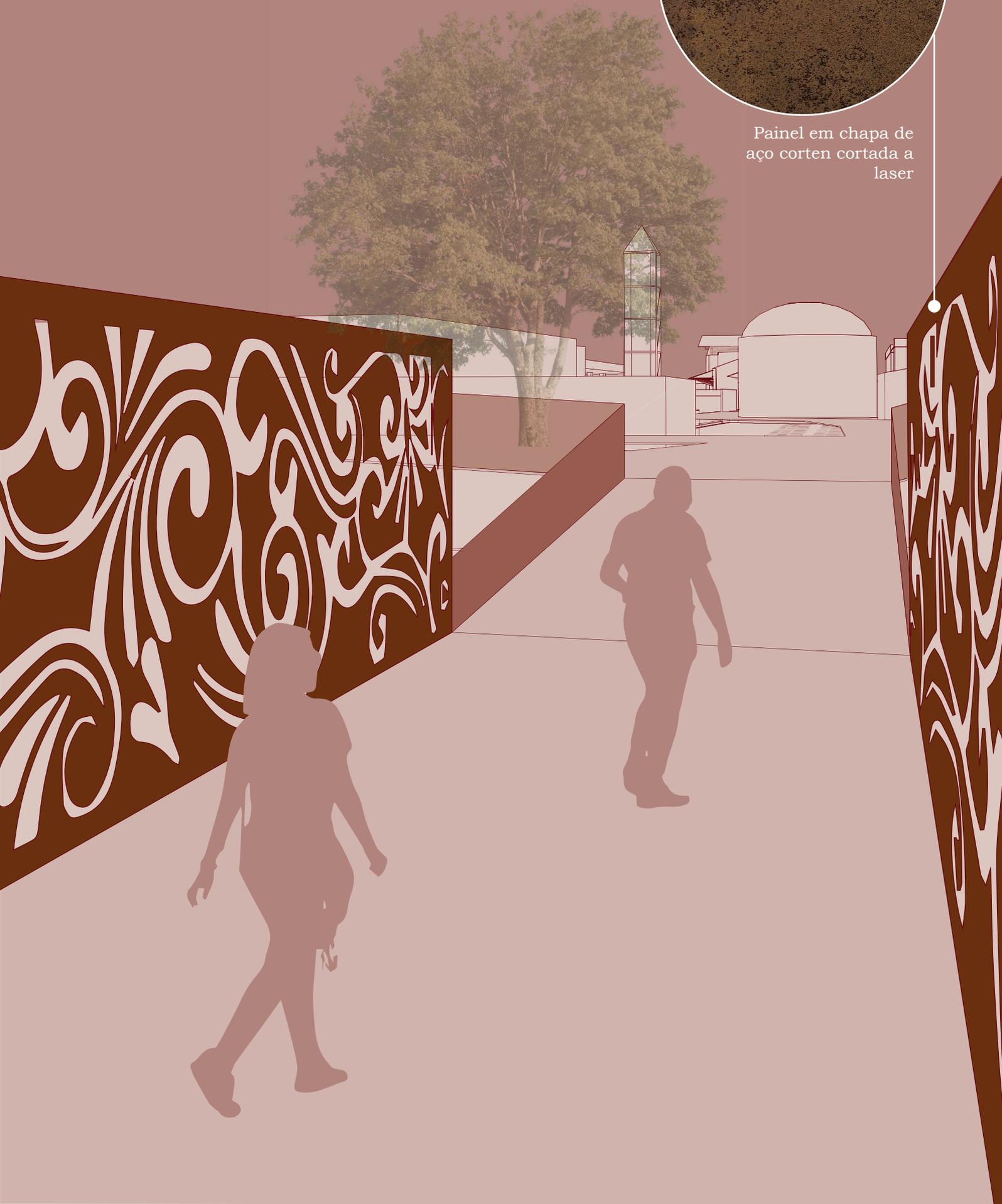








Painel em chapa de  
aço corten cortada a  
laser



## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. A. Baque Solto: Invento Folgazão. Em: FRANÇA, J.; SOUZA, M. R. (Eds.). **Patrimônio cultural imaterial de Pernambuco**. Recife: FUNDARPE, 2018. p. 127–153.

ANDRADE, M. DE. **Danças dramáticas do Brasil (2º Tomo)**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1982. v. 1

CALADO, D. M. Jaboatão dos trabalhadores ferroviários: cidade, cultura e memória. **XIII Encontro estadual de História**, 2020.

CARDOSO, A. L. **Usos, preservação e patrimonialização das estações ferroviárias de Pernambuco**. Dissertação—Recife: UFRPE, 2021.

CARDOSO, A. L.; ALBUQUERQUE, M. Z. A. Patrimônio ferroviário e urbanização em Pernambuco, Brasil. **PatryTer - Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidade**, v. 3, p. 66–80, set. 2020.

**Dona Joventina**, 2009. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=AEdVIAWZ-0g&t=618s&ab\\_channel=Iphan](https://www.youtube.com/watch?v=AEdVIAWZ-0g&t=618s&ab_channel=Iphan)>

FERREIRA, A. **Como polpa de ingá maduro: poesia reunida de Ascenso Ferreira**. [s.l.] Cepe, 2015.

FRANÇA FILHO, W. F. DE. **Tradições Compartilhadas: Maracatus-Nação e Grpos Percussivos na Efervescência Cultural de Pernambuco dos anos 1990**. Dissertação—Recife: UFPE, 2016.

IBGE. **Portal Cidades**. Brasil: [s.n.]. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/jaboatao-dos-guararapes/panorama>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

IPHAN. **Inventário do Patrimônio Ferroviário em Pernambuco**. Recife: IPHAN, 2009.

IPHAN. **Parecer nº83/2014 - DPI. Processo nº01450.010232/2008-04 - Pedido de Registro do Maracatu Nação**. , 20 out. 2014.

JORGE, J. **Pronunciamento de José Jorge em 03/06/2005**. . Em: 75ª SESSÃO NÃO DELIBERATIVA NO SENADO FEDERAL. Brasília: 3 jun. 2005. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/354925>>. Acesso em: 26 ago. 2023

LIMA, I. M. DE F. **Maracatus-Nação: ressignificando velhas histórias**. Recife: Bagaço, 2005.

LIMA, I. M. DE F. **Mas, o que é mesmo maracatu nação?** Salvador: EDUNEB, 2013.

MELLO E SILVA, M. **Reis Negros no Brasil Escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MILITÃO, J. W. R. **A história e a diversidade rítmica do maracatu**. Fortaleza: [s.n.].

MINISTÉRIO DO TURISMO. **O que é Ponto e Pontão de Cultura? Cultura Viva**, [s.d.]. Disponível em: <<http://culturaviva.gov.br/rede/faq/>>. Acesso em: 28 ago. 2023

MORAES FILHO, M. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2002.

PREFEITURA DE JABOATÃO DOS GUARARAPES. **Jaboatão dos Guararapes: conheça nossa rica história. A cidade**, [s.d.]. Disponível em: <<https://jaboatao.pe.gov.br/jaboatao-dos-guararapes/>>. Acesso em: 29 ago. 2023

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. Toma lá dá cá: o sistema escravocrata e a naturalização da violência. Em: **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 79–106.

SOARES, M. A “nação” que se tem e a “terra” de onde se vem: categorias de inserção social de africanos no Império português, século XVIII. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 2, p. 303–330, 2004.

**The Actress The Bishop and the Carnival Queen**. BBC Elstree, , 1991. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=3h07FctpTtU&ab\\_channel=RodrigoCortez](https://www.youtube.com/watch?v=3h07FctpTtU&ab_channel=RodrigoCortez)>. Acesso em: 9 ago. 2023

# ANEXO 01

## FICHA DO INVENTÁRIO

INVENTÁRIO DE CONHECIMENTO | Pernambuco

11 Ficha Individual dos Bens Imóveis



IPHAN

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO NACIONAL

Ministério da Cultura



01. LINHA: LTC - Linha Tronco Centro	02. MUNICÍPIO: Jaboatão	03. DISTRITO: Sede	04. ESPLANADA: Estação de Jaboatão	05. IMÓVEL: Estação
---	----------------------------	-----------------------	---------------------------------------	------------------------

06. CÓDIGO IPHAN: 5213004211	09. ENDEREÇO: Praça Dantas Barreto		
07. Nº TOMBO RFFSA: 1240007	10. COORDENADAS: Datum SAD 69 - UTM	11. ALTITUDE (m): 45	
08. INAUGURAÇÃO: 1885	LATITUDE: 0278029	LONGITUDE: 9102898	12. KILOMETRAGEM: 16,92



13. USO ATUAL: Abandonada	14. USUÁRIO / POSSE / CONCESSÃO/ PROP. ATUAL: ----		
15. NÍVEL DE PRESERVAÇÃO:	EXTERNO: <input type="checkbox"/> original <input type="checkbox"/> modificado <input checked="" type="checkbox"/> descaracterizado		
16. ESTADO GERAL DE CONSERVAÇÃO:	INTERNO: <input type="checkbox"/> original <input type="checkbox"/> modificado <input checked="" type="checkbox"/> descaracterizado		
	EXTERNO: <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> precário <input checked="" type="checkbox"/> ruínas		
	INTERNO: <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> precário <input checked="" type="checkbox"/> ruínas		

17. CARACTERIZAÇÃO DO IMÓVEL:	<b>ESTRUTURA/MATERIAIS:</b> Apresentando planta retangular em dois pavimentos apenas no corpo central, a estação de Jaboatão possui sistema estrutural em alvenaria portante e revestimento em reboco e tinta com barramento texturizado à meia altura. A cobertura possui duas inclinações, estrutura em madeira e recobrimento em telha canal com cumeeira paralela aos trilhos no térreo, porém perpendicular aos trilhos no pavimento superior. Sobre a plataforma de embarque em continuação à fachada longitudinal da estação, existe uma estrutura de cobertura com onze pilares em ferro e outra em concreto armado com pilares em perfil "T" na segunda plataforma localizada do lado oposto da linha. As aberturas apresentam vãos em arcos abatidos, na sua grande maioria sem as esquadrias, que são em madeira com bandeiras em gradil de ferro. Foram encontradas também novas aberturas em vergas retas com vedação em elemento vazado de concreto. O piso é em cimentado na plataforma de embarque e também no interior da estação.		
COBERTURA:	<b>TELHAMENTO:</b> <input type="checkbox"/> telha francesa <input checked="" type="checkbox"/> telha canal <input type="checkbox"/> ardósia <input type="checkbox"/> amianto <input type="checkbox"/> metálica <input type="checkbox"/> vidro <input type="checkbox"/> outro:	<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO:</b> <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> precário <input checked="" type="checkbox"/> ruínas	
PAREDES:	<b>ESTRUTURA:</b> <input checked="" type="checkbox"/> madeira <input checked="" type="checkbox"/> metálica <input type="checkbox"/> concreto armado <input type="checkbox"/> outro: <input checked="" type="checkbox"/> alvenaria <input type="checkbox"/> pedra <input type="checkbox"/> madeira <input type="checkbox"/> taipa <input type="checkbox"/> metálico <input type="checkbox"/> outro:	<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO:</b> <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular <input checked="" type="checkbox"/> precário <input type="checkbox"/> ruínas	
ESQUADRIAS:	<input checked="" type="checkbox"/> madeira <input type="checkbox"/> vidro <input checked="" type="checkbox"/> metálica <input type="checkbox"/> outro:	<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO:</b> <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> precário <input checked="" type="checkbox"/> ruínas	
PISO PREDOMINANTE:	<input type="checkbox"/> cerâmico <input type="checkbox"/> madeira <input type="checkbox"/> pedra/rocha <input type="checkbox"/> tábua corrida <input type="checkbox"/> ladrilho <input checked="" type="checkbox"/> cimentado <input type="checkbox"/> concreto <input type="checkbox"/> metálico <input type="checkbox"/> outro:	<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO:</b> <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular <input checked="" type="checkbox"/> precário <input type="checkbox"/> ruínas	
COMPONENTE ESTRUTURAL (da edificação):	<input checked="" type="checkbox"/> alvenaria portante <input type="checkbox"/> madeira <input type="checkbox"/> pedra/rocha <input type="checkbox"/> concreto armado <input type="checkbox"/> metálico <input type="checkbox"/> outro:	<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO:</b> <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular <input checked="" type="checkbox"/> precário <input type="checkbox"/> ruínas	
REVESTIMENTO:	<input checked="" type="checkbox"/> reboco e tinta <input type="checkbox"/> pedra aparente <input type="checkbox"/> tijolo aparente <input type="checkbox"/> cerâmica <input type="checkbox"/> outro:	<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO:</b> <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> precário <input checked="" type="checkbox"/> ruínas	
18. COMPOE CONJUNTO FERROVIÁRIO?	<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> bem isolado	19. LINHA/RAMAL/SUB-RAMAL EM OPERAÇÃO:	<input type="checkbox"/> erradicada <input type="checkbox"/> desativada <input checked="" type="checkbox"/> ativa
20. POSSUI BENS MÓVEIS E INTEGRADOS?	<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	21. Nº DA FICHA DE ARROLAMENTO:	042/1
22. NÍVEL DE PROTEÇÃO DO IMÓVEL:	<input type="checkbox"/> municipal <input type="checkbox"/> estadual <input type="checkbox"/> federal <input checked="" type="checkbox"/> nenhum		23. POSSUI VIGILÂNCIA? <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não

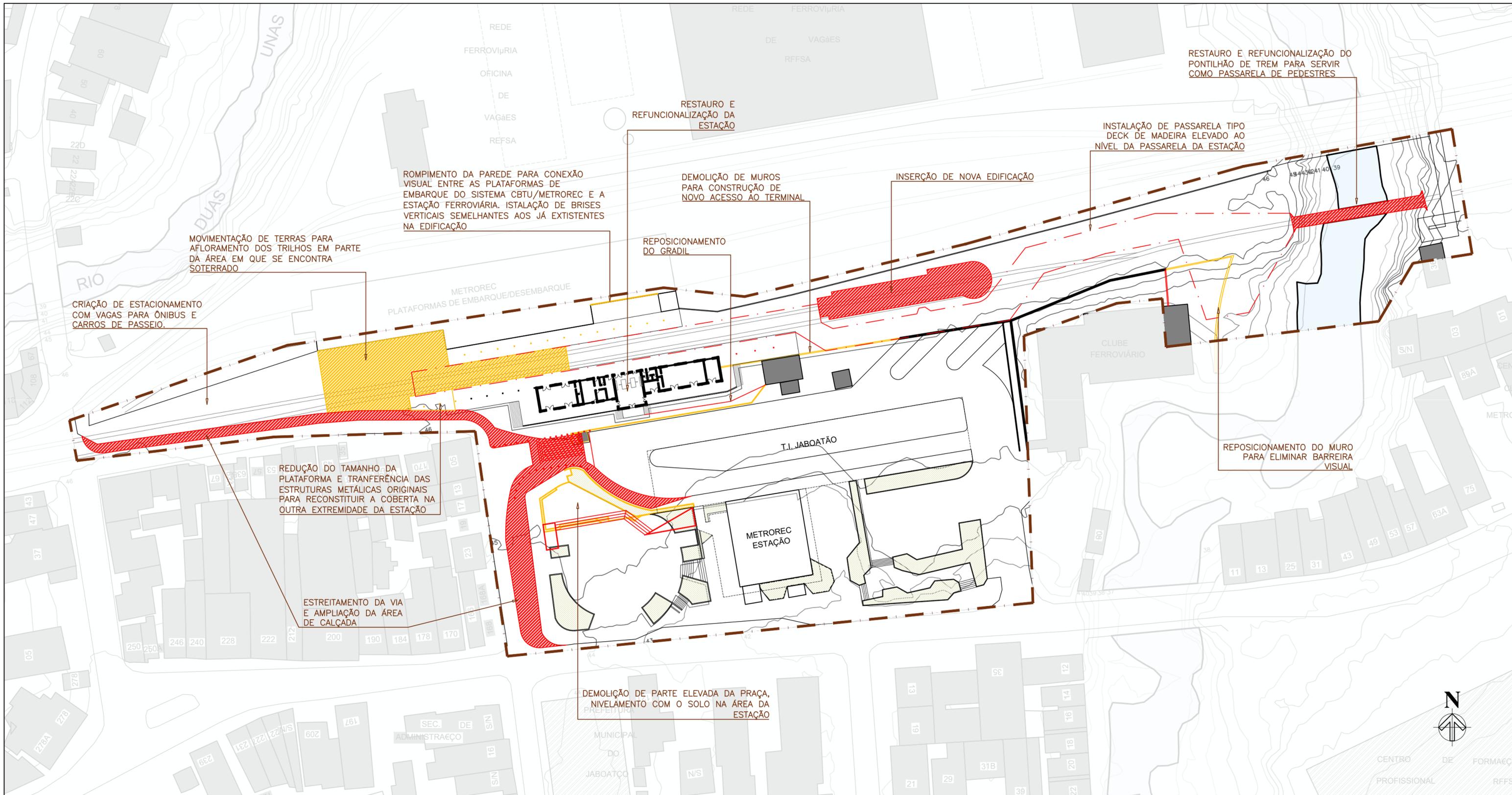
**24. ASPECTOS HISTÓRICOS DO IMÓVEL (INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS):**  
 Há alguns anos atrás a estação abrigou um bar, o que fez com que o seu espaço interno fosse modificado para abrigar a nova função. Para isso houve uma reconfiguração interna de alguns espaços e também a troca de acabamentos como piso e revestimentos de paredes com cerâmica, por exemplo.

25. EXISTE INTERESSE LOCAL NA UTILIZAÇÃO DO IMÓVEL? <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não	26. NOME DO ÓRGÃO/ INSTITUIÇÃO QUE TEM INTERESSE: ----	27. QUE TIPO DE USO? ----
28. CONTATO LOCAL (nome, endereço e telefone de contato): ----		

29. OBSERVAÇÕES: O terminal de integração de ônibus urbano em frente à estação dificulta o acesso ao imóvel, pois a rua em frente à estação foi fechada para a entrada exclusiva dos ônibus. Um outro dado é a existência de barracas de lanche coladas ao muro da estação, executadas inclusive com a utilização de materiais retirados do próprio imóvel, tais como linhas das mãos francesas e telhas.	30. DATA: 23/01/2009
--	----------------------

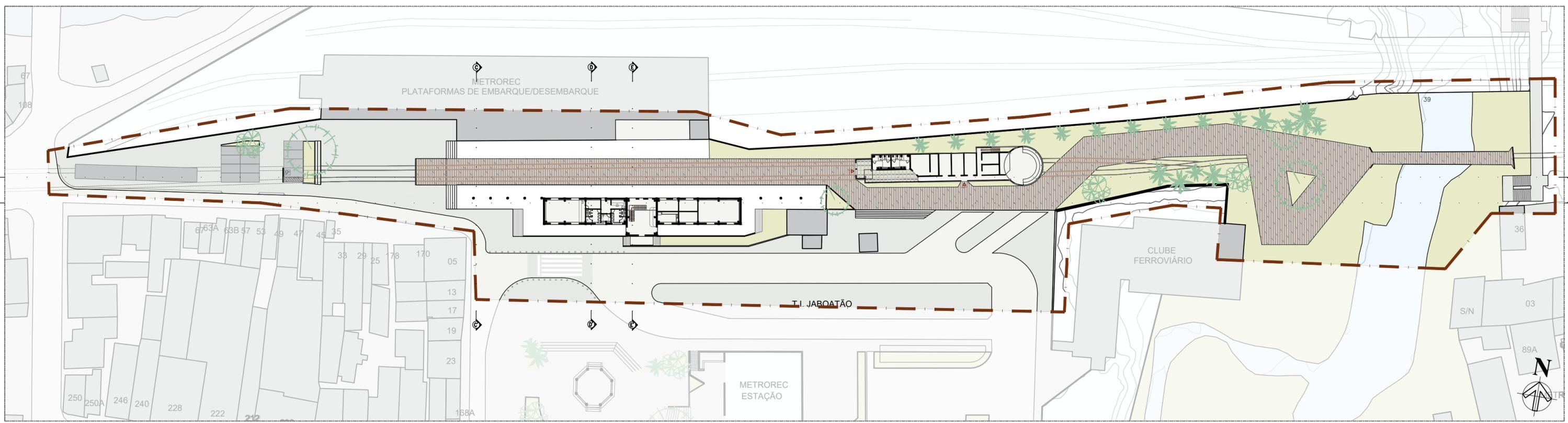
# APÊNDICE 01

## FRANCHAS DO PROJETO



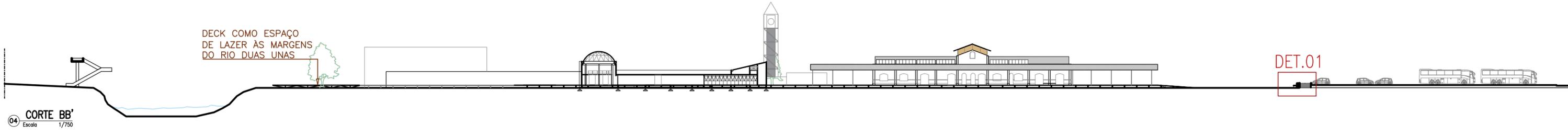
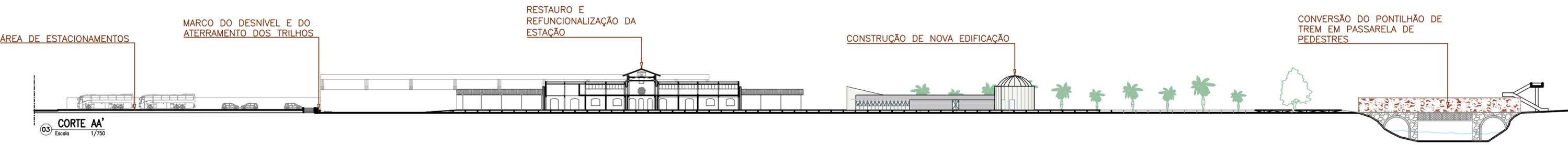
Autor do projeto: Lysandra Paz		
Orientador: Pascal Machado		
Assunto: TC2		
Conteúdo: MODIFICAÇÕES PREVISTAS		
Desenho: Lysandra Paz	Revisão: R00	Prancha:
Data: 06/11/2023	Escala: 1/750	01/06

LEGENDAS



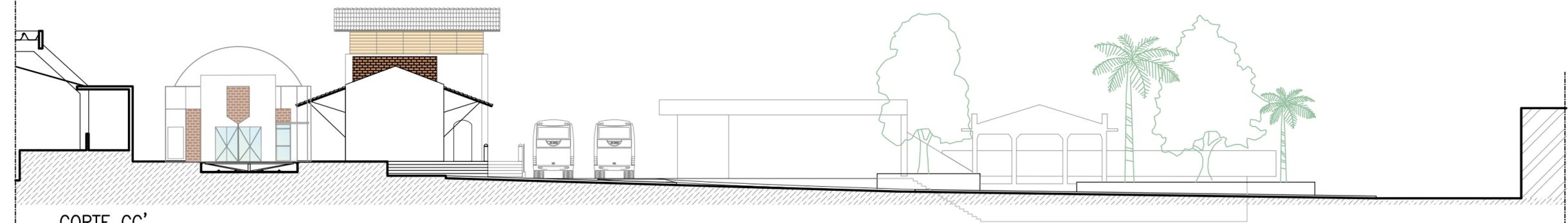
02 SITUAÇÃO

Escala 1/750

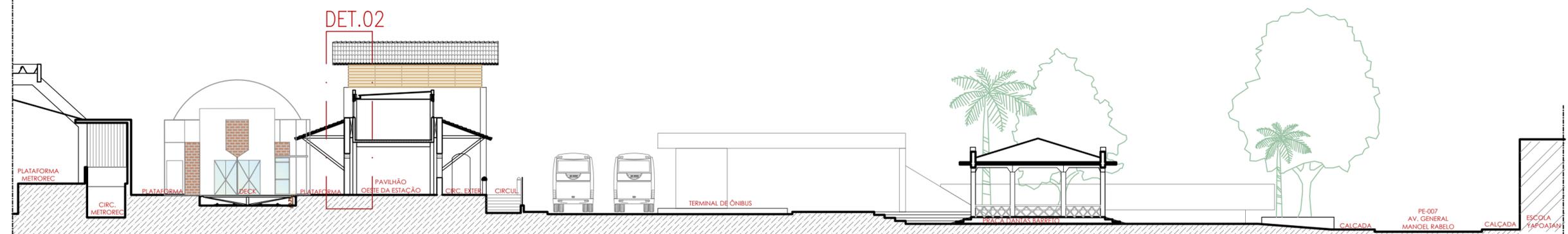


Autor do projeto: Lysandra Paz		
Orientador: Pascal Machado		
Assunto: TC2		
Conteúdo: PLANTA DE RÉS-DO-CHÃO		
Desenho: Lysandra Paz	Revisão: R00	Prancha: 02/06
Data: 06/11/2023	Escala: 1/750	

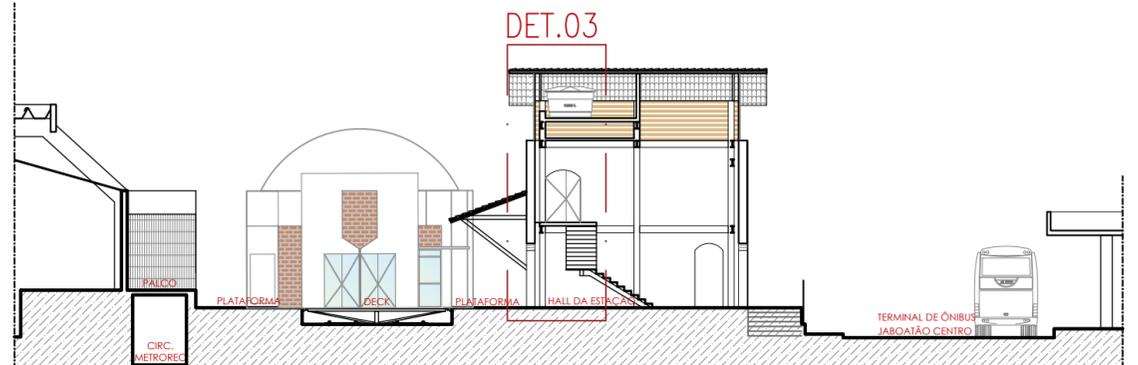
LEGENDAS



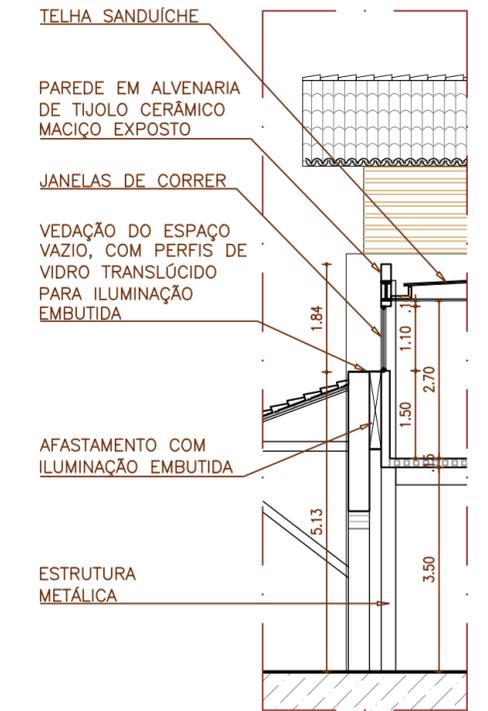
05 CORTE CC'  
Escala 1/250



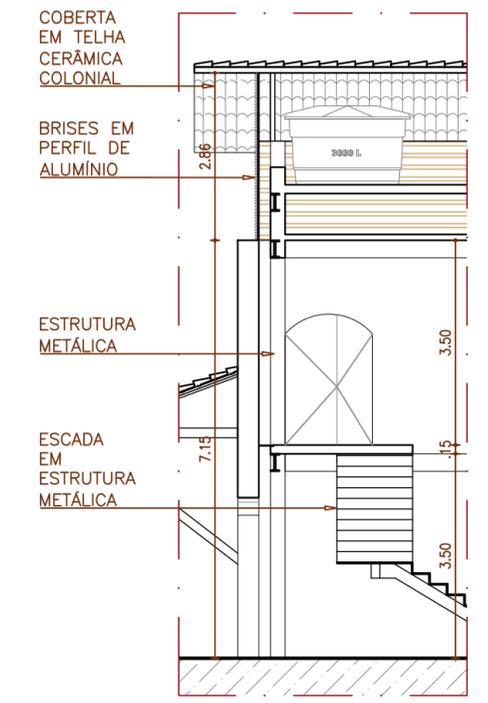
05 CORTE DD'  
Escala 1/250



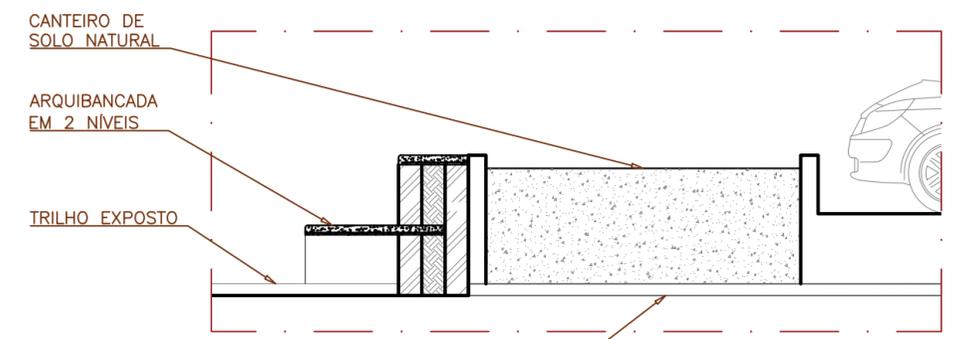
05 CORTE EE'  
Escala 1/250



DET.02



DET.03

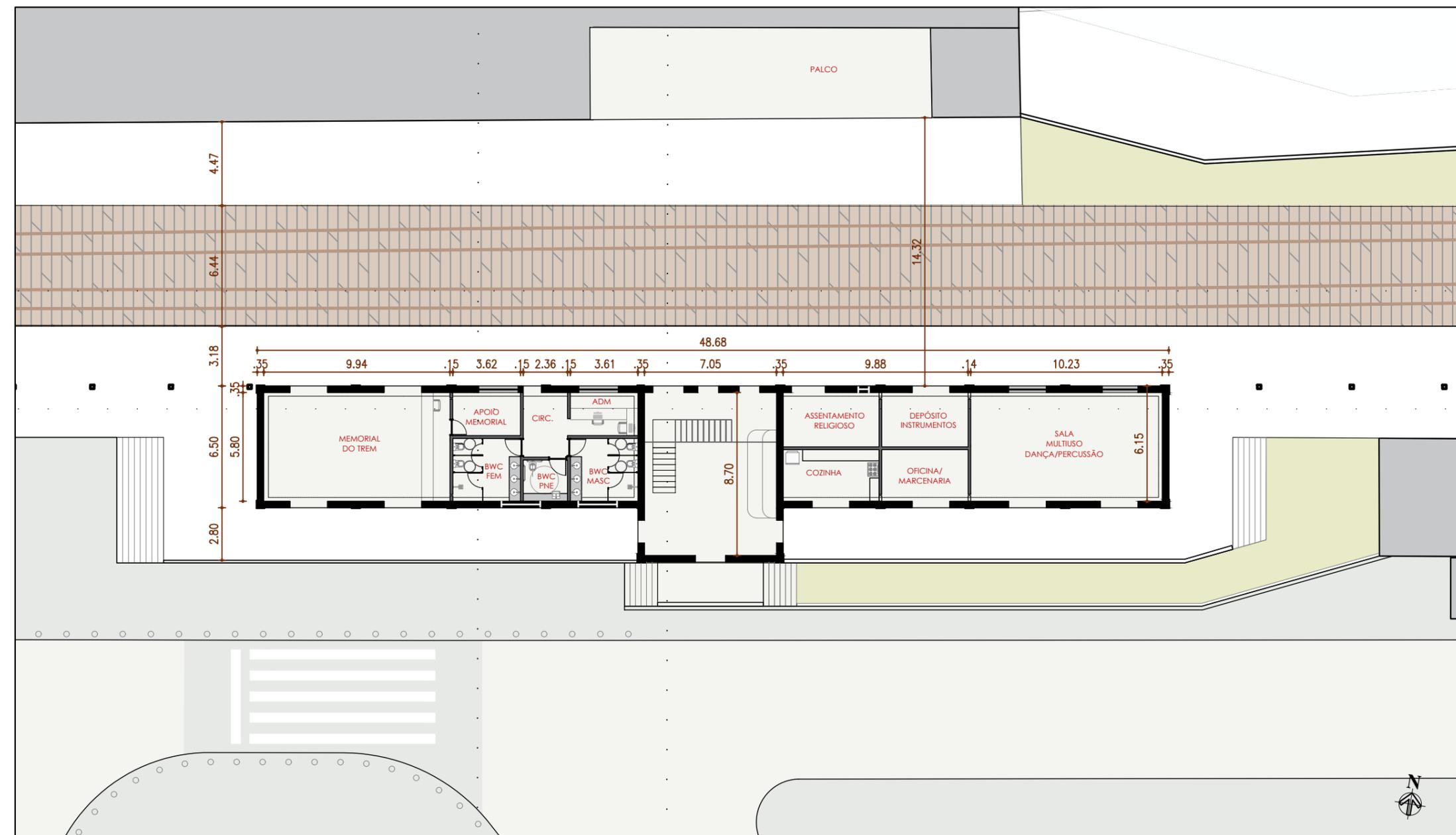


DET.01

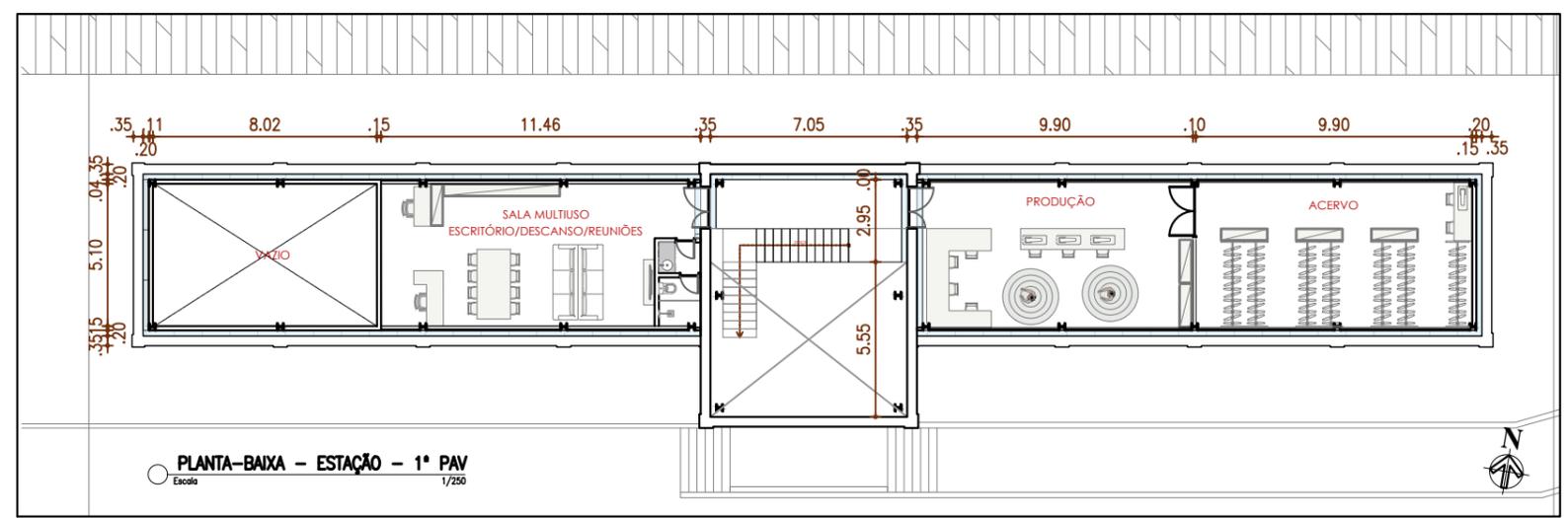
Autor do projeto: Lysandra Paz		
Orientador: Pascal Machado		
Assunto: TC2		
Conteúdo: CORTES E DETALHES		
Desenho: Lysandra Paz	Revisão: R00	Prancha:
Data: 06/11/2023	Escala: VAR	03/06



LEGENDAS



PLANTA-BAIXA - ESTAÇÃO TÉRREO  
Escala 1/250

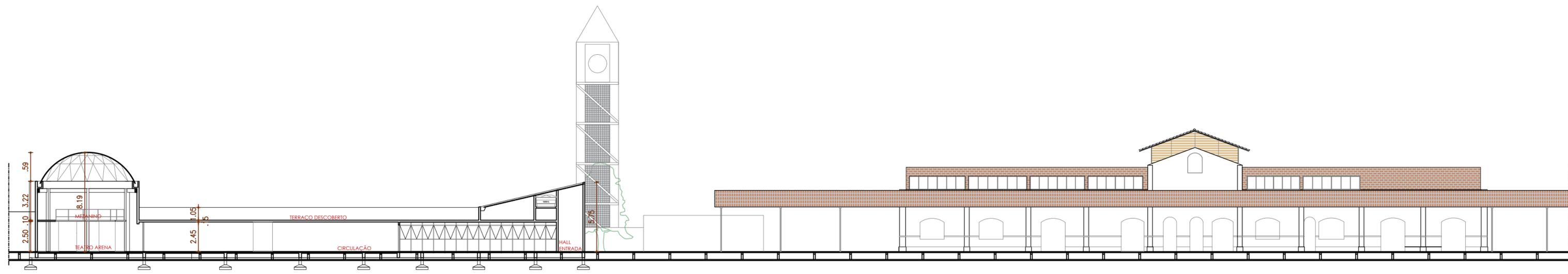


PLANTA-BAIXA - ESTAÇÃO - 1º PAV  
Escala 1/250

Autor do projeto: Lysandra Paz		
Orientador: Pascal Machado		
Assunto: TC2		
Conteúdo: ESTAÇÃO FERROVIÁRIA		
Desenho: Lysandra Paz	Revisão: R00	Prancha:
Data: 06/11/2023	Escala: 1/250	04 /06

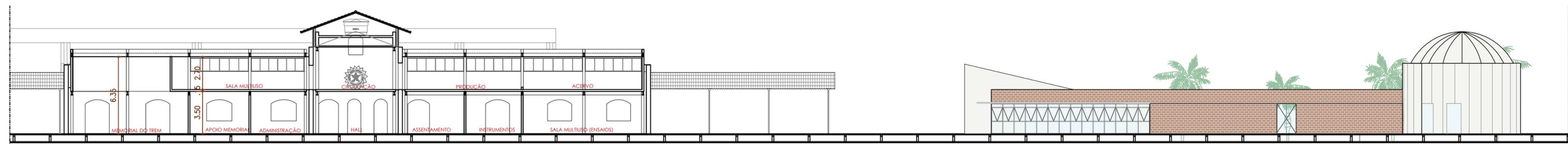


LEGENDAS



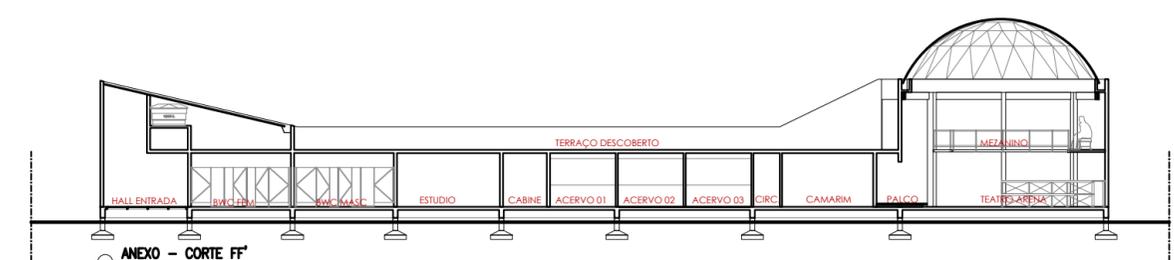
**CORTE AA'**  
Escala 1/250

**FACHADA NORTE**  
Escala 1/250

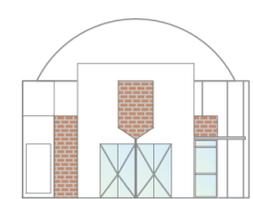


**CORTE BB'**  
Escala 1/250

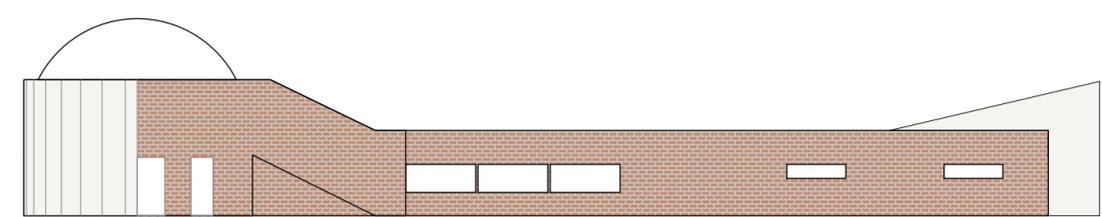
**FACHADA SUL**  
Escala 1/250



**ANEXO - CORTE FF'**  
Escala 1/250



**FACHADA OESTE**  
Escala 1/250



**FACHADA NORTE**  
Escala 1/250

Autor do projeto: Lysandra Paz		
Orientador: Pascal Machado		
Assunto: TC2		
Conteúdo: CORTES		
Desenho: Lysandra Paz	Revisão: R00	Prancha:
Data: 06/11/2023	Escala: 1/250	<b>06/06</b>